

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**NEGÓCIO DE ACAMPAR PRÁ PEGAR TERRA É PRÁ CABRA MACHO -
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO LUGAR DE MILITÂNCIA POLÍTICA NO MST:
UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO**

WILMAR ROBERTO GAIÃO

CAMPINA GRANDE - PB
JULHO - 2001

WILMAR ROBERTO GAIÃO

**NEGÓCIO DE ACAMPAR PRÁ PEGAR TERRA É PRÁ CABRA MACHO -
A Construção Social do Lugar de Militância Política no MST:
Uma Discussão de Gênero**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da
Universidade Federal da Paraíba em cumprimento às
exigências para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz Albuquerque Júnior

Co-orientação: Profa. Dra. Glacy Goski

Campina Grande - 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

NEGÓCIO DE ACAMPAR PRÁ PEGAR TERRA É PRÁ CABRA MACHO –
A Construção Social do Lugar de Militância Política no MST:
Uma discussão de Gênero

Wilmar Roberto Gaião

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz Albuquerque Júnior

Co-orientação: Profa. Dra. Glacy Goski

COMISSÃO EXAMINADORA:

CAMPINA GRANDE, 19 DE JULHO DE 2001

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

AGRADECIMENTOS

Após terminarmos esta dissertação, são muitos aos quais sentimo-nos com o compromisso do agradecimento, pois multiplicam-se as lembranças de todos os que contribuíram de alguma forma para a sua realização.

-Inicialmente agradeço a todos os meus familiares. Meus pais, Manoel e Lourdes, meus irmãos Walmir e Tânia, e a Bibi, aos cunhados que nos ajudaram a todo instante, bem como a Miguel e Ana Fábia.

-A minha esposa Elizanete, minha filha Emily e meu filho Ítalo, que tanto souberam suportar e incentivar a todo instante com afetividade e carinho, na chatice “natural” de todo mestrando;

-Ao meu orientador Durval Muniz que conseguiu, com interesse e responsabilidade guiar-me pelo caminho das pedras, com toda a generosidade e competência;

-À professora Glacy pela sua presença e atenção desde os primeiros momentos;

-Aos colegas de turma Pedro, Zélia, Josilene, Assunção e Isabel, que nos ajudaram tanto na nossa investida numa nova área do conhecimento;

-Aos professores Edmundo e Cristina pela crença na nossa capacidade.

-Aos professores do mestrado que nos acolheram tão bem, como Edgar, Marilda, Deolinda, Eric, Jacob, Paulo Ortiz, Terry, Ghi, Rodrigo e tantos outros que tanto nos beneficiaram academicamente;

-A todos os militantes do MST-PB, que tão bem nos acolheram na nossa pesquisa.

-A Joãozinho, Verinha e Rinaldo que sempre nos atenderam cordiais e afetivos nas nossas necessidades na secretaria;

-À turma do Doutorado: Edwar, Emmanuel, Edjane, Jorge, Adilson e os demais, que nos ajudaram a dar o rumo teórico necessário.

-À CAPES, que nos possibilitou o estudo através da bolsa concedida;

-Que todos, de coração, possam realizar seus sonhos.

“Foi minha mulher que me ensinou a não-violência, quando tentei dobrá-la à minha vontade. A sua resistência obstinada, de um lado, e, do outro, a tranqüila submissão no sofrimento que padecia por causa da minha estupidez, agiu de tal modo em mim que comecei a envergonhar-me e deixei de acreditar que tinha por natureza o direito de dominá-la. Destarte, ela tornou-se o meu mestre da não-violência.”

Gandhi

SUMÁRIO

RESUMO

RÉSUMÉ

INTRODUÇÃO..... 1

**CAPÍTULO I - A INVENCÃO DO MST
E O PERFIL DE GÊNERO DO MILITANTE..... 12**

1. O Batismo do Veleiro..... 12
2. No diário de bordo, uma historicidade para as ondas..... 19
3. Terra à vista!..... 27
4. Beijando um novo chão..... 31
5. De amor eterno seja símbolo..... 42
6. Navegar é preciso...Eis o navegante..... 50

CAPÍTULO II - TECNOLOGIAS DA SUBJETIVIDADE MILITANTE..... 55

1. Do pó se fez o homem..... 55
2. Soletre! Li-ber-da-de!..... 57
3. Apontar armas!..... 75
4. Homem que é homem não chora..... 86
5. Peito prá fora, barriga prá dentro..... 93

CAPÍTULO III - O MILITANTE E SUA SUBJETIVIDADE..... 112

1. Muié! Faz o café aí!..... 112
2. Trabaiadô prá arrebentar a boca do balão!..... 122
 - Sem ser trabaiadô é parasita..... 124
3. Foi meu pai quem me ensinou..... 131
4. Faz vinte e nove anos que acunho a chave de fenda..... 138
 - Quantas macacadas você deu com ele muié?!..... 143
 - Se bater fofo, leva nome de fresco..... 146
 - Eu não preciso de injeção..... 147
 - Televisão só ensina muié fazer safadeza..... 148

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 151

BIBLIOGRAFIA..... 155

ANEXOS..... 160

RESUMO

Procuramos desenvolver nesta dissertação uma análise da construção social do lugar da militância política no MST, a partir de uma análise de gênero, enquanto um lugar discursivo elaborado socialmente.

Para isso desenvolvemos um pesquisa através dos documentos do MST e de entrevistas de militantes já assentados, mas que tiveram participação em todo o processo de luta do acampamento, bem como no processo de assentamento.

Sendo assim, foram analisados perto de 100 documentos do movimento, bem como foram entrevistados 14 militantes do assentamento Massangana III - Cruz do Espírito Santo/Pb -, numa abordagem qualitativa através de história de vida, observação participante e análise de discurso.

Inicialmente buscamos caracterizar o gênero do modelo de militante do Movimento dos Sem Terra, segundo os critérios socialmente definidores do que seja masculino e feminino.

No segundo capítulo buscamos aprofundar as estratégias que o MST propõe para a construção desse modelo de militante, construindo a subjetividade desse modelo através de estratégias educativas, formativas, emocionais e corporais do militante.

Finalmente, no terceiro e último capítulo buscamos compreender as repercussões do modelo e das estratégias do MST, sobre as subjetividades dos militantes, percebendo também como eram tratados as subjetividades dissidentes que não assumiam o modelo masculino e viril proposto pelo movimento.

Verificamos assim que, dentro do MST não ocorre profundas transformações nas relações de gênero, pois o movimento apresenta um modelo de militante e um processo de subjetivação desse modelo que reforça o modelo socialmente construído, em que o masculino, enquanto uma construção socialmente construída de forma viril, deve dominar e impor-se sobre o feminino.

INTRODUÇÃO

Nos meses que trabalhamos na elaboração desta dissertação, um processo ininterrupto de auto-reflexão esteve sempre presente, advindo da própria inquietação com as relações de gênero que fez surgir a busca pela sua realização. A inevitável consequência disso, é que uma parte significativa de nós mesmos está invariavelmente presente na escolha do nosso próprio objeto, mudando e sendo mudado a partir do processo de pesquisa.

Tal inquietação nos levou a escolhermos pesquisar a masculinidade dentro de um movimento social como o MST, com o questionamento se a sua forma de mobilização social se firma dentro dos padrões dominantes de fazer política através da força e da agressividade, cujas qualidades são socialmente definidoras do masculino, numa sociedade que como afirma FREIRE(1981), cada vez mais se feminiliza.

Como consequência, no mobilizamos para ver se o MST representa um território no qual a masculinidade teria consistência e definição, e buscaria impossibilitar o fluxo e a fluidez e a reflexividade reinante na época atual.

Por outro lado, nessa condição de questionamento e reflexividade, ao olharmos para a nossa própria subjetividade, pudemos perceber nela também a construção de um território através da família e que necessariamente teria que ser reelaborado por nós mesmos, numa atitude singularizadora e reflexiva, gerando uma redefinição entre os modelos elaborados no próprio contexto familiar, enquanto um *locus* de construção de subjetividade.

Tal situação pessoal nos possibilitou questionar se o MST, conforme a família, representaria um produtor e serializador de subjetividade, que busca também estancar o fluxo social de transformação social do modelo masculino.

Evidentemente, todo este processo também nos fez ver que seria necessário pensarmos o masculino enquanto uma construção social, nos afastando da nossa formação inicial que nos levava a pensá-lo como essência. Tal condição de pensar o masculino como uma construção nos possibilitou entender tanto a nossa condição, bem como a do próprio movimento.

Imerso neste processo de pesquisa com a nossa própria subjetividade, reconhecemos que qualquer resposta que apresentarmos através desta dissertação, é antes de

tudo uma resposta que elaboramos para nós mesmos, nas limitações pertinentes ao nosso próprio modo de olhar, da nossa subjetividade e até dos nossos limites acadêmicos. Esta é, portanto, uma resposta relativa.

Neste sentido, uma nova forma de lidar com o masculino e conseqüentemente com o próprio feminino como lugares construídos socialmente e com os quais também construímos nossa própria subjetividade, sem termos que assumirmos posições absolutas e radicais, que no nosso entender, só levam a maximização da destruição, do engano e da dor. Sua única forma de ser absoluta, só se dá relativo a mim mesmo.

Diante desse assumir uma resposta relativa e pessoal, que quando muito responde ao próprio pesquisador, poderíamos questionar o porque deste trabalho para a academia. Mesmo diante do relativismo a que submetemos o saber acadêmico e do subjetivismo a que está submetido, podemos afirmar alguns pontos importantes da realização desta dissertação.

Inicialmente podemos afirmar a sua importância do ponto de vista do Movimento dos Sem Terra. Trata-se de um movimento que tem uma base ideológica socialista para a política e para a agricultura.

Vivendo-se em um momento teórico, como afirma HARVEY(1992:17) em que muda-se a estrutura de sentimento e se rejeita as metanarrativas, numa crise das opções teóricas que buscam dar conta de responder a tudo com aplicação universalmente válida.

Em que os espírito de progresso da racionalidade iluminista são postos em cheque, com as certezas e as clarezas emancipatórias e liberais de suas idéias contraditadas pelos registros históricos das guerras do século XX que cada vez mais ficaram suscetível a sensação de fragmentação, efemeridade e mudança caótica como aponta Berman(in HARVEY, 1992:21).

Em que as intenções grandiosas da política de construir uma sociedade organizada nos preceitos da igualdade, da fraternidade, da liberdade e da consciência decaem diante de uma realidade em que a maioria nada mais é do que uma grande massa silenciosa que resiste, conforme afirma BAUDRILLARD(1994)

Em que os modelos para a agricultura são pensados de forma a dar margem a produção familiar como afirma ABRAMOVAY(1992), em que o agricultor deixa de ser um “saco de batatas”, podendo assumir a simples condição de agricultor.

Surge então o MST propondo uma resposta para a sociedade em que se apoia novamente numa metanarrativa, em uma forma *Marxo-iluminista*, para utilizar um termo

elaborado por ROUANET(1987). Renova os idéias de que a razão deverá salvar a todos. De que se pode construir um mundo fraterno, igual e justo para todos a partir da construção de uma nova consciência. De que a saída para a agricultura brasileira passa necessariamente pela coletivização, conquistada por uma militância política que vai buscar fazer surgir uma sociedade socialista.

Como então entendermos esse processo? Como ele se torna possível? Como não por na ordem do dia, o estudo de uma instituição que se move na direção oposta da história atual? Que qualidades ou atrasos ela pode ter diante deste fato? São questões que nos fazem refletir acerca da importância de estudar o MST no momento.

Por outro lado, vivemos um momento em que a masculinidade, enquanto um lugar de uma certeza inicia um processo de redefinição, apontada pelo psicólogo NOLASCO(1993), fazendo surgir novos significados para o que seja masculinidade que desestabilizam as estruturas elaboradas e fixas que se consideravam edifícios inabaláveis, é neste momento que surge o MST, como um movimento que parece propor indiretamente uma saída também para esta crise, através do seu modelo de militante agressivo e viril.

Estamos diante de dois processos distintos e complementares. O processo de territorialização que o MST oferece, mas que é abalado pela desterritorialização de fora, pelo movimento fragmentário que toma toda as dimensões subjetivas, e de dentro, pelas singularidades inevitáveis que se encontram presentes.

Em meio aos territórios abalados pelos movimentos sísmicos da história e que trazem consigo marcas de mudanças e de angústia, como todos os processos de transformações produzem, o MST vai oferecer duas formas de territorialização que passam pelo sentido sócio-político e pelo sentido masculino, produzindo uma expectativa de saída para um momento de crise que se apresenta, mas ao mesmo tempo desterritorializando os seus militantes num processo que se inicia pelo próprio nome que lhe é atribuído como militante sem terra.

Por isso mesmo vemos a importância do tema desta dissertação, pela possibilidade que oferece em discutir questões importantes na política, nas relações de gênero, nos movimentos sociais, da agricultura e da subjetividade.

Desse modo é que questionamos exatamente em que sentido um movimento social como o Movimento dos Sem Terra, consegue cumprir com o processo de desterritorialização de um modelo de política e de masculinidade, transformando o sentido

dominante que se dá a ambas, na medida em que se apega desesperadamente a territórios fixos já estabelecidos?

Quais os códigos que o movimento elabora no seu processo de desterritorialização, nos quais os militantes vão buscar os seus objetivos, subjetivando o modelo que o movimento exige, e que ao mesmo tempo possibilitam ao MST, enquanto instituição, possuir sujeitos suficientes para buscar realizar sua utopia?

O que o movimento exige para a realização desse modelo de sujeito social que é historicamente construído, mas que vai ser buscado construir não só sujeito social militante, mas um novo cidadão? Saber dos discursos sociais circulantes que o movimento se utilizou para construir o seu modelo de militante, é outra questão que se levanta nesta dissertação. Pretendemos fazer, por isso mesmo, uma análise deste modelo social de sujeito, bem como do próprio Movimento dos Sem Terra, segundo a fala do próprio movimento para localizar como ele próprio se constrói.

Num segundo momento problematizamos acerca de quais são os mecanismos de subjetivação que o movimento possui para poder elaborar no seu militante, esse lugar de sujeito? As tecnologias do eu e as estratégias de construção do militante serão objeto de estudo desta parte deste estudo. Analisaremos as práticas discursivas do MST que elaboram o lugar do militante para buscar responder a esta questão.

A seguir faremos um estudo dos sujeitos sociais presentes neste processo de sujeição ao modelo do Movimento dos Sem Terra, tentando detectar as formas com as quais manifestam a subjetivação desse modelo ideal construído para o militante. Neste momento necessitaremos fazer uma imersão nas falas dos militantes, buscando ver também como são tratados os que não conseguem subjetivar o modelo de gênero que o MST impõe.

Para realizarmos a pesquisa, possuímos inicialmente algumas outras questões que buscaremos responder. A primeira delas é que como está estruturado em termos de organização o MST?

Também questionamos se a proposta de uma sociedade mais justa e igualitária por parte do MST, está desvinculada da discussão em torno da dominação do modelo de masculinidade dominante na sociedade como um todo, bem como nas relações de gênero, dentro da própria estrutura do movimento.

Pensamos também que as discussões de gênero existentes dentro do movimento, não dão conta da simbologia e da ritualística desse movimento, enquanto práticas reforçadoras da dominação de um modelo de masculinidade. E finalmente, questionamos se a

uniformização e absorção do modelo de militante no movimento, reforça os códigos das relações de gênero.

Tais são fundamentais para o desenvolvimento do nosso raciocínio ao longo deste trabalho, para podermos analisar os códigos de gênero estabelecidos pelo movimento e os tipos de relações que se estabelecem dentro dele.

Para realizarmos esta pesquisa utilizamos os recursos da análise do discurso que nos permite entender a materialidade do sujeito através do seu discurso, onde as práticas discursivas, vão expressar um lugar de produção de sentido que nos possibilita perceber um lugar de sujeito social.

Trata-se de um recurso, que como afirma ORLANDI(2000:15) não se detém nem a língua, nem a gramática, mas no movimento do discurso e na prática da linguagem, no que *procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história.*

Na perspectiva das práticas discursivas tomamos o elemento discursivo como um ato social que vai produzir subjetividades e que necessariamente não tem que ser coerente, objetivo e claro. Pelo contrário, o discurso é contraditório, é múltiplo e complexo. Mas é nele onde se dá a materialização do sujeito social.

Também é nele que é possível se manifestar as singularidades, as dispersões, as irregularidades. Enquanto fatos sociais, as ações enunciativas do discurso são determinadas historicamente e a sua definição é relativa a uma determinada época, necessitando de um tempo e um espaço específicos que possibilitam a sua função enunciativa. Seus enunciados possuem um mesmo sistema de regras que seriam historicamente determinados.

Por outro lado, não dá para pensar em discurso, sem se encontrar um sujeito da enunciação. Por isso mesmo é necessário se refletir sobre a subjetividade enunciada, que não é única e unitária, mas múltipla e variada pelo próprio processo de subjetivação também recorrer a uma ampla variedade de fontes de sentidos e de modelos que se misturam.

Utilizamos também a história de vida, para que se torne possível resgatar as posições de sujeito dos informantes através do discurso rememorado, mesmo sabendo das limitações e divergências da utilização de tal recurso, haja visto a crítica da sua não objetividade e veracidade. Entretanto, como está se tratando de uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, o trabalho com a memória se torna fundamental para resgatar os lugares de sujeito.

Finalmente, utilizamos observações com a finalidade de se poder principalmente produzir dados que escapam a análise do discurso, como gestos, posturas, localidades, que apresentam discursos sobre o objeto estudado, fundamental para a análise realizada.

Desse modo é que buscamos fazer uma junção dos recursos metodológicos da história de vida, da observação, da pesquisa documental nos arquivos do MST, para se cruzar com a análise do discursos e poder buscar nas práticas discursivas do Movimento dos Sem Terra e dos seus militantes, o lugar de sujeito social enunciado e gerido, que poderá ser assumido ou não, conforme o discurso praticado.

Na realização desta pesquisa sobre o processo de construção do sujeito social militante do MST, utilizamos entrevistas com os participantes do assentamento Massangana III, escolhidos aleatoriamente. Inicialmente fizemos um processo de reconhecimento do assentamento, com uma média de cinco viagens, que se iniciou com um contato com Otomar, coordenador do MST/PB. Este apresentou o técnico do assentamento, Lindemberg, que ficou encarregado fazer a apresentação do assentamento.

No assentamento, fomos apresentados aos líderes da cooperativa e a da associação. Alguns donos de mercearia também foram apresentados, o que já dava para se ter um ponto de referência para iniciar a pesquisa.

As escolhas para serem feitas as entrevistas foram facilitadas pela disponibilidade que todos os assentados tinham em conversar com o pesquisador. Não houve em momento algum nenhuma resistência declarada ou mesmo velada para fornecer a entrevista. Alguns inclusive faziam questão de parar o serviço e vir oferecer “*um dedo de prosa*” sobre a sua vida e sobre a luta para a conquista da terra.

Além desta facilidade, também era fácil de realizar as entrevistas pelo fato de que o assunto também era encaminhado para falar sobre a masculinidade, e falar de masculinidade era sempre uma experiência prazerosa para os entrevistados, pois representava falar deles mesmos.

Existia um critério para que a entrevista pudesse ser realizada, que era o fato do entrevistado ter participado do período de acampamento de Massangana III. Quando eram declarado que aquele indivíduo participou desde o início, a entrevista tinha prosseguimento.

Foram entrevistadas 14 pessoas, dentre as quais três foram mulheres, pois eram as responsáveis pelo Posto de Saúde. Estas entrevistas somaram um total de 15 h de fita cassete, transcritas pelo próprio pesquisador.

De maneira geral, os entrevistados respondiam bem a utilização do gravador, diante do qual alguns falaram inclusive muitas coisas pessoais, tais como da vida sexual, sem o menor pudor ou dificuldade.

Para a realização das entrevistas tínhamos sempre um roteiro previamente estabelecido, com o qual podíamos nos orientar nas entrevistas. Em algumas delas, abandonamos totalmente o roteiro e seguimos o caminho que a conversa ditava.

Abordávamos os entrevistados de modo ocasional, sem apresentação prévia, estabelecendo-se um laço inicial de simpatia, para a seguir se questionar sobre sua participação no assentamento e acampamento. Se a resposta fosse positiva, seguia-se com uma apresentação superficial do entrevistador e do motivo da sua presença naquele assentamento e do desejo de realizar a entrevista com o mesmo. Daí em diante, sentava-se em algum lugar qualquer, ligava-se o gravador e dava-se início a entrevista, no clima de bate-papo. Com alguns dos entrevistados isso se deu em meio da roça e com outros na sua própria casa.

As entrevistas tiveram início no início do mês de junho e continuaram até o final do mês de julho de 2000. Antes porém, tivemos todo um período de observação que já havia sido iniciado em quinze de abril do mesmo ano, quando houve o primeiro contato com o assentamento, até o início do mês de junho, quando consideramos a necessidade de começar as entrevistas.

Foram feitas dezenove visitas ao assentamento e duas visitas à sede do MST em João Pessoa. Foi um período bastante agradável, no qual se pode estabelecer boas relações com os mesmos.

Das duas vezes que fomos para a cidade de João Pessoa, uma delas foi para que se tivesse acesso ao assentamento, logo no início da pesquisa. A outra foi para coletar material documental e de propaganda sobre o movimento, de onde se pode recolher um total de 91 publicações, dentre as quais estavam documentos referentes as normas do MST, revistas e jornais de divulgação do movimento, livros de militantes e partidos de esquerda, cadernos de formação dos vários setores do movimento, cadernos de músicas.

Além disso, conseguimos com um colega do curso de economia, Edmilson Guimarães da Silva, um Dossiê, contendo reportagens sobre a reforma agrária e sobre o Movimento dos Sem Terra, de vários jornais nacionais e locais, tais como a Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, revista Isto é, revista Manchete, revista Veja, Jornal da Paraíba, Diário da Borborema, Tribuna do Ceará. Também foi gravada uma reportagem do Jornal Nacional da Rede Globo de televisão.

Quanto ao assentamento Massangana III é um dos assentamentos existentes no Engenho Massangana. Existe ainda, naturalmente, os assentamentos Massangana I e Massangana II. Tal assentamento se localiza na rodovia federal BR-230, que liga as cidades de Campina Grande e João Pessoa, ficando a 46km da capital do Estado da Paraíba.

Fundado em 25 de maio de 1996, quando foi dada a emissão de posse, ele vai ter uma área de 816 ha, que está dividido entre 131 famílias, com uma área de 5,7 ha para cada família. Também existe uma área coletiva de trabalho que possui 15 ha. Está organizado na forma de Agrovila, possuindo energia elétrica, posto de saúde, campo de futebol, dois poços, uma escola, um armazém e vários pequenos comércios.

As populações dos municípios envolvidos no processo de ocupação foram Cruz do Espírito Santo, Santa Rita, Sapé, Itambé e Pedras de Fogo. Os trabalhadores seriam originários destes municípios, bem como da própria fazenda, onde já existia um grupo de posseiros, que embora não tenham feito parte efetiva da luta, pela condição privilegiada que possuíam, souberam dar apoio ao processo de luta.

O MST foi fundamental para a mobilização inicial de ocupação, pois foi responsável pela articulação e organização dos participantes. Por isso mesmo ele foi fundamental para o momento de luta no acampamento, bem como para a união de todo o grupo.

Após a primeira ocupação, quando já teria sido feita a declaração de falência da Usina Santana S/A em 1994, tendo sido também declarada improdutiva pelo INCRA, iniciou-se um processo de luta, com ocupações e despejos contínuos. Com a primeira ocupação teve-se um despejo imediato através da polícia militar. Cinco dias depois foram todos para a sede do INCRA na Paraíba, onde fizeram um acampamento durante quatro dias.

As providências tomadas pelo INCRA, foram as de levar todos para Água Fria, um assentamento existente no município de Mamanguape. Todos permaneceram neste assentamento durante oito meses, até que em 04 de fevereiro de 1996, foi feita uma nova ocupação da fazenda Massangana, em que todos ficaram acampados nos eucaliptos que beiravam a BR-230.

Foi dado início com isso, a um novo momento de luta dentro do processo de resistência para a conquista das terras da fazenda. Tal esforço acabaria por ser recompensado em 25 de maio de 1996, após pouco mais de um ano da luta da primeira ocupação.

Durante os primeiros momentos do assentamento, iniciou-se um processo de fundação de uma associação. Antes disso, porém, era necessário que fossem repartidas os lotes

individuais, o que foi feito através de sorteio. Somente os posseiros não quiseram participar do sorteio, permanecendo nos locais onde já estavam instalados.

Neste momento estariam presentes como cooperadores com os assentados o INCRA e o MST. Essas duas instituições entravam em confronto na orientação para promover o desenvolvimento do assentamento, o que acabou influenciando também na própria relação entre os assentados, pois uns apoiavam as idéias do MST e outros a do INCRA.

Enquanto que o INCRA desejava somente permanecer como órgão fiscalizador, criando uma associação que mediará simplesmente os interesses do Estado, o MST buscava criar uma associação que estivesse ligada ao movimento e que buscasse divulgar os ideais socialistas e militantes do MST.

Como o INCRA deteria o poder decisórios sobre os recursos necessários ao desenvolvimento do assentamento, ele acabaria predominando sobre o MST, que pelo contrário, necessitava que os militantes fornecessem uma verba de sua cota de dinheiro fornecida pelo governo para o próprio movimento e se submetessem a forma coletiva de trabalho, o que encontrava bastante resistência.

A própria forma de presidir a associação dos que estavam fazendo parte do MST e dos que se distanciavam dele eram diferentes. Enquanto que os que participavam do movimento tinham uma forma de dirigir mais coletiva, os que estavam afastados do movimento, realizavam uma forma de administração mais centralizada.

Tal situação de disputa pelo poder na associação só mudaria quando em 1998, acabaria sendo criada a cooperativa, como uma facção de 31 famílias dissidentes da associação, que já havia rompido com o MST, mas que a nova associação vai buscar reatar o vínculo.

Por outro lado, um grupo de sete famílias de assentados individuais resolveram sair também da associação, mas não se vincularam a cooperativa. Foi um grupo que ficou conhecido como o “grupo independente”. Não constituíram nenhuma organização e não promoveram nenhum trabalho para que fosse criada. Somente resolveram permanecer isoladas resistindo à filiação de qualquer das duas organizações existentes.

Tanto a cooperativa como a associação investem no sentido de trazerem esses agricultores para suas associações, pois eles representam uma derrota das políticas do governo, através do INCRA, bem como do próprio MST na sua busca pela coletivização do trabalho agrícola.

Justificamos a escolha deste assentamento por ser Massangana III, um assentamento que possuiu durante todo o processo de luta para a conquista da terra uma grande variedade de participantes que não tinham uma vivência de militância no movimento social, como afirma LAZZARETI(2000:100)

“A maior parte das sessenta famílias que participaram diretamente da luta para a conquista da terra não tinham prática de militância em movimento social algum.”

Essa característica dos que fizeram parte do processo de luta iniciais desse assentamento dá-nos a possibilidade de pensar na necessidade do movimento em realizar todo um processo de construção da subjetividade do militante para os seus participantes. É importante lembrarmos, entretanto, que estamos propondo neste capítulo, não um estudo de caso do assentamento, mas uma análise das práticas discursivas dos documentos do MST a nível local e nacional, entrelaçando-as com as práticas discursivas apresentadas na realidade de um assentamento.

Através deste cruzamento entre as práticas discursivas e não discursivas do MST a nível local, verificaremos se elas repõem as estratégias definidas a nível nacional e se estará buscando configurar o processo de produção da subjetividade da militância do MST.

Além da característica que apontamos anteriormente de que grande parte dos que fazem parte deste assentamento, não tenham experiência em nenhum movimento social, temos também um outro elemento importante para analisarmos, que é o fato de que está presente no total das 131 famílias assentadas, 40 famílias de posseiros que já residiam na fazenda anteriormente.

Nesse sentido, o MST fez todo um esforço no sentido de formar um espírito de militância política nessas pessoas cuja característica são tão diversas, haja visto que entre as famílias assentadas, temos a presença das mais diversas condições sociais e de vivências anteriores, pois como afirma LAZZARETTI(2000:99) os:

“...trabalhadores eram cortadores de cana-de-açúcar na região, e outros eram desempregados e/ou faziam biscates nas cidades referidas e nunca tinham trabalhado no campo.”

A partir dessa característica tão diversa dos participantes do assentamento desde os primeiros momentos de luta¹ que se iniciou em dezoito de maio de mil novecentos e noventa e cinco, quando foi feita a primeira ocupação da então fazenda que pertencia à Usina Santana S/A, outras características se fazem importantes.

Uma delas é a participação do Movimento dos Sem Terra que se deu desde o momento inicial de mobilização e organização dos trabalhadores nos municípios de Cruz do Espírito Santo, Santa Rita, Sapé, Itambé e Pedras de Fogo. Devido a presença do MST desde o início da luta, na ocupação e formação deste acampamento, temos a presença dos mecanismos de subjetivação, de mobilização, de resistência e de formação do movimento, o que nos dá elementos empíricos importantes para serem cruzados com a pesquisa documental.

Outro fato que consideramos importante é que neste assentamento a organização das famílias é bastante diversa. Existem os que participam da Cooperativa, que funciona segundo os princípios do Movimento dos Sem Terra, existe a Associação que não está vinculada ao MST, e existe as famílias que preferiram ficar desvinculadas tanto da Associação, quanto da Cooperativa.

A presença do MST no assentamento Massangana III também é marcante para a própria estrutura do assentamento, haja visto que ele está organizado conforme a proposta do próprio movimento, ou seja, na forma de Agrovila, em que as casas de todos os moradores ficam juntas, criando uma espécie de vila, e os lotes de cada um fica afastado da moradia.

Por todos esses motivos elencados, consideramos que eles reafirmam a necessidade de fazermos um cruzamento entre os dados discursivos documentais dos arquivos do MST e os dados conseguidos através de entrevistas e observações. Isso tornará possível delinear os mecanismos que o movimento utiliza para que a massa que possa fazer parte das ações do movimento, possa assumir o lugar de sujeito militante. Será este, portanto, o percurso que iniciamos nesta dissertação.

¹ como o assentamento não é o objeto específico neste capítulo, pretendemos fazer somente as configurações do mesmo que sejam relevante para o tema, sem determo-nos especificamente na caracterização e história do assentamento.

CAPÍTULO I

A INVENÇÃO DO MST E O PERFIL DE GÊNERO DO MILITANTE

1. O BATISMO DO VELEIRO

Iniciamos este capítulo com algumas questões fundamentais: Como, quando e o que tornou possível a idéia de um Movimento Social intitulado Movimento dos Sem Terra, e como esta instituição conquistou *territorialidade*? Quais as condições históricas, sociais e discursivas que possibilitaram ao movimento construir um perfil e um lugar para o sujeito militante do MST, com as marcas subjetivas que lhe são peculiares e que lhe possibilita uma designação de gênero?

Buscaremos responder a estas questões ao longo deste capítulo, realizando uma pesquisa sobre a idéia e do surgimento do MST e do lugar de militante que ele propõe, construindo uma definição de gênero a partir das marcas lingüísticas ou dos enunciados presentes no discurso do próprio movimento. Para isso, empreenderemos uma pesquisa nos documentos deste movimento e em textos de autores que discutem o surgimento do Movimento dos Sem Terra.

Nas “*Normas Gerais do Movimento*”¹, aprovadas por ocasião do IV ENCONTRO NACIONAL DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, temos a nomeação do Movimento:

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pode aparecer para o público com a denominação ‘Movimento dos Sem Terra’ ou simplesmente a sigla ‘MST’”.

Através dessa denominação e em torno dela, seja no uso da expressão “Movimento dos Sem Terra” ou mesmo pela sigla “MST”, está sendo construído um lugar que designa a identidade de um movimento social, bem como um lugar para se exercer a militância, que serve de referência interna para os seus participantes, assim como externa para

¹ Normas Gerais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: caráter nacional, Capítulo I, Artigo 06, São Paulo, julho, 1988.

toda a sociedade. A própria palavra “*aparecer*” tem a ver com algo que surge, que se apresenta e que é nomeado a partir desse surgimento. Algo que, se torna visível, possibilitando que também seja novo o lugar de sujeito para quem assume as diretrizes que são apontadas.

Porém, não basta somente a designação para instituir-se o Movimento. Este tem que definir-se também em princípios e regras que modelam as *ações sociais*² dos seus participantes. Desse modo é que encontramos nas *Normas Gerais*³ a exigência comportamental que o movimento faz para que se possa dele fazer parte:

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é aberto a todos os trabalhadores independente de raça, credo religioso, filiação partidária ou outras características culturais e regionais, podendo ingressar e pertencer ao movimento, desde que respeite os princípios e normas do movimento.”

Vemos que, embora esteja admitida a diversidade de raça, crença religiosa, partido político e cultura, o MST repete o modelo da sociedade moderna de construir indivíduos que é apontado por FOUCAULT (1997), ao recorrer a norma e ao poder disciplinar para construir os seus militantes a partir de um discurso normativo e identitário que vai estar presente nos princípios e normas do movimento. Essa forma de ir definindo o sujeito através de um modelo disciplinar é uma característica da sociedade moderna, que acaba construindo um modelo de sujeito iluminista que vai estar presente em todas as instituições da modernidade.

HALL (2000:10), tratando dos diferentes tipos de identidade existentes na atualidade, vai apontar para a identidade desse sujeito do Iluminismo como uma forma de concepção de indivíduo centrado, unificado, racional, consciente e de ação, que possui um centro essencial e que vai ser descrito como masculino. Esse sujeito do Iluminismo traz consigo o espírito que ROUANET (1987:204) chama de *subversivo* e *racional* e que vai caracterizar os seus herdeiros, como o *Liberal-Iluminismo* e o *Marxo-Iluminismo* institucional⁴. Essas duas formas herdeiras do modelo das luzes, da liberdade e da

² Aqui utilizamos este conceito de Weber (1994:13) da *ação social* que deve se orientar pelo comportamento de outros. Como se trata da construção de comportamentos mutuamente referidos, entendemos que se trata de uma *relação social*, que com o caráter regulamentar e administrativo vai se tornar uma *associação*.

³ Normas Gerais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: Caráter Nacional, Capítulo I, artigo 03, São Paulo, julho, 1988.

⁴ O autor faz uma discussão sobre o Iluminismo, apontando que tanto o Liberal-Iluminismo, quanto o Marxo-Iluminismo seriam a institucionalização das Luzes, mas que existiram, os livre-atiradores do Iluminismo, no qual o Foucault, segundo

emancipação iluminista é que vão possibilitar a que a sociedade moderna busque desenvolver práticas de sujeição e de libertação, segundo os seus modelos emancipatórios de herança comum, onde vão predominar os princípios da racionalidade, da consciência e da ação – que e revolucionária e subversiva – que devem ser universalizados e que são tidos como masculinos.

BEAUVOIR (1980:141), no nosso entendimento, vai concordar com Hall na definição desse sujeito como masculino, pois tratando do processo histórico e de construção da condição feminina, vai mostrar que desde o cristianismo, sendo reforçado no processo revolucionário burguês, estavam presentes um modo de pensar e de agir masculinos, pois a política e a Revolução, segundo a autora, foram feitas exclusivamente por homens, ficando a mulher, numa condição secundária. A esse pensamento, acrescentamos a posição radical posterior à Revolução apontada por BADINTER (1993:14) ao enfatizar que com a Revolução na França, os deputados vão reagir com maior autoridade diante da mulher, considerando-as uma ameaça para a ordem pública, com ênfase na separação entre os sexos e numa diferença radical entre eles.

Neste instante em que já iniciamos o percurso de caracterização da figura do militante como um sujeito moderno e revolucionário que é definido socialmente como masculino, é importante caracterizarmos que corroboramos com a forma de pensar a masculinidade apresentada por MONTEIRO(2000:12), que se refere à masculinidade não como obrigatórias características inerentes ao homem, *mas sim às práticas do masculino e a como esse masculino é representado*.

Já podemos ver nessa primeira apresentação do modelo do militante do MST, esse lugar da figura masculina a partir desse primeiro referencial de *trabalhador* que o movimento apresenta, numa manutenção de uma construção social de um lugar de sujeito moderno e masculino, pois como afirma NOLASCO(1995:51), o trabalho é a marca inicial para a construção da masculinidade na nossa sociedade. É através dele que o homem vai construindo uma identidade masculina, bem como vai se inserindo na ordem produtiva capitalista.

Estudos como o de SOUZA-LOBO(1991:26) vêm confirmar como o lugar do trabalho é pensado no masculino na nossa sociedade, pois mostra todo o processo duplo de discriminação a que é submetido o trabalho feminino, na forma de classificar as mulheres em um nível salarial mais baixo, ou na *forma de uma valorização das qualidades “masculinas”*,

Rouanet, estaria incluído. Não nos interessa essa discussão neste momento, mas somente apontar para a discussão sobre o Iluminismo e sua institucionalização e a caracterização que ele faz de subversivo e racional, que nos é útil para compreender o modelo que é masculino.

como a força, em detrimento das qualidades “femininas” – fragilidade, menor agressividade, destreza, precisão, habilidade, rapidez -. A autora vai ainda apontar que mesmo que tais qualidades favoreçam a produtividade da indústria moderna, ainda assim são desqualificadas.

Além disso, os estudos da autora constataam que o fato do trabalho ser um espaço social construído para a masculinidade, se reflete ainda na predominância do masculino também nas chefias, bem como na própria luta sindical onde as mulheres são excluídas, por se tratar de lugares masculinos. Segundo ela, a própria *qualificação-trajetória pessoal* direciona para trajetórias diferentes. Enquanto que a mulher relaciona a trajetória profissional e a maternidade, o homem está relacionado com a *ética do provedor*.

Finalmente, percebemos claramente que todo o esforço de Souza-Lobo nesta obra, é no sentido de mostrar que no mundo do trabalho, a classe operária é pensada no masculino, pois os homens estão muito mais ligados a questão da produção e as mulheres a questão da reprodução. Tal forma de pensar, perpassam inclusive os discursos sociológicos e históricos clássicos, que segundo ela, vão pensar a própria classe como uma posição estrutural masculina.

O MST busca elaborar para o seu militante esta condição inicial básica de trabalhador, que é definidor, na nossa sociedade de um lugar masculino. Mesmo procurando revelar uma postura de abertura para com os diversos discursos existentes socialmente, o movimento aponta para um rumo a ser tomado por aqueles que lhe assumem a militância, que vai sendo difundido, em suas diretrizes identitárias e normativas do perfil do militante do movimento, através dos “*Princípios Fundamentais do Movimento*”⁶:

*“-Que a terra só esteja nas mãos de quem nela trabalha;
-Lutar por uma sociedade sem exploradores e explorados;
-Ser um movimento de massas, autônomo, dentro do movimento sindical, para conquistar a reforma agrária;
-organizar os trabalhadores rurais na base;
-Estimular a participação dos trabalhadores rurais no sindicato e no partido político;
-Dedicar-se à formação de lideranças e construir uma direção política dos trabalhadores;
-Articular-se com os trabalhadores da cidade e com os camponeses da América Latina.”*

Os enunciados que encontramos neste texto para construção do perfil de gênero do militante do MST, constroem um sentido de trabalho, visto anteriormente, mas

complementa o modelo de militante com a elaboração de um lugar de sujeito iluminista consciente, de ação e revolucionário, que busca construir uma sociedade de iguais, sem exploradores e sem explorados, através de uma organização e de uma participação política, que vai necessitar seguir a direção apontada pelo movimento.

São imagens que nos lembram o modelo de militante presente no Manifesto Comunista, convocando os trabalhadores: *Proletários de todos os países, uni-vos!*. São herdeiros do discurso do materialismo histórico com o seu modelo de sujeito iluminista moderno, onde a história é progressiva, teleológica e totalizadora. Fazendo uma análise da modernidade, GIDDENS(1991:56) aponta o equívoco desta visão histórica do marxismo, que parte de uma unidade para o desenvolvimento histórico. Para o citado autor, tal utilização da *história para fazer histórica* vai ser vista como um fenômeno da modernidade e uma versão de sua *reflexividade*. Segundo ele, a histórica, com o marxismo, foi equacionada à historicidade, seguindo a característica das instituições modernas, pois ela pode ser escrita em uma pluralidade de histórias.

HARVEY(1992), ao discutir a modernidade, afirma que esta forma de pensar de Marx está incluída na forma de pensar iluminista e que segundo ele, vai refletir o que Habermas chama de *projeto da modernidade*, onde as teorias baseadas na idéia de progresso, tinham como princípio, que a acumulação de conhecimento iria levar ao caminho inevitável da emancipação humana e a melhoria da vida diária, com uma promessa de libertação de todo o lado sombrio e irracional da organização social.

O MST vai construir o seu modelo de instituição, ou seja, a sua territorialidade com base nos princípios de sujeito moderno iluminista revolucionário e de história total e evolucionista, presentes na forma de pensar marxista, que vislumbrava a emergência de uma ordem social mais equilibrada. O sentido ideal de sua luta é traçado para a direção que o movimento determina através da Reforma Agrária – e posteriormente para uma sociedade socialista -, necessitando de um perfil masculino militante de ação e de virilidade.

Este modelo de sujeito, vai se irreconciliar com o modelo de sujeito pós-moderno que é apresentado por HALL(2000) que é fragmentado, não identitário, não essencial, como reflexo das características de rupturas e fragmentações no interior da própria modernidade. GIDDENS(1993:39) vai falar que esse sujeito vai ser profundamente marcado pela *reflexividade institucional* que vai ser a marca que diferencia as sociedades modernas do passado recente e que vai influenciar a sexualidade, as relações cotidianas, a relação com o

⁵ Normas Gerais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: Caráter Nacional, São Paulo, julho, 1998.

corpo, a intimidade, dentro de um *projeto reflexivo do eu* que não vão estar presentes nas instituições anteriores.

Com os princípios que apresentamos do MST, vemos que o movimento se estabelece como um movimento de massa, no qual os trabalhadores rurais deverão ser modelados em atores políticos que têm o direito à terra e por ela devem lutar, muito mais próximo do sujeito do Iluminismo, revolucionário, marxista e masculino, do que desse sujeito reflexivo mais recente.

O conflito entre esses dois modelos de sujeito não é tão recente. Vamos encontrá-los presentes nos próprios movimentos revolucionários. GABEIRA(1984), narrando a sua experiência de dez anos de exílio, mostra sua postura reflexiva, e toda a dificuldade de fazer militância política, diante do seu próprio confronto com um modelo político cujo *interlocutor é masculino e viril*, dentro do perfil iluminista. O autor demonstra toda a dificuldade de assumir um modelo de fazer política numa postura reflexiva, pensando e questionando as relações de gênero, as táticas revolucionárias e suas promessas da terra prometida.

Por outro lado, podemos perceber claramente no MST a busca de produção de um projeto social, que busca construir um perfil de militante dentro do modelo elaborado pelo projeto iluminista, numa busca que GUATARI(1996) vai chamar de *modo de produção de subjetividade* no qual a subjetividade do militante é produzida de forma serializada e sem possibilidade de singularização. O movimento elabora uma nova subjetividade para o trabalhador rural, inicialmente isolado e despolitizado, que passa a ser um consumidor da subjetividade militante. Para isso, como vemos no discurso do movimento, ele deve se organizar em um movimento de massa autônomo como o MST, que vai poder se articular com outros seguimentos de trabalhadores da sociedade em geral.

Percebemos que o MST necessita que o trabalhador rural assuma o *agenciamento de códigos* estabelecidos por esse processo que GUATARI(1996) vai chamar de *maquínico abstrato*, construindo o seu lugar de militante na forma proposta de luta reivindicatória, de participação política, de conscientização, de combate ao “imperialismo” que domina e explora todos os trabalhadores. Segundo FERNANDES(1996:79), estes acabam sendo os objetivos gerais do próprio movimento.

Buscaremos neste momento, uma definição mais precisa do que vem a ser este “*Novo Movimento Social*”, pois conforme SANTOS(1999:265) o MST se enquadra dentro desta ordem, pelo fato de tal definição se referir aos movimentos sociais de caráter

reivindicatório de democracia e do atendimento das necessidades básicas, que surgiram nas décadas de 70 e 80.

Este novo movimento social que se autodenomina de “Movimento dos Sem Terra” vai buscar também constituir uma definição para si mesmo. Analisando os documentos do próprio movimento, pudemos encontrar a construção da idéia do que seja o MST, conforme o seu próprio discurso. Nas “*Normas Gerais*”⁶, encontramos a seguinte definição para o que seja MST:

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é um movimento de massas dentro do movimento sindical, que inclui todos os trabalhadores rurais sem terra para a conquista de terra para trabalhar.”

Temos nesta definição do que seja o Movimento dos Sem Terra, segundo ele mesmo, o sentido de conquistador, que nos remete inevitavelmente ao ideal identitário masculino do Don Juan, que segundo NOLASCO(1995:115), está presente na representação do desejo da intimidade masculina. Para o citado autor esse modelo funciona para o mundo social masculino como “ego ideal” de conquistar tudo aquilo que determina os seus ideais.

Com esta definição, um *ethos*, um modo de ser, segundo MAFFESOLI (in PAIVA, 2000:31), vai claramente sendo estabelecido, segundo as expectativas do MST para com o seu militante, que anuncia a produção de uma subjetividade através de um discurso de conquista e de entrega à luta.

Continuaremos a analisar o discurso que o MST buscando perceber as marcas lingüísticas a elaboração de um lugar de sujeito de gênero, que como já podemos ver, é marcado com traços socialmente definidos como masculinos e viris. Por isso mesmo é que após essa auto-conceituação do que seja o MST, vamos buscar perceber o discurso com o qual o movimento dá origem a ele mesmo, contando a sua própria história e elaborando o seu militante.

2. NO DIÁRIO DE BORDO, UMA HISTORICIDADE PARA AS ONDAS

⁶ Normas Gerais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: Caráter Nacional, Capítulo I, artigo 01, São Paulo, julho, 1988.

O MST vai ser construído como um movimento social que emerge a partir de uma visão histórica teleológica e total que vai ser um modo de fazer história criticado por GIDDENS(1991:55), pois para o autor, a história tem uma série de multiplicidades de formas de ser escrita, não podendo ser ancorada em um único ponto.

Como esta história que o MST apresenta para o seu surgimento, se apresenta como uma construção social contada a partir de uma visão teleológica que busca olhar para o passado como possuindo uma unidade, para justificar a busca de unidade do presente, ele vai se apropriar de uma série de outros discursos que circulam na sociedade para apontar a sua construção histórica.

Portanto, esse modelo de fazer história do MST, nos é apresentado como um modelo a-histórico e descontextualizado. Ele busca resignificar os modelos já circulantes na sociedade, sendo construído a partir deles e das condições sociais e históricas que caracterizam o modelo de militante, na sua característica de gênero, através dessa narração histórica construída pelo próprio movimento que justifica o seu surgimento.

Segundo PRIEB(1994), o momento da emergência do MST vai articular as várias lutas localizadas para conquistar a terra, num período que vai do final da década de 70 para o início da década de 80. Segundo o autor, tais conflitos eram decorrentes das condições insustentáveis de sobrevivência para o pequeno agricultor, que acabou obrigado a fugir do campo para a cidade, para os garimpos, para o Paraguai ou para áreas desocupadas do território nacional, tais como a Amazônia, o Mato Grosso e o Pará⁷. Em seu estudo, PRIEB(op. cit., p. 37) determina que as condições sociais no campo se apresentam da seguinte forma:

“Com a crescente concentração fundiária e o descaso do governo com a miséria no campo, acelera-se o processo de êxodo rural, aumentando o contingente de desempregados nos grandes centros urbanos, conduzindo inclusive, a uma queda do salário dos trabalhadores da cidade.”

O autor aponta em seu estudo que tais problemas decorreriam das políticas agrícolas no Brasil, ou seja, as políticas de desenvolvimento para agricultura acabariam sempre por estimular a concentração fundiária, num processo seletivo e discriminatório dos

pequenos agricultores. Vários governos, como mostra-nos PRIEB(op. cit.) teriam tido iniciativas diversas para esta questão na agricultura, mas sempre preservando a concentração de terra.

Esta seria uma questão que acabaria sendo herdada pelos governos militares pós-64, que teriam apostado na forma capitalista de gestão da agricultura. MARTINS(1997:11), falando sobre a origem da Questão Agrária diz-nos:

“Ela surge com o desenvolvimento do capitalismo. Antes não existia a Questão Agrária. Ela surge em consequência do obstáculo que a propriedade territorial e o pagamento da renda da terra ao proprietário representa para a reprodução ampliada do capital e a acumulação capitalista na agricultura.”

Fica-nos muito evidente que para Martins, um teórico da Questão Agrária, a acumulação capitalista, conseqüente da forma capitalista de administrar a agricultura, iria ser o fator fundamental para o surgimento da Questão Agrária, que segundo a sua fala, fica demarcado como inexistente antes.

FERNANDES(1996:32) também vai falar que no período militar pós-64, as políticas agrárias iriam buscar dar solução à questão agrária, dariam privilégios e incentivos financeiros às grandes empresas, buscando isolar os coronéis e a luta dos trabalhadores rurais.

Segundo o autor, o governo militar, com projetos de solução da questão agrária, criaria o Estatuto da Terra, que iria dificultar definitivamente o acesso dos camponeses à propriedade familiar e favoreceria aos grupos que teriam interesse de criar grandes propriedades capitalistas na agricultura.

Esse estatuto iria apontar como solução para os problemas sociais gerados pelo incentivo às grandes propriedades, a ocupação de regiões desabitadas, como afirma MARTINS(in FERNANDES, 1996:33):

“O problema da terra, e particularmente da terra na Amazônia transformou-se progressivamente num problema militar. O ministério do interior ocupado pelo general Albuquerque Lima, um general nacionalista identificado com o pensamento da Escola Superior de Guerra, definiu como objetivo nacional prioritário a

⁷ Conforme incentivo dado pelo Estatuto da Terra, Lei nº 4.504, de 30.11.64.

política de integração da Amazônia. Reduzindo a questão a termos simples, os problemas de pressão social e fundiária do Nordeste poderiam ser resolvidos na Amazônia, mediante o desenvolvimento de projetos de ocupação de 'espaços vazios', criação de pólos de desenvolvimento, com envolvimento decisivo das Forças Armadas."

Como vemos, no discurso desta visão histórica, as políticas, os projetos e os programas agrários dos governos militares passariam a ser apresentados como o grande discurso solucionador da Questão Agrária no Brasil pós-64, com uma política de desenvolvimento cumulativo do capital, no sentido de expandir o domínio das grandes empresas no meio rural, no que aumentariam a concentração de terras e utilizariam os agricultores excedentes para que pudessem desenvolver a ocupação do território nacional. A questão agrária passaria a estar na ordem do dia das Forças Armadas.

Constatamos que todos esses pensadores que estudam a Questão Agrária brasileira, apontam essa situação como as condições que seriam favoráveis para o surgimento futuro do MST. Eles afirmam que com a falência do projeto de ocupação militar do Norte do País, uma grande massa de expropriados da terra daria início a um processo de luta que buscaria estabelecer uma melhor divisão da terra, solucionando a Questão Agrária.

Seria assim que através do MST, surgiria um novo sujeito social, como uma resposta militante-revolucionária à proposta militar que teria falido em solucionar a questão agrária no país. Esse novo sujeito social passa a ser justificado historicamente, por uma série de discursos circulantes na sociedade, que vão possibilitar a elaboração desse novo modelo. É dessa forma que vai se dar início, segundo PRIEB (1994:46) às primeiras ocupações do movimento como vemos a seguir e o início do aparecimento social desse novo sujeito:

"Na invasão da granja Brilhante, a luta foi difícil, e é verdade que até hoje não está sendo brincado. Teve gente que passou dois dias deitado por não ter o que comer. Volta e meia chegava a comitiva de farda e dizia: 'Olha, vocês têm que se arrancar daqui, nós vamos até ali a ponta do acampamento, e se na volta vocês ainda estiverem aí, nós vamos mandar baixar o Exército. Mas o pessoal da invasão continua firme."

Nesta outra citação (op. cit., p. 47) também podemos ver a configuração do modelo de militante que o MST propõe:

“...houve intervenção do Exército que coordenou um cerco, mobilizando também a Polícia Federal, a Polícia Rodoviária Federal e a Polícia Militar do Rio Grande do Sul, para intimidar e forçar os trabalhadores a aceitarem empregos assalariados nas estações experimentais do governo ou a aceitarem transferência para o Mato Grosso ou a Bahia, em projetos de colonização oficial.”

Vemos neste discurso que o lugar oferecido para o sujeito social que emergia a partir do espaço social que o MST constrói, apresenta as qualidades socialmente elaboradas que atendem ao imaginário de guerra masculino que apresenta o psicólogo NOLASCO(1995:74). O citado autor vai dizer que os homens vão construindo e alimentando a sua subjetividade com uma certeza de que o masculino é superior, conforme a dinâmica familiar lhes apresentam, fazendo com que valentia e coragem passem a ser incorporados por eles, como forma de afirmação das suas masculinidades.

Como vemos nos enunciados que buscam construir a história do MST nas suas primeiras ocupações, o movimento constrói o lugar de militante diante de uma necessidade de luta e resistência que vai afirmar a valentia e a coragem do militante, diante de um processo de medição de força e intimidação entre ele e o militar. Temos portanto, no discurso sobre a origem do MST, onde são apresentados pelo próprio movimento os vários acontecimentos que teriam possibilitado o seu surgimento, a elaboração que vai justificar a invenção de um novo lugar do sujeito militante masculino e viril.

Conforme já afirmamos, este discurso é elaborado a partir de uma multiplicidade de discursos circulantes socialmente. Podemos ver claramente a imagem do revolucionário de esquerda – onde também podemos ver as mesmas qualidades masculinas elaboradas por MARX(1997:72) no Manifesto Comunista:

“As armas de que serviu a burguesia para abater o feudalismo voltam-se agora contra a própria burguesia. Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe deu a morte; produziu também os homens que empunharão essas armas – os operários modernos, o proletariado.”

Este convite ao modelo revolucionário elaborado por Marx, possui claramente qualidades sociais atribuídas ao masculino e à virilidade, através das imagens de luta e da coragem que constrói, pela obrigação de empunhar as armas e que vão também estar presentes na identidade discursiva do MST. Essa influência do discurso marxista na construção do modelo de militante revolucionário, valente e viril do MST é confirmada pelo próprio movimento, conforme vemos a seguir no item 09 do documento “Os desafios atuais do MST”, ao falar sobre o princípio da teoria revolucionária e científica⁸:

“Para ser marxista é preciso querer ser revolucionário. Analisar a realidade para transformá-la. Mas só é revolucionário aquele que se organiza e organiza seu povo para fazer a revolução em todos os aspectos.”

Percebemos que as marcas do ideal revolucionário marxista vai estar presente na fala do próprio movimento. Com seus ideais revolucionários, transformadores e organizativos de uma sociedade igualitária, numa busca declarada de construir uma sociedade socialista.

No discurso histórico para o surgimento do MST, essa proximidade entre o discurso militante do marxismo e o modelo militante do movimento, vai ser justificada pelo processo de formação histórica que busca reconstituir a origem do movimento.

FERNANDES(1996), um desses autores que se propõe reconstruir as marcas discursivas que vão possibilitar o surgimento do MST, afirma que o nascimento do movimento e a postura do seu militante, emerge a partir do Novo sindicalismo no Brasil. Nele os trabalhadores iniciaram um processo organizado de defesa dos seus interesses, que também seria marcado por traços de lutas e de organização. Isso se daria a partir dos trabalhadores metalúrgicos do ABC paulista, representado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), com seus movimentos de greve e de luta pela defesa dos interesses e dos direitos dos trabalhadores.

Neste instante temos como importante elemento na gênese do MST, o princípio organizativo e de luta dos movimentos sindicais, que também vai justificar o surgimento do MST. Esse novo sindicalismo possibilitaria a que outras formas de organização política além da CUT emergissem, na luta pela conquista dos direitos e da dignidade dos trabalhadores, o

⁸ Desafios Atuais do MST: Ocupar Novos Espaços na Sociedade, Bahia, março, 1998.

que acabaria fazendo surgir o Partido dos Trabalhadores, como mais uma força política de confronto e de luta.

Todo esse processo iria ser suficiente para a formação discursiva acerca do militante do MST, contribuindo para que o movimento viesse a convocar também os seus militantes no meio rural, na busca de construir uma nova sociedade, como podemos ver nas citações que se seguem, retiradas do Caderno de Educação⁹ e do Caderno de Formação¹⁰:

“Se hoje pertence à guerra, o amanhã pertence à paz. É preciso fazer acontecer esta possibilidade.”

“Entre os objetivos do MST está a vivência dos valores humanistas e socialistas. Estes valores se contrapõem aos valores anti-humanos da sociedade capitalista (...) individualismo, consumismo, egoísmo.”

“É a hora e a vez dos valores. Dos valores que primam pela vida. Dos valores de uma sociedade socialista.”

Vamos encontrar na invenção da história do Movimento dos Sem Terra a justificativa para o surgimento do lugar de sujeito militante, que assumia uma forma potente e viril para transformar a sociedade conforme os ideais de sociedade objetivados pelo ideal revolucionário marxista.

Por outro lado, para FERNANDES(1996:56) outro elemento que viria a influenciar o surgimento do MST, seria o fato de que nos anos setenta, a Igreja Católica daria início a toda uma crítica reflexiva sobre a questão agrária no país. Teriam começado a surgir as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), onde se desenvolveram toda uma série de reflexões sobre a organização dos trabalhadores e as políticas agrárias desenvolvidas pelo Estado.

A Igreja passaria a dar um apoio fundamental aos vários movimentos sociais localizados no campo, que estariam gerando conflitos por terra, e que nos anos oitenta se intensificariam ainda mais, como mostra FERNANDES(op. cit.: 57)

“As experiências de luta, construídas a partir das CEBs, contribuíram para o nascimento do MST. As comunidades tornaram-se lugares de discussão e conscientização para a construção de um espaço político de confronto na luta pela terra.”

⁹ Como Fazemos a Escola Fundamental, Caderno de Educação N° 09, São Paulo, novembro, 1999.

¹⁰ A Vez dos Valores, Caderno de Formação N° 26, São Paulo, janeiro, 1998.

Nestes enunciados podemos perceber claramente a intenção do autor em mostrar as experiências das CEBs como elemento importante na origem do MST, pela possibilidade que fornece de construção de um espaço de reflexões e conscientização. Podemos ver que o sujeito militante já recebe suas marcas lingüísticas de que será aquele que confrontará, que lutará e que será consciente. É como se o enunciador buscasse no passado as marcas lingüísticas que justificarão a existência do sujeito militante do movimento.

É desse modo que vamos constatando que para o movimento, é importante serem afirmadas as experiências de reflexão das CEBs, pois elas tendo como fundamento a reflexão e a formação de consciência já na década de oitenta, faz surgir a possibilidade de reflexão e de tomada de consciência dos fiéis católicos do campo, frente às políticas governamentais, se tornando um discurso organizador do discurso do militante do MST.

Entretanto, podemos perceber que não é somente as CEBs que são apresentadas como alavancas para o surgimento do MST, dentro da Igreja Católica. Vemos que vários outros movimentos e personagens católicos são apontados como emergentes no interior da própria Igreja Católica, elencados como influenciadores do aparecimento do militante do MST, por assumirem uma postura política mais definida em favor dos injustiçados. Neste ponto apontamos a influência da Teologia da Libertação, que foi fruto do debate do Vaticano II, nos encontros de Puebla e Medellín, onde bispos latino-americanos propuseram uma nova Igreja voltada para os pobres, o Povo de Deus. Esse movimento vai ter na figura de Frei Leonardo Boff a responsabilidade por essa tendência na Igreja Católica Brasileira, com uma proposta de evangelização que busca a libertação dos menos favorecidos, a partir de suas próprias condições sociais e culturais. Também a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é evidenciada pelo discurso histórico, pois ela passa a publicar documentos e diretrizes para que essa nova postura sócio-política da Igreja pudesse avançar ainda mais. Como resultado de uma de suas ações diretas foi a criação das Comissões Pastorais da Terra (CPTs) em 1975, que teria contribuído definitivamente para a organização social das comunidades e dos movimentos sociais emergentes que lutavam pela terra. Lutar e libertar vão ser enunciados que estarão na ordem do dia da Igreja Católica, segundo a narração da história de origem do MST, que vai justificar a construção do lugar de sujeito social militante do MST.

É assim que vamos poder ver também as imagens da religiosidade católica presentes na formação da figura do militante, com suas marcas discursivas e não discursivas.

Com seus rituais e idéias de sacrifícios, conforme vemos a seguir, na citação retirada Caderno de Formação¹¹:

“O agente deve ter, sempre que possível, o máximo das seguintes características: Ter amor pela causa e compromisso com a luta. Ter espírito de sacrifício, disposição para as tarefas, exemplo de trabalhador, buscar sempre se superar, etc.”

Podemos perceber neste enunciado, o caráter religioso que representa o militante diante da causa que deve abraçar. Cumprir com sacrifício apontado por ALMEIDA(1995:72) para as obrigações que lhe foram responsabilizadas e que vai fazer parte do lugar socialmente construído para o masculino, dentro da tradição religiosa ocidental e cristã, desde o seu mito fundante quando afirma para Adão, após ter sucumbido às tentações de Eva:

“Pois que destes ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore (...) a terra será maldita na tua obra: tu tirarás dela o teu sustento com muitas fadigas todos os dias da tua vida (...) tu comerás o teu pão no suor do teu rosto.”

Através deste mito judaico-cristão que vai influenciar toda a forma ocidental de perceber as relações entre homem e mulher, podemos ver a construção social da imagem de um discurso de obrigação e de sacrifício ao qual está submetido o masculino e que vai influenciar diretamente o discurso religioso do catolicismo na sua interpretação de vida sacrificial e de cordeiro que deve dar a vida pelo irmão.

Esse forma discursiva de pensar, que é eminentemente masculina, vai influenciar o modo de agir do militante do MST, que também vai ter que assumir esse lugar sacrificial em função de cumprir com o sacrifício de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Ser homem é cumprir com o sacrifício pelos irmãos. Ser militante é também cumprir com esse compromisso.

¹¹ Método de trabalho popular, Caderno de Formação nº 24, item 5.7.

Por isso mesmo, vamos encontrar no discurso histórico sobre a origem do MST, a influência do pensamento cristão, no incentivo que deu à organização dos movimentos sociais dos menos favorecidos e de dedicação aos pobres.

Vemos assim que, a construção de uma história para o MST, vai funcionar como justificativa para a elaboração discursiva sobre o seu militante, a partir dos discursos sociais circulantes que vão possibilitar o perfil do modelo de militante masculino, existentes no discurso militante revolucionário de esquerda e do militante religioso. Vejamos a partir de agora, como essa história elabora a construção definitiva desse lugar para esse novo sujeito social, a partir do instante da fundação do movimento.

3. TERRA À VISTA!

Existe um marco fundante para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra? Quando o movimento está formalmente constituído? Vamos buscar determinar, a partir do esforço historiográfico do próprio movimento, a formalização discursiva que constrói o Movimento dos Sem Terra. Com tal recursos, percebemos que determinar um momento em que o MST esteja definitivamente constituído não é uma tarefa tão simples, haja visto que não se pode dizer precisamente em que lugar ou lugares o nome foi usado pela primeira vez, pois já estava sendo utilizado pela imprensa e por uma pluralidade de movimentos localizados.

Entretanto, é justamente este fato que faz com que, para os pensadores, se torne fácil localizar o surgimento do MST. Segundo eles, exatamente pela existência de múltiplos movimentos locais, esta tarefa seria facilitada, pois a partir de um momento de confluência destes vários movimentos locais é que se tornaria possível o surgimento do MST.

Esta confluência seria um momento de aglutinamento em torno de um ideal comum, na construção de um ideal identitário central. É um momento que se busca apresentar uma unidade que é fundante. Dos vários movimentos com denominações próprias que já estavam se firmando, tais como o Mastro – Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Oeste – e o Mastes – Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Sudoeste – é que é possível, segundo vários autores¹² afirmar um momento para marcar a fundação do Movimento dos Sem Terra¹³.

¹² Fernandes(1996) e Stédile(1997).

¹³ É importante anotar que continuamos no nosso esforço inicial que vem permeando todo este capítulo, destacando os enunciados importantes que nos possibilite destacar uma análise de gênero. Neste sentido, evidenciamos o nome “Mastro” para este movimento local, como mais uma marca lingüística importante para fazermos a nossa análise de gênero do modelo de militante do MST. Segundo VILLELA(1998:131), ao estudar o comportamento sexual masculino com a sua atitude de não

Com o crescimento dessas múltiplas ocupações locais e o surgimento de várias organizações, acabaria surgindo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no âmbito nacional, através de um grande evento aglutinador. Desse modo é que seria apresentado por FERNANDES(1996:57) e o I ENCONTRO NACIONAL DOS SEM-TERRA, que ocorreu em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel-PR, como o momento em que estaria definitivamente fundado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Vejamos o que diz STÉDILE(1997:102), um dos líderes do movimento no âmbito nacional, a este respeito:

“...O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), existe na prática há mais de 15 anos (...) se constitui formalmente como um movimento nacional, com a realização de um ENCONTRO NACIONAL DOS SEM TERRA, em janeiro de 1984, em Cascavel, Paraná, com a participação de representantes de 16 Estados.”

É unânime nos discursos que elaboram a história da origem do Movimento dos Sem Terra, tomar esse encontro como o marco histórico para a fundação do movimento. A partir deste momento estaria configurada uma identidade e um discurso nacional que iria reger todos os Sem Terra do Brasil.

Esse marco definitivo do MST viria a ser o ápice do primeiro momento do movimento, que teria tido o seu início, segundo GOHN(in LAZZARETTI, 2000:87), por volta de 1979 e que seria concluído em 1985. É um momento marcado por lutas, mobilizações e ocupações em todo o país, mas cuja característica principal seria a desarticulação e o isolamento de tais movimentos. De 1985 a 1988 – aproximadamente – se daria a fase da consolidação do movimento a nível nacional, após ter ocorrido o I ENCONTRO NACIONAL DOS SEM TERRA. E finalmente, de 1988 a 1996 seria o momento em que o movimento passaria a funcionar segundo o lema que persistiria até hoje: “Ocupar, resistir e produzir”.

Vamos nesta construção de uma história para o movimento, a elaboração de um lema que possui três enunciados que destacamos, pelo sentido de força e atividade que possuem. Ocupar tem o sentido de tomar posse que só é possível diante de uma atitude ativa, representa uma ação de apoderamento, de invasão, de posse, de enchimento. Resistir ocupa o

prevenção da AIDS, existe uma *lógica de gênero* socialmente construída, que vai ser a forma como uma determinada sociedade elabora as diferenças entre os sexos, e que está presente na identidade de gênero dos homens com uma idéia de *força, poder, autonomia, invulnerabilidade entre tantos outros* que não se contradita com o nome elaborado para o lugar da militância do MST local, que nos possibilita pensar num lugar de militante masculino rígido, duro, forte, invulnerável, tal qual um mastro.

sentido de não ceder, de opor-se a alguém ou alguma coisa, de recusa e defesa de uma posição que opõe passagem e impõe domínio a qualquer outra forma de manifestação, também necessitando de força. E finalmente produzir carrega o sentido de uma atividade, de dar origem, de causar, de ser fértil, que evidencia uma atitude ativa. São princípios ativos da militância do MST, nos quais podemos perceber claramente a definição de um lugar do sujeito militante cujo sentido social determina uma atitude masculina.

Essa atitude ativa já estaria presente desde a primeira fase, nas primeiras ocupações locais. Ao voltarmos para o discurso histórico do surgimento do movimento, essa postura já se encontraria presente nas primeiras ocupações que ocorreram na fazenda Sarandí em 1979, como afirma PRIEB(1994:45) que possuía uma área de 1.630ha e pertencia ao governo estadual do Rio Grande do Sul, mas que estaria sendo explorada pela Madeireira Carazinhense (MACALI). Quinze dias depois a gleba de Brilhante, com 1.433ha, também seria ocupada, pois também estaria sendo explorada irregularmente. Essas duas glebas se situavam no município de Ronda Alta, no Estado de Rio Grande do Sul. Elas necessitavam ser ocupadas pelos militantes com a sua postura ativa e seus ideais de ocupar, resistir e produzir.

Em outros Estados, esses movimentos de ocupação também estariam se desenvolvendo, como era o caso de Santa Catarina, onde em 1980 o processo de ocupação teria início, com a ocupação da fazenda Burro Branco, no município de Campo Erê. No Paraná, esses primeiros conflitos se dariam por conta da construção da Barragem de Itaipu, que inundou as terras de mais de dez mil famílias.

No Estado de São Paulo, conforme FERNANDES(1996:85), a luta inicial aconteceria nos municípios de Andradina, Castilho e Nova Independência, com a luta pelas terras da fazenda Primavera, em 1979. Esta luta seria travada entre os posseiros e o empresário J. J. Abdala, que os explorava e os expropriava, tornando-os totalmente dependentes dele, impedindo-os inclusive que saíssem da propriedade. Pela grande pressão sobre os trabalhadores, eles acabariam se organizando e se unindo, para ocupar a fazenda Primavera em 1979.

Simultaneamente, no Mato Grosso do Sul, precisamente nos municípios de Naviraí e Glória de Dourados, também ocorreriam uma intensa luta pela terra, através da atividade de ocupação de milhares de lavradores. Mas não foi só nesses Estados que as

ocupações estariam proliferando. Segundo vários autores¹⁴, também estariam ocorrendo ocupações nos Estados da Bahia, Rio de Janeiro e Goiás.

Todas as primeiras articulações carregam a marca da atitude de ocupação, de resistência e de produção. Vão marcar a modelagem da ação dos militantes do MST, bem como para a construção do lugar de sujeito social por ele elaborado. É dessa forma que a ação militante vai se multiplicar por todo o território nacional.

Com a multiplicação das ocupações em vários Estados, temos a construção da história do MST pelo processo de articulação desses movimentos, na busca da superação do isolamento e de trocar experiências adquiridas nos enfrentamentos locais. O ano de 1982 teria sido muito importante nesse sentido, pois nele ocorreria em julho, em Medianeira, no Paraná, um encontro de lideranças do Centro-Sul. Em setembro desse mesmo ano, na cidade de Goiana, em Goiás, acabaria acontecendo um encontro nacional de lideranças, onde estariam presentes representantes de dezesseis Estados.

Novos encontros aconteceriam, sempre com a discussão da idéia de organizar o movimento a nível nacional, que acabaria com o isolamento da luta local. Teria sido assim nos Encontros de Chapecó em Santa Catarina, de Naviraí e Glória de Dourados no Mato Grosso, de Araçatuba em São Paulo e de Ronda Alta no Rio Grande do Sul. É assim que vamos ter o surgimento da Coordenação Regional dos Estados do Centro-Sul, que correspondia aos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso.

Esta Coordenação Regional, teria sentido a necessidade de articular um movimento maior para discutir as lutas pela terra, e resolveria marcar um encontro que mobilizaria a participação de vários outros Estados, como afirma o próprio Stédile (in FERNANDES, 1996:78):

“Aí essa Coordenação Regional resolveu o seguinte: por que nós não organizamos um negócio maior? Só estamos nós aqui do Sul. Vamos fazer um encontro nacional de conflitos de terra. E convocamos um encontro nacional para janeiro de 1984 em Cascavel. Aí vieram, eu não me lembro se foram doze ou dezesseis estados. Todo mundo tinha luta pela terra. Essa era a marca para poder participar.”

¹⁴ Stédile(1997); Medeiros(1997); Górgen(1997) e Fernandes(1996).

Podem ver nestes enunciados realizados por um dos líderes do MST, a expressa convocação para uma articulação no âmbito nacional de todos os que têm por característica fundamental lutar pela terra. Essa convocação para luta e para o encontro em busca de construir um “negócio maior”, faz parte do aprendizado de se tornar militante, conforme ocorre com o próprio aprendizado da virilidade masculina, que é, segundo BADINTER(1993:70) conquistada no próprio combate e lida nas cicatrizes do guerreiro. Conforme a autora, o homem constitui a sua identidade nos rituais iniciáticos que lhe são oferecidos socialmente. Por isso mesmo o militante, enquanto um modelo masculino, vai também ser convocado a se organizar em torno do ideal comum, elaborando-se na luta social marcada pelo conflito de terra.

Portanto, esse teria sido o período que marcaria o momento inicial de lutas que desembocou no surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, segundo o discurso historiográfico construído pelo próprio movimento. Pudemos ver nele os elementos discursivos que buscam construir um modelo de militante que vimos apontando desde o início desta dissertação, como um modelo que socialmente é definido como masculino e viril. Veremos a seguir toda ordem que se estabeleceu na instituição do MST, a partir deste esforço historiográfico, e que vai acabar construindo uma organização, sobre a qual também poderemos continuar realizando a nossa análise de gênero.

4. BEIJANDO UM NOVO CHÃO

Podemos perceber que o instante que é apresentado como o momento do surgimento do MST, que se trata do I ENCONTRO NACIONAL DOS SEM TERRA, o movimento se encaminha também no sentido de se constituir numa personalidade jurídica. Sendo assim é que passa a estar determinado pelas suas “Normas Gerais”¹⁵:

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra possui uma associação com personalidade jurídica, que é a ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA, para fins contábeis e financeiros. É em nome da qual estão todas as propriedades e documentos legais do movimento.”

A partir deste momento, que é apresentado como o marco da constituição do Movimento, se inicia também a oficialização na esfera jurídica do MST, enquanto um movimento nacional. Vemos que se trata de um esforço em legitimar o MST, enquanto uma *instituição disciplinar* com toda a sua ordem hierárquica, onde vai poder ser elaborado os dispositivos de controle, dentro do modelo que, segundo DELEUZE(1988:35), vai ser a idéia central do pensamento foucaultiano em *Vigiar e Punir* para as sociedades modernas, enquanto *sociedades disciplinares*.

É importante que Deleuze também busca apresentar a *disciplina* não como uma identificação com uma instituição, mas como *uma tecnologia que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolonga-los, faz-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo*. O MST tem no seu momento de fundação, a elaboração de uma visibilidade social como uma instituição moderna que possui toda uma estratégia e técnica de funcionamento para exercer o poder. Segundo a sua própria historiografia, com esse momento o movimento entraria assim em um outro instante histórico, conforme vemos a seguir¹⁶:

“Nesses anos de organização e luta houve vários períodos distintos. Num primeiro momento, de 1978 a 1984, foram dados passos visando a articulação das lutas localizadas. A partir de 1984 os esforços foram na construção e na constituição do MST a nível nacional, com a realização do seu primeiro congresso em 1985. De 1984 a 1989 o MST se consolidou como um importante movimento social, com seu espaço social próprio, sua base definida e suas áreas de ação geográfico prioritárias.”

Como vemos é um momento onde é apresentado como consolidação e definição do movimento. O MST que surge no cenário dos movimentos sociais, vai buscar instituir o seu aparato organizacional hierarquizado que lhe possibilitará lutar pelos objetivos traçados. Conforme pesquisa que realizamos dos seus documentos, o seu funcionamento e organização internas se divide nas instâncias que veremos a partir de agora¹⁷.

¹⁵ Normas Gerais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: caráter nacional, Capítulo VII, artigo 42, São Paulo, julho, 1988.

¹⁶ Documento Básico do MST, I Parte, item 67, São Paulo, julho, 1994.

¹⁷ Cartilha Preparatória ao Encontro Estadual do MST/PB, Alhandra, dezembro, 1996.

As instâncias do MST podem ser divididas em dois níveis. O nível nacional e o nível estadual. Veremos inicialmente o nível nacional, que se divide e se constitui hierarquicamente na forma do gráfico que vemos a seguir:



Estas instâncias apresentam uma determinação de funções específicas, nas quais o militante passa a estar subordinado, conforme a obrigação de cada uma da qual esteja fazendo parte. A atitude do militante diante dessa forma de organização é realizada nos *“Princípio da disciplina consciente”*¹⁸.

“A disciplina é quem garante a implantação das decisões coletivas, orienta a prática e garante o respeito à organização. Não basta ser superior no potencial de luta, é preciso ser disciplinado para manter a superioridade.”

É cobrado do militante a disciplina e o respeito às decisões hierarquicamente constituídas na organização e as funções de cada instância do movimento, numa tentativa de manter a unidade na direção que a prática militante vai exigir. Apresentamos, portanto, as funções de cada instância conforme estabelece o próprio movimento¹⁹.

A primeira instância é o *Congresso Nacional* que apresenta a reunião de delegados de todos os Estados e Municípios do Brasil, nos quais se faria a organização do Movimento dos Sem Terra. Este Congresso se reuniria de cinco em cinco anos e buscaria

¹⁸ Desafios atuais do MST, Bahia, março, 1998, p. 09.

unificar as várias frentes de luta pela Reforma Agrária. Além disso, ela buscaria definir também as ações que deveriam ser realizadas nos Estados e conseqüentemente, no Brasil.

Podemos perceber que há uma intenção de racionalidade organizativa que tenta manter no MST o princípio de unidade na forma como o movimento luta pela Reforma Agrária. Este Congresso apresenta um caráter legislativo absoluto sobre as ações do movimento e dos seus militantes, definindo ações e frentes de lutas em todo o país.

A instância seguinte seria o *Encontro Nacional* que se realizaria de dois em dois anos, pela representação de militantes dos respectivos setores do nível estadual. Esta instância faria um planejamento e avaliação das decisões tomadas pelo Congresso Nacional.

Conforme vemos, esta instância está subordinada às decisões do Congresso Nacional, mas tem como responsabilidade a efetiva realização das decisões tomadas por ele. Também percebemos que ele obedece ao princípio da racionalidade, numa tentativa de depuração, planejamento e análise de tudo o que é decidido de cinco em cinco anos no Congresso. Nele vimos a busca pela unidade das práticas e realizações do movimento.

Como terceira instância, teríamos a *Coordenação Nacional*, que seria composta por um representante de cada Estado nacional e um representante dos setores nacionais. Nele também se teria um representante das centrais de cooperativas, mais um representante da Direção Nacional. Esta instância se reuniria de três em três meses com a finalidade de encaminhar suas decisões para o Encontro Nacional. Os participantes desta instância teriam um mandato de dois anos.

Podemos perceber todo o esforço organizativo de manter a unidade que vai se afunilando durante a apresentação das várias instâncias. Nesta terceira instância por exemplo, vemos claramente esta tentativa, pela busca que realiza de fazer a ligação de vários setores diferentes da organização do MST, num período de tempo que se encurta cada vez mais para que haja o encontro. É como se a racionalidade necessitasse cada vez mais de um menor espaço de tempo para possibilitar o seu controle e estabelecer a sua ordem.

Por fim, a última instância que se teria no MST seria a *Direção Nacional* que se comporia de vinte e um representantes que seriam eleitos durante o Encontro Nacional, cujo mandato seria de dois anos. Esta instância se reuniria a cada quarenta e cinco dias, tendo como tarefa o encaminhamento das tomadas de decisões da reunião da Coordenação Nacional.

¹⁹ As instâncias nacionais e estaduais, novembro, 1993.

Novamente confirmamos a nossa percepção de que o esforço em fazer com que a racionalidade impere encurtando as distâncias e o tempo entre as decisões e as realizações, numa busca de fazer valer um sentido organizativo unitário. Nesta instância se percebe representantes eleitos no Encontro Nacional, cuja finalidade é se reunir após ter passado um mês e meio, para pôr em prática as decisões tomadas na instância seguinte que é a Coordenação Nacional.

Estamos diante de uma estrutura organizacional sobre a qual estão montados os trabalhos de militância política do Movimento dos Sem Terra e que buscam realizar a unidade, através de uma estrutura hierarquizada de avaliação constante. Percebemos uma forma de organização na qual o princípio da racionalidade moderna busca se estabelecer para o bom funcionamento da militância.

Esta estrutura de controle racional e burocrática que está presente na estrutura organizacional do MST, corresponde ao processo de expansão da *burocracia* e da *racionalização*, que é apontado por WEBER (in FREUND, 1987:19) como característica da sociedade capitalista e burguesa moderna. Segundo o autor, Weber define esse processo como um *resultado da especialização científica e da diferenciação técnica peculiar à civilização ocidental*. ARON(1993:495), corrobora com essa interpretação de Freund acerca do pensamento weberiano sobre a sociedade moderna e o capitalismo, ao afirmar que para Weber, a *racionalização burocrata*, que está presente nas instituições modernas, se expande independente do regime de propriedade.

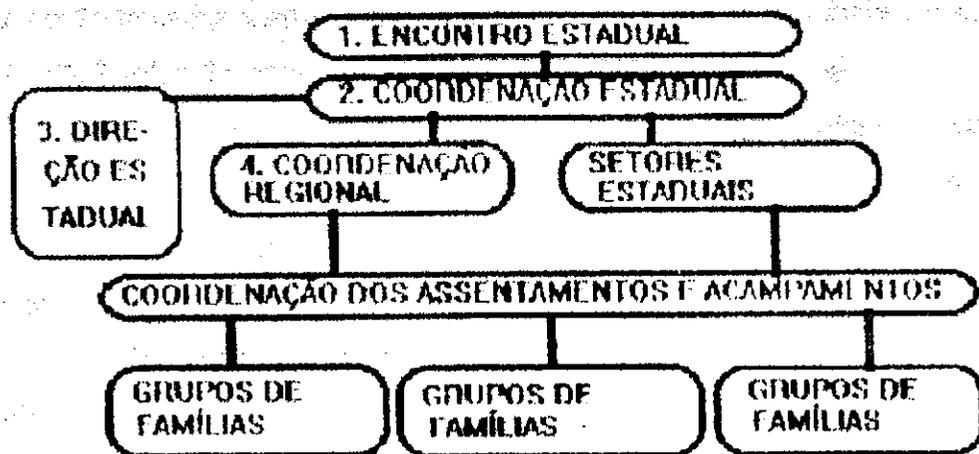
Segundo alguns autores²⁰, Weber não tinha uma visão positiva deste processo, não representando para ele, um sentido de um devir humano em direção ao progresso. Como afirma o próprio GIDDENS(1991) acerca do pensamento weberiano, através dessa expansão da racionalidade e da burocracia no mundo moderno, cada vez mais a autonomia e a criatividade humana ficariam mais esmagadas.

Podemos notar que na organização das instâncias do Movimento dos Sem Terra, está presente além deste processo de racionalização e burocratização modernos, uma busca de elaboração da *ação social* determinada de *modo racional referente a fins*, como um sucesso a ser alcançado, como um bem de salvação. Para isso o movimento busca regular as ações dos seus militantes de forma mais racional possível.

Para realizar tal regulação, o movimento vai se dividir em um segundo nível, no qual está estruturado a instância estadual do MST, as quais estão submetidas hierárquica,

²⁰ FREUND(1987:19) e o GIDDENS(1991:17).

acional e burocraticamente às decisões das instâncias nacionais. Este nível de instância, vai corresponder, fundamentalmente, ao modelo elaborado para o nível nacional, mas apresentando algumas alterações da instância que lhe é hierarquicamente superior, pelo caráter que possui de um contato direto com a base. Vejamos o gráfico da instância estadual:



No que se refere as funções da instância estadual, elas vão cumprir com as finalidades fundamentais apresentada para as instâncias nacionais. A primeira instância que seria o *Encontro Estadual*, que se realizaria todos os anos e que para tal, teria os representantes das áreas específicas de cada assentamento, acampamento ou de qualquer indivíduo que teria uma contribuição para o movimento dentro do Estado e buscaria principalmente unificar o esforço pela Reforma Agrária a nível de Estado, sempre realizando atividades em consonância com as determinações das instâncias nacionais.

A segunda instância estadual seria a *Coordenação Estadual*, se reuniria de três em três meses e não possuiria um número definitivo de participantes, pois as necessidades e capacidades de cada Estado é que iria determinar o número de seus membros. Sua responsabilidade seria a de fazer a definição e o encaminhamento das questões pertinentes ao Movimento dos Sem Terra no Estado.

A instância seguinte a nível estadual seria a *Direção Estadual*, que se reuniria também a cada quarenta e cinco dias, e que seria composta conforme as necessidades do Estado. Sua responsabilidade seria pelo fortalecimento das regionais e setores do Estado, além disso, seria uma instância responsável pela implantação das decisões que seriam tomadas a nível dos Encontros Estaduais.

Em seguida teríamos as *Coordenações Regionais* que deveriam ser acompanhadas pelos representantes da Coordenação e Direção Estaduais. Seria formada pelos representantes de acampamentos e assentamentos, por isso mesmo, poderiam ser massivas, com a participação de muitos representantes. Nela se discutiria as ações e a organização do Movimento.

A *Direção Regional* seria a quinta instância estadual, que seria responsável pela execução tomadas a nível estadual e a nível nacional. Ela poderia ser composta por uma Direção Regional menor, que auxiliaria a Coordenação Regional.

Finalmente teríamos como última instância estadual a *Coordenação, direção e grupos de família*, cuja proposta organizativa teria a finalidade de buscar uma maior participação e mobilização das famílias assentadas, bem como das famílias acampadas.

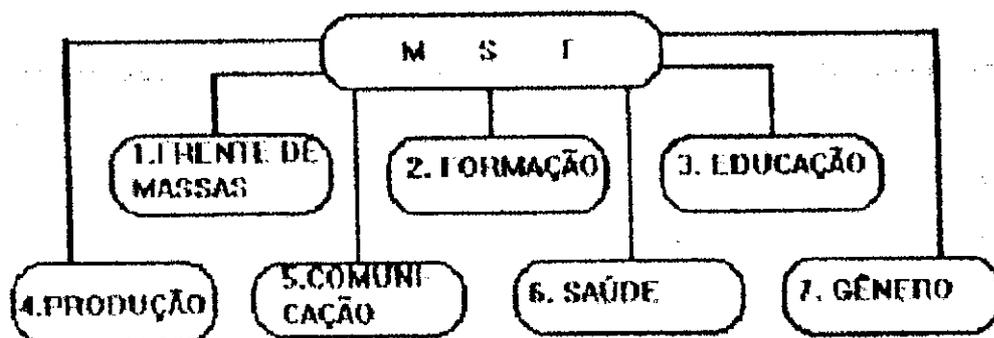
Percebemos claramente que a forma como o movimento se organiza nas instâncias estaduais mantém o mesmo princípio que apontamos para as instâncias nacionais. Trata-se de uma forma de organizar as subjetividades do militante, que passa a ser constituída segundo o dispositivo hierárquico de vigilância, para a transformação de indivíduos que foram estabelecidos, segundo FOUCAULT(1995:130) no século XVIII e no fim do século XIX.

A estrutura piramidal do MST corresponde a um dispositivo de olhar que induz a *efeitos de poder*, elaborando-se uma rede de observação mútua em que todos são vistos, no cumprimento de uma visão permanente de um olhar perfeito sobre as divisões das tarefas. A especificação íntegra e vigia pedagogicamente o militante, na funcionalidade da instituição e *funcionando como uma máquina* de vigilância contínua, que conforme afirma FOUCAULT(op. cit., p. 158) *é uma das grandes <<invenções>> técnicas do século XVIII*.

Podemos ver também o esforço que fazem essas instâncias para tomarem decisões e realizarem as decisões tomadas, num processo que também busca manter a unidade entre as instâncias inferiores e as instâncias superiores, o que representa também um princípio organizativo moderno. Podemos afirmar que há uma manutenção de uma racionalidade lógica que busca manter a ordem e o elo entre as unidades básicas e os setores superiores.

Seguindo a mesma lógica organizacional nacional nos Estados, todo o organograma que rege o Movimento dos Sem Terra tenta manter o princípio da ordem, da disciplina, da hierarquia e da unidade, tentando estabelecer um vínculo entre todos os membros do movimento.

Além dessa forma de organização através das instâncias que existe dentro do MST, também encontramos uma outra estrutura organizacional, que é através de setores. Este modo de organização se apresenta graficamente do seguinte modo:



Esta organização do movimento através de vários setores, possibilita-nos pensar na necessidade que o MST possui em aprofundar a disciplina e o controle dos seus militantes. São estas instâncias que tornam mais visíveis as práticas disciplinares do movimento que buscam produzir a subjetividade de seu militante, através de dispositivos que constroem o lugar do sujeito militante.

O primeiro setor que o movimento apresentaria seria o *Setor de Frente de Massas* que teria uma das funções mais importantes dentro do movimento, pois seria nele que se daria o momento inicial de luta pela terra. Como suas atribuições teria-se as funções de convidar, organizar, reunir e preparar as famílias para a possibilidade de ocupação de terra.

Vemos que se trata de um setor que enquadra o ato de militar da forma mais inicial possível, pois é a partir dele que se tem o início da luta do movimento, na atividade de ocupação da terra que o movimento busca conquistar. Portanto percebemos que este setor é responsável pela ação do militante, sem a qual não se torna possível a atividade do movimento. Entretanto, tal ato não é aleatoriamente realizado, pois ele possui todo um planejamento e uma racionalidade que é realizado por este setor.

O setor que viria logo a seguir seria o *Setor de Formação*, cuja responsabilidade se daria a nível da preparação e formação política dos assentados e acampados. Caberia-lhe a formação do militante, organizando cursos para os jovens e para as famílias acampadas e assentadas, cumprindo com a determinação de *formar-forjar* os militantes para cumprir com as tarefas da organização.

Diante do próprio sentido que as palavras formar-forjar expressam, este é um setor que deve cumprir com a responsabilidade de fabricar militantes através de tecnologias

de produção da subjetividade para a incorporação da visão política e ideológica do movimento. Nele percebemos também a busca de realizar atividades que desenvolvam um modelo de militante que se destaque pela coragem e a força, mas que ao mesmo tempo também possuam um espírito de irmandade organizativa, pelo uso constante da palavra companheiros.

Teríamos logo a seguir o *Setor de Educação*, que iria se incumbir da missão de educar os filhos dos participantes do movimento, resolvendo a questão de como iriam estudar os filhos dos militantes que estariam diretamente envolvidos na luta pela terra. Para isso é construído uma concepção de educação redentora e de educando redimido, que buscaria humanizar e conscientizar o sujeito da educação para a militância política libertadora.

Por isso mesmo, é que temos no princípio educacional do MST para o militante uma necessidade de construir esse sujeito de consciência política, com base numa tradição educacional crítica que se opõe a um modelo institucionalizado de educação, e que vai fazer oposições binárias entre o liberado e o reprimido, buscando conscientizar o militante da sua situação, ao mesmo tempo lhe impondo a missão ideológica transformadora e transgressiva, para construir um novo mundo social.

Vemos que este setor vai educar o militante para se tornar o sujeito consciente do seu papel revolucionário e transformador na sociedade. Neste sentido, a função da escola vai ser a de modelar e disciplinar o estudante segundo a orientação político-ideológica do MST, com base nos princípios e mecanismos institucionais direcionados para a formação do militante.

O quarto setor que seria apresentado pelo MST, seria o *Setor de Produção ou Assentamentos*, que se confrontaria com o desafio de desenvolver a produção nos assentamentos do movimento. Ele buscaria aperfeiçoar as formas produtivas, mantendo a organização dos assentados e discutindo formas de cooperação e de associação entre os assentados dentro do modelo do movimento.

Entendemos que se trata de um setor que buscaria fazer com que toda a engrenagem produtiva dos assentamentos funcionassem de acordo com as necessidades e projeto político do MST, no qual os militantes podem se apoiar economicamente. Para isso, seria necessário organização, conscientização política e cooperação.

Percebemos que este é um setor importantíssimo para o caráter político do movimento, pois ele funciona segundo a lógica de uma empresa econômica, e que vai ser fundamental para a mobilização do militante, pois sem uma base econômica sólida, não seria

possível a permanência na luta. É ele, portanto, que vai dar a sustentação econômica necessária ao militante do MST.

O setor que se apresentaria logo em seguida, seria o *Setor de Comunicação*, cuja função seria a de divulgar o movimento a nível interno, bem como a nível externo para toda a sociedade. Caberia-lhe a preparação do jornal, de panfletos, etc., nos quais as notícias e a imagem do movimento estariam sendo elaboradas.

Notamos que na apresentação que este setor vai construir do MST e do seu militante para toda a sociedade, bem como para os próprios militantes, vamos ter uma imagem eivada no sentido de força e da defesa dos valores e princípios do movimento. É o bastante, para se perceber isso, que se pegue algumas das manchetes de primeiras páginas do *“Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”*:

Do nº 200, de Maio de 2000	:	Agricultores mobilizam-se
Do nº 205, de Novembro de 2000	:	Sociedade sai em defesa do MST
Do nº 02, de Novembro de 2000	:	Governo mente e reprime
Do nº 187, de Março de 1999	:	Leonardo Boff defende o resgate dos valores socialistas
Do nº 199, de Abril de 2000	:	Justiça prevalece: José Rainha é absolvido.

Faz parte dos discursos dos meios de comunicação do movimento, enunciados como mobilização, defesa, repressão, resgate, justiça, que vão representar a postura e a imagem que se busca para o militante do MST, diante da sociedade e para o próprio processo de formação do militante. Com isso concluímos que o movimento tenta através deste setor, também influir na constituição do seu modelo de militante, para que este não enfraqueça perante a luta que deve ser travada.

O *Setor de Saúde*, teria como função dar uma orientação para a família em relação a higiene e farmácia, assim como, estabeleceria convênios com hospitais, com a finalidade de preservar a saúde e a higiene dos militantes nos assentamentos e acampamentos. Com ele, a base se conscientizaria sobre a importância da limpeza e da higiene para a saúde do militante. Sendo assim é que vemos que as normas de higienização elaboradas e instaladas pelo Estado para a família burguesa no Brasil, também vão ser aplicadas para construção do modelo de militante higienizado, disciplinado e medicalizado do MST.

Finalmente teríamos o *Sector de Gênero*, que seria um setor recentemente criado²¹ e que teria a finalidade de trabalhar as relações de gênero entre os militantes, desenvolvendo a cooperação e compreensão entre eles. Percebemos que se trata de um setor que tem como finalidade tentar solucionar o impasse entre a luta que o movimento realiza contra as desigualdades sociais e o lugar que a mulher ocupa nas relações familiares. Vemos que é um setor que busca abrir espaço para discutir a participação da mulher nos momentos de luta pela terra, na perspectiva de que as mesmas tenham os mesmos direitos que os homens, já que são discriminadas por atitudes de preconceito machista às quais são submetidas, pela simples condição de serem mulheres.

Como vemos, o princípio organizacional do MST que coordenaria a ação do militante corresponde a uma perspectiva de ordem, distribuição e hierarquização. Toda essa organização tem como finalidade construir uma instituição e um militante que critique a situação do trabalhador rural, lutando pelo seu direito à terra e por uma sociedade mais justa.

Podemos perceber que nas suas instâncias nacionais e estaduais, bem como nos seus setores, o MST absolve todo um organograma das instituições modernas, pelo esforço organizacional de poder alcançar os seus objetivos. GIDDENS(1991), analisando as dimensões institucionais da modernidade, vai afirmar que as instituições moderna com seu caráter capitalista, se caracteriza pela *concentração administrativa* que não está presente nos estados pré-modernos. Tal concentração administrativa se caracteriza por possibilitar um aparato de *vigilância*, que segundo o autor, vai constituir uma das dimensões institucionais, junto com o *capitalismo*, o *industrialismo*²², e o *controle dos meios de violência* para a ascensão da modernidade e que vai diferenciar as instituições modernas pré-modernas. O MST vai funcionar como uma instituição moderna, pelo fato de possuir todo um aparato de vigilância, de controle para os seus militantes, nos moldes das dimensões institucionais da modernidade. Além disso, o movimento apresenta uma concentração administrativa dentro de um modelo piramidal, que vai buscando controlar toda a base, a partir do que é discutido nas esferas superiores, na tentativa de alcançar os objetivos organizacionais a que está determinada. Tais objetivos já expostos anteriormente²³, são redefinidos por ocasião do III

²¹ Este setor foi recentemente criado, e não tivemos conhecimento do mesmo através dos documentos do movimento, mas pela nossa participação de um encontro promovido pela direção estadual.

²² Giddens(1991:61) conceitua o capitalismo como um “*sistema de produção de mercadoria centrado numa relação entre a propriedade privada do capital e o trabalho assalariado(...) que depende da produção para mercados competitivos*” e o industrialismo como o “*o uso de fontes inanimadas de energia material na produção de bens, combinando ao papel central da maquinaria no processo de produção*”.

²³ Vide p. 05 deste primeiro capítulo desta dissertação.

CONGRESSO NACIONAL, em 1995, ficando assim definidos segundo FERNANDES(1996:81):

- “1. Construir uma sociedade sem exploradores e onde o trabalho tem supremacia sobre o capital;*
- 2. A terra é um bem de todos. E deve estar a serviço de toda a sociedade;*
- 3. Garantir trabalho a todos, com justa distribuição da terra, da renda e das riquezas;*
- 4. Buscar permanentemente a justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais;*
- 5. Difundir os valores humanistas e socialistas nas relações sociais;*
- 6. Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher.”*

Percebemos que nesses novos objetivos, alguns dos anteriores estão mantidos, tais como o de criar uma sociedade sem exploradores e o de que a terra seria de todos os que nela trabalhariam. Entretanto, os demais objetivos são reelaborados, embora mantenham o princípio da transformação da sociedade, que está presente no primeiro momento dos objetivos do movimento. A busca pelas transformações sociais, econômicas, políticas que leva a uma sociedade socialista, acabam sendo declaradas mais claramente agora. Além disso, a luta contra a discriminação social e da mulher é acrescentada, já que não foi pensada quando da elaboração dos primeiros objetivos, pela necessidade daquele momento ser o de formar lideranças, de se organizar, de estimular a participação e de buscar uma autonomia do movimento. Todos estes princípios de organização do MST, se enquadram no projeto de sociedade e de sujeito iluminista, que como aponta HALL é um modelo masculino(2000:11).

Após termos elaborado a definição do MST, a historicização do movimento e a apresentação da sua estrutura organizacional, extraindo dos seus discursos elementos lingüísticos para traçar o perfil do militante, que determinam um referencial de gênero, que como estamos podendo ver é masculino, veremos a seguir as definições que se tem para os símbolos do movimento, para que a partir daí se possam manter esse princípio de unidade e organização até aqui apresentados, mantendo a análise das marcas lingüísticas que evidenciam o modelo do militante como masculino.

5. “DE AMOR ETERNO SEJA SÍMBOLO”

Os símbolos do MST, buscam estabelecer através de suas formas, cores e figuras as intenções ideológicas do projeto político do próprio Movimento dos Sem Terra, que conforme vimos ao final do item anterior, já assume uma postura socialista mais clara em seus objetivos. Desse modo, o movimento vai formular todo um modo de produção de subjetividade que vai ser exigido do trabalhador rural, diante de seus símbolos, como forma de buscar a serialização das subjetividades em torno do ideal comum.

No capítulo IX das *Normas Gerais*²⁴, vamos encontrar uma definição de quais seriam os símbolos do MST:

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais tem com símbolos a Bandeira, o Hino e o timbre para correspondência.”

Através deste artigo ficam instituídos os principais símbolos do Movimento dos Sem Terra. A forma de utilização destes por parte dos seus militantes, nas diversas atividades e instâncias representativas do movimento, são definidas nos itens 49, 50 e 51:

“49. Todo trabalhador vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra deve respeitar e valorizar símbolos, como identificação de nossa luta e sinal de unidade nacional.”

50. Em todas as atividades do movimento devem estar presentes a Bandeira e o Hino do Movimento.”

51. As diversas instâncias de representatividade e organização do movimento devem estimular a utilização dos símbolos em todas as atividades, bem como o surgimento de novos símbolos regionais, de acordo com as tradições culturais e de luta do movimento.”

Podemos perceber nos códigos que regem as atividades do MST, a tentativa de se construir um sentido de unidade em torno dos ideais do movimento. Essa busca pela unidade em torno dos ideais do movimento. Essa busca pela unidade é trabalhada por GIRARDET(1987), ao analisar os mitos que compõem o imaginário político francês,

²⁴ Normas Gerais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: Caráter Nacional, Capítulo IX, artigo 48, São Paulo, julho, 1988.

afirmando que ele se organiza em torno de quatro grandes mitos, sendo um deles o *mito da unidade*. O autor, desenvolve a tese de que tais mitos modernos não se diferenciam dos mitos das sociedades tradicionais. Neste sentido, como afirma GIRARDET (op. Cit., p.142) o mito da unidade se refere a uma busca de reunir todos em torno de uma *"vontade uma e regular que venha a substituir as miríades de vontades divergentes e condenáveis"*. Para o citado autor, este esforço vai ser simbolizado por uma imagem ou por cerimônias que busquem representar esses desejos de comunhão, em nome do sagrado mundo da Pátria.

No MST, isso se estabelece pela criação e sacralização dos seus símbolos. Para isso, o movimento parte do pressuposto de que todos podem construir uma identificação com a ação e com os objetivos políticos traçados pela proposta política do movimento.

Percebemos que o MST tem a intenção clara de identificar os militantes com os seus símbolos e com isso de transformar o trabalhador rural no militante, através da exigência que lhe são feitas de respeito e valorização dos símbolos do movimento. A onipresença e a unidade do movimento são preservadas através dos símbolos, por isso mesmo se tem a necessidade de que eles estejam presentes em todas as instâncias do movimento e em todos os espaços, gerando a força e a coesão necessária para todas as lutas do MST.

Como os símbolos buscam representar o sentimento de responsabilidade, de respeito e de ordem de todos os militantes, vemos que o MST cria todo um processo ritualizado de reverência e idolatria, cuja finalidade é aprofundar essa identificação do militante com os símbolos do movimento. Isto fica evidente na citação que se segue, retirada do Caderno de Formação²⁵:

"Devemos desenvolver o gosto pelos nossos símbolos que nos dão unidade, como: a bandeira, as ferramentas de trabalho, materiais de estudo, o hino do MST, e tantos outros que particularmente nos dão identidade."

Estes enunciados deixam claro que através de seus símbolos e do seu ritual, busca se construir o que GUATARRI(1996) vai chamar de um *modo de produção de subjetividade*, através da onipresença dos ideais do movimento, buscando estabelecer a unidade de todos em todos os espaços do movimento e construir sentidos subjetivos e objetivos para a luta, no que disponibiliza a todos para a padronização de comportamentos e sentimentos. A partir de agora, analisaremos cada um dos símbolos mais detidamente.

Inicialmente trataremos da bandeira, que conforme o Caderno do Educando²⁶ se tornaria um símbolo do MST no ano de 1987, quando teria acontecido o IV Encontro Nacional. Deste momento em diante ela passaria a estar presente nos acampamentos e assentamentos do movimento, bem como em todos os momentos de luta, de comemoração u de estudo. Ela está apresentada da seguinte forma:



A bandeira vai ser um símbolo nacional do MST, que buscará representar a sua unidade de luta pela reforma agrária e pro uma sociedade socialista. Segundo o princípio da representação, temos nela contida os seguintes significados:

“Cor Vermelha – Representa o sangue que corre em nossas veias e a disposição de lutar pela Reforma Agrária pela transformação da sociedade.

Cor Branca – Representa a paz pela qual lutamos e que somente será conquistada quando houver justiça social para todos.

Cor Verde – Representa a esperança de vitória a cada latifúndio que conquistamos.

Cor Preta – Representa o nosso luto e a nossa homenagem a todos os trabalhadores e trabalhadoras que tombaram, lutando pela nova sociedade.

Mapa do Brasil – Representa que o MST está organizado a nível nacional e que a luta pela Reforma Agrária deve chegar a todo país.

Mapa do Brasil – Representa que o MST está organizado a nível nacional e que a luta pela Reforma Agrária deve chegar a todo o país.

²⁵ A Vez dos Valores, Caderno de Formação Nº 26, São Paulo, janeiro, 1998.

²⁶ Nossos Valores, Caderno do Educando, São Paulo, junho, 2000, p. 22-23.

Trabalhador/Trabalhadora – Representa a necessidade da luta ser feita por mulheres e homens, pelas famílias inteiras.

Facão – Representa as nossas ferramentas de trabalho, de luta e de resistência.”

Percebemos aqui, como fundamento para a construção do simbolismo da bandeira para o MST, o sentido da representação tão caro a forma moderna de pensar os sujeitos e as coisas. Nela compreenderia-se que o representante mental corresponderia e unificaria a natureza dos objetos. Com isso o símbolo da bandeira através de suas cores e formas, representaria a unidade da militância através de sua luta, sacrifício e organização, que buscava a Revolução que igualaria não só aos militantes, mas a toda sociedade.

Podemos ver que tais símbolos buscam construir um lugar de sujeito militante masculino e viril através das cores e símbolos da bandeira. É assim que temos no vermelho a representação da vitória; no preto a representação da homenagem aos que tombaram na luta; no mapa do Brasil o lugar organizado e nacional do movimento; no casal a representação da importância da família, mas cujo modelo o homem que teria a força, conforme podemos ver na postura do cabal; e finalmente o facão que representa a ferramenta de luta do militante.

Estes anunciados que constroem os símbolos do MST, repetem o modelo apresentado para o perfil socialmente construído para o modelo dominante de masculinidade. Em torno destes símbolos e pelo que representam é possibilitado a construção da subjetividade militante, que enquanto um modelo masculino, vai buscar construir um ritual virilizador.

BADINTER(1983:70-71), falando sobre os vários processos pedagógicos para a virilização, vai afirmar que ela se dá no homem, como uma necessidade de ser posta à prova, tendo como finalidade mudar o estatuto de uma identidade: o menino que deve se tornar homem. Ela vai falar das etapas do rito de iniciação que possibilitam sempre a manifestação de coragem, resistência à dor e desprezo pela morte.

Menos cruéis e dramáticas do que os rituais apresentados pela autora no seu estudo, as cerimônias ao pé da bandeira do MST, funcionam como esse procedimento iniciático para a virilização do militante, em que ele deve corresponder aos ideais que os símbolos apresentam, mantendo-se corajoso, resistente à dor e sem medo da morte.

Neste simbolismo tanto percebemos recursos emocionais importantes para a elaboração da subjetividade do militante socialmente descrita como masculina e viril, tais como a esperança e a fé na construção de uma sociedade mais justa, como elementos

materiais que viabilizam a construção de tal sociedade, tais como as ferramentas, os corpos, o sangue e o luto para os que se dispõem à militância.

Esse desejo de uniformização e igualdade a partir do ideal identitário, busca desconstruir a possibilidade de pluralidade e das diferenças existentes no universo a que se propõe representar, pela elaboração de um sentido de unidade, com o comprometimento constante do militante, como vemos no trecho a seguir²⁷:

“Assim, além de hasteamos a bandeira e tê-la em cada casa e em cada mochila de cada militante, devemos pintá-la nas paredes das escolas, dos armazéns e outros locais dentro dos assentamentos.”

Neste enunciado percebemos claramente que existe uma tentativa construção de uma identidade com os símbolos do MST na vida do militante como um todo, impregnando-o com tudo o que ele representa de disposição para a luta, e que deve estar refletida nas mochilas, nas casas, nos armazéns, nas escolas, ou seja, em todos os espaços da vida do militante.

AZEVEDO(1988), elabora um trabalho acerca da bandeira nacional, sua intenção é o desenvolvimento da educação e do espírito cívico da nação. Nele o autor estuda a Bandeira do Brasil nos seus símbolos, cores, formas e significados, deixando claro que existe todo um esforço no sentido de fazer com que atributos simbólicos do país estejam presentes na bandeira, tais como as cores representarem a natureza e o sentimento do país, as formas geométricas representarem significados históricos e geográficos do Brasil e principalmente o espírito em torno dela que deve se dar em termos de veneração e patriotismo. Para isso, o autor apresenta artigos da constituição que determinam tanto o seu uso formal, quanto a postura de respeito exigida diante da mesma nas cerimônias de seu hasteamento, chegando a apontar a postura que deve ser tomada diante dela:

“todos devem tomar atitude de respeito, de pé e em silêncio, os civis do sexo masculino com a cabeça descoberta e os militares em continência.”

²⁷ A Vez dos Valores, Caderno de Formação Nº 26, São Paulo, janeiro, 1998, p. 13.

Fica-nos evidente portanto, que a bandeira, enquanto símbolo da identidade política nacional, apresenta-se como símbolo de respeito e unidade, que deve ser hasteada em todos eventos e locais de atividade em nome da Pátria. O MST repete estes princípios de dedicação à bandeira que está referido na Constituição Nacional como ícone da dedicação e união de todos à luta política, evidenciando a semelhança de princípios que está na base da construção do sujeito moderno.

Outro símbolo apresentado pelo MSR é o Hino do movimento²⁸. Percebemos que ele também foi elaborado para buscar uniformizar os militantes na sua luta política. Com letra de Ademar Bogo e música de Willy C. de Oliveira, seu poema é composto de quatro estrofes, das quais, uma é um refrão. Todas possuem cinco versos, menos o refrão que se constitui apenas de quatro versos. Analisemos cada verso de sua composição, buscando também perceber as marcas lingüísticas que nos possibilitem perceber um referencial de gênero:

*“Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!”*

Podemos perceber nessa primeira estrofe um convite à construção da liberdade, através de uma atitude que é socialmente definida como masculina e viril. Isso acontece pelo sentido de força física, que é socialmente estabelecida como um traço da masculinidade e que aparece através da expressão “braços fortes” e “rasgar”. Outros elementos discursivos que apontam para esse sujeito militante segundo um modelo masculino são os enunciados “valentia” e “rebeldia”, pois tratam de um lugar que é definidor da masculinidade em nossa sociedade para se exercer a masculinidade tem que se ter valentia e rebeldia. Tais enunciados selecionados apontam para que possam ser desenvolvidos pelo militante do movimento e que são qualidades socialmente determinadas para o masculino viril. No segundo verso temos:

*“Vem, lutemos punho erguido
Nossa força nos leva a edificar
Nossa Pátria amada livre e forte
Construída pelo poder popular”*

²⁸ Nossos Valores, Caderno do Educando, São Paulo, novembro, 1994.

Através deste refrão, podemos destacar novos enunciados, que permanecem na direção do modelo masculino e viril que deve ser o militante. Temos por exemplo a expressão “punho erguido”, que produz um sentido de força física e de uma postura corporal de luta, que é socialmente qualificada como masculina. A força que edifica, que expressa a direção deve ser dada a força que se tem, Pátria forte como uma orientação ampliada da força do militante. E continua na estrofe a seguir:

*“Braça erguido ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hastecemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!”*

Nesta terceira estrofe vemos renovada a orientação para a postura corporal do militante que deve ser de braço erguido, numa demonstração de poder que orientará a própria história que deverá ser construída. Também temos apresentado nesta estrofe uma capacidade de impor “força ao opressor” significando que lhe está à altura na conquista do amanhã. Finalmente, na última estrofe temos:

*“Nossa força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!”*

Percebemos nesta última estrofe imagem da “chama” que deve queimar para que a esperança possibilite construir a “luta” que levará ao “triunfo” da luta do militante. São marcas lingüísticas que evidenciam um resgate emocional em busca de um ideal proposto pelo movimento que se coloca no lugar do grande pastor que vai guiar os militantes, se propondo ao lugar do grande salvador social.

Estas inclusive, são características que PAIVA(2000:176), estudando o pensamento de Foucault, vai afirmar como presentes no cristianismo, que se coloca como a *religião da salvação*, elaborando uma forma de condução da vida dos indivíduos e de pastoreio dos mesmos. Segundo ele, Foucault fala que o cristianismo produz uma verdade e

elabora um exercício de revelação desta verdade, através da experiência de sacrifício e renúncia do eu. Podemos perceber claramente no convite que o MST faz ao seu militante, a renovação desta experiência de sacrifício do eu, o pastoreio de suas ações e a elaboração de um caminho para a salvação, ao qual o militante tem que se submeter, renunciando a si mesmo.

É importante também observarmos a recorrência de temas presentes em todas as estrofes, mudando-se somente a forma como são elaborados. Inicialmente percebemos o sentido de convocação imperativa que se repete a todo instante. Nas estrofes podemos perceber isso pela utilização dos verbos “teçamos”, “desfraudem”, “plantemos”, “ditemos”, “hasteemos” e “despertemos”. Todas estas convocações que são feitas ao militante, repete o modelo cristão que PAIVA (op. cit.) vai chamar de *teleologia do sujeito moral da fórmula cristã da carne*, em que está prometido uma libertação conforme a ação que o militante realize, que deve corresponder a uma ação definida socialmente como masculina, pois o feminino representa para a doutrina cristã, o erro e a tentação.

Desse modo é que podemos perceber que o MST elabora o que BOURDIEU (1989) vai chamar de *sistema simbólico* no qual se busca construir uma realidade, uma ordem e um sentido de mundo, estabelecendo a cumplicidade dos seus militantes de modo invisível através de uma postura de reconhecimento e legitimação da sua simbologia e do seu ritual.

A bandeira e o hino passam a funcionar como símbolo do poder, quanto *capital simbólico objetivado*, fazendo crer e ver na visão e na ação sobre o mundo que vai direcionar os destinos. Por meio da sua produção simbólica, o MST impõe elementos de dominação, domesticando o militante num sistema de propriedades objetivas, tais como uma atividade política, como também nas propriedades subjetivas como os sentimento de pertencimento. Esta ação simbólica na construção subjetiva de pertinência que a representação realiza, busca produzir a unidade real ou a crença na unidade, por ação de imposição ou inculcação de uma identidade legítima.

Na busca da construção dessa identidade o movimento vai ainda recorrer a símbolos reais de militância, através de figuras nas quais busca representar o modelo de militante perfeito. Veremos a partir de agora um caso de referencial para o militante que o movimento se utiliza, que analisaremos dentro de perfil de gênero do militante.

6. NAVEGAR É PRECISO...EIS O NAVEGANTE!

Diante do que já dissemos no que diz respeito aos objetivos, a organização e aos ideais do MST, passamos a apresentar a partir de agora o que vem a ser o modelo ideal que serve para orientar a formação do militante.

Em pesquisa realizada nos arquivos do movimento encontramos uma importante referência para orientar o processo de formação do militante. Vamos nos deter nele a partir deste item. Vejamos o texto a seguir²⁹:

“Se queremos expressar, como aspiramos que sejam nossos combatentes revolucionários, nossos militantes, nossos homens e mulheres, devemos dizer sem vacilação de nenhum tipo que sejam como o Che!

Se queremos expressar como queremos que sejam os homens e mulheres das futuras gerações, devemos dizer: que sejam como Che!

Se queremos dizer como desejamos que se eduquem nossas crianças, devemos dizer sem vacilação: queremos que se eduquem no espírito de Che!”

Podemos concluir que essas palavras se referem a um personagem que se apropriaria e se cristalizaria como o modelo do que seria o militante. Trata-se das palavras de um outro referencial para o movimento revolucionário de esquerda: Fidel Castro. Elas estão presentes na cartilha que é distribuída pelo MST e fazem referência a um protótipo de militante. Vemos nesta cartilha um resumo biográfico da vida de Che Guevara, falando sobre o seu pensamento, com fragmentos de suas frases, apresentando cartas do Che, mostrando o seu legado, apresentando textos poéticos em sua homenagem e finalmente, dando referências de obras escritas por ele e para ele.

Na verdade, a intenção desta cartilha é a de apresentar Che Guevara aos militantes do Movimento, estimulando-os ao reconhecimento do seu espírito de militante guerreiro e ativo, como modelo que teria sido capaz de dar a própria vida em nome da luta e da sua ideologia. Apesar do discurso dizer para não tratá-lo como um mito, apresenta-se as seguintes sugestões dadas para o uso da imagem de Che³⁰:

1. *Utilizar o capítulo sobre o “Legado Che, para refletir em nossos setores coletivos. Como nós militantes do*

²⁹ Che Guevara vive, Setor de Formação, São Paulo.

³⁰ Che Guevara vive, Setor de Formação, São Paulo, p. 05.

MST estamos seguindo o legado do Che? Em que precisamos melhorar?

2. *Organizar celebrações ecumênicas, no dia 8 de outubro, em sua memória nos assentamentos e acampamentos.*
3. *Quem tiver acesso ao Rádio, preparar programas de rádio, utilizar a cartilha colocar músicas em sua homenagem.*
4. *Conseguir muros nas cidades, para fazer pinturas bonitas, homenageando o Che e lembrando os 30 anos de sua morte.*
5. *Distribuir a cartilha para outros setores sociais, movimentos e sindicatos, e se articular com eles, para fazer atividades conjuntas, em homenagem ao Che.*
6. *Buscar pôster, quadros com sua figura, e colocar em lugar de destaque na escola, cooperativa, sindicato, centro comunitário, durante o mês de outubro.*

Existe uma série de outras sugestões para a utilização da imagem de Che Guevara pelo movimento, mas consideramos que estas já são suficientes para percebermos o lugar de idolatria e reverência em que deve ser colocada a figura de Che Guevara. Consideramos que isto fica claro na deificação e apoteose de sua figura, apresentando-o como aquele a quem se deveria seguir os passos, como afirma a frase: *“Será que nós militantes do MST estamos seguindo o legado do Che? Em que precisamos melhorar?”* Não se trata aqui de uma clara divinização? E o fato das sugestões de espalhar seu pôster em todos os ambientes que estariam vinculados ao movimento? Concluimos que na verdade existe um estímulo constante à celebração de sua figura de militante com todos os aspectos de força e de consciência ideológica que possui.

Nesta cartilha, Guevara é valorizado pela sua capacidade de se rebelar contra qualquer injustiça social; pela sua identidade latino-americana; pelo seu espírito de missionário, de sacrifício e de exemplo de trabalho; pelo seu despojo dos bens materiais e pela sua crença na forma das massas e desburocratização da relação entre ela e os dirigentes. Ele acaba representando o *tipo ideal* do guerrilheiro masculino e viril que vai incorporar o que BOURDIEU(1998) chama de referenciais *androcêntricos da dominação masculina*, dentro de um modelo *falo-narcísico*³¹ que busca justificar a dominação masculina, pela construção

³¹ É necessário distinguirmos o modelo que é apresentado por BOURDIEU(1999), que representa a significação social da presença do falo e que vai fundamentar uma sociedade androcentricamente construída, para o conceito de falo dentro de uma concepção psicanalítica e lacaniana, na qual o falo vai ser o significante da falta. Trabalhamos com o primeiro sentido.

social de uma posição associada do masculino como o alto, o ereto, o de cima, o superior, o duro etc.

Vemos que Che é louvado por ter dedicado seus 39 anos de vida ao seu idealismo e a revolução. Além disso, ele teria sido um homem que investiu nos estudos, pois se formou e se doutorou em medicina, mas que abandonou tudo pelo seu espírito de liderança e de revolucionário.

É importante observar também que nas 29 páginas da cartilha em homenagem a Che Guevara, temos a presença de 14 fotografias suas, nas quais em todas elas, ele se apresenta com o fardamento de militar. Mesmo nas que está com a família ou trabalhando na agricultura. Em outras 07 fotografias ele está com a boina de guerrilheiro. E em 06 dessas fotos, ele se apresenta como a figura tradicional do militante de esquerda. Ele apresenta corporalmente, o que BOURDIEU (1998:19) chama de a *construção de um corpo biológico* com esquemas perceptivos que marcam a diferença socialmente construídas da ordem social *androcêntrica* aplicadas ao corpo. Vemos na sua *parte pública* – parte superior – a marcação de uma identidade social que expressa os valores de uma virilidade física de potência através dos olhos, da barba, do bigode, da testa, gestos e vestimentas militares. De todas as fotos existentes, somente uma é tirada de corpo inteiro – assim mesmo com o fardamento completo de militar -. As demais fotos evidenciam a parte superior do corpo, que segundo o autor é delimitada pelo cinto.

É por tudo isso que Guevara é apresentado como um ícone para a formação da militância, sendo comum presenciar sua foto incorporada a algum símbolo do movimento tais como numa bandeira que tremula em alguma marcha ou que estaria exposta numa sala de reuniões, ou mesmo em um hino que busque desenvolver o espírito de militância. Ele é um ícone vivo que reforça a importância do simbolismo de luta do movimento, confirmado o *mito do salvador* que GIRARDET(1987) analisa no imaginário francês, pois ele possui as características de *um herói da exceção*, que se situa no plano mais elevado para servir de exemplo a ser seguido.

Vemos que são atribuídas a Che Guevara as qualidades de um modelo mítico na manifestação de um Cincinnatus que doou a sua pessoa para sua Pátria; de um Alexandre que se apodera das multidões pelo brilho da ação imediata e conquistadora; de um Sólon que legisla para a fundação de uma “nova ordem”; e finalmente na figura de um Moisés que anuncia o tempo do por vir. Che Guevara é identificado com esse modelo mítico político, como um chefe que aponta o sentido para a vontade geral.

O sentido da utilização da imagem de Guevara da forma como o MST o faz, podemos refletir que ele vai servir de referencial mítico, ele ocupa o lugar ideal de guerrilheiro másculo e viril para a militância do MST.

Na sua postura masculina e viril, Guevara deve ser seguido, enquanto um modelo de mestre ideal para a guerra, a que todos devem se assujeitar. No livro realizado pelo psicólogo NOLASCO (1995:75), ele vai apontar para esse imaginário da guerra que vai estar presente em instituições masculinas como o Exército e que vai possibilitar o surgimento de figuras como Hitler, Mussolini e Kadhafi com os seus respectivos seguidores. Isso nos leva a afirmar que o militante do MST é uma construção social pensada no masculino. Ele é produzido em um processo de produção de subjetividade serializada, levada a efeito pelo movimento que tenta conter os pontos de fuga, seguindo a característica fundamental da *sociedade disciplinar* que se estabelece também com base em processos normatizadores e de tecnologias do eu, visando a produção de movimentos sociais modernos de atitude socialmente definida como masculina.

Desse modo, buscaremos aprofundar no capítulo seguinte, esse processo de produção de subjetividade, levado a efeito pelo esforço para a produção da identidade do militante do MST.

CAPÍTULO II

TECNOLOGIAS DA SUBJETIVIDADE MILITANTE

1. DO PÓ SE FEZ O HOMEM

O MST funciona como um movimento social que possui um fundamento teleológico que lhe possibilita dinamizar a militância. Tais objetivos são basicamente a reforma agrária como uma democratização da terra e a construção de uma sociedade socialista. As estratégias de mobilização para estes objetivos acabam sendo estratégias viris, que se relacionam com uma simbologia do masculino na nossa sociedade, pela necessidade de ocupação na utilização de força e agressividade de forma ativa.

Para isso, ele necessita de dispositivos que funcionem como elementos disciplinadores e normalizadores da militância, construindo o lugar de sujeito militante tal qual ele necessita. Existe uma série de mecanismo hierarquicamente distribuídos em instâncias nacionais e estaduais, onde são discutidas as linhas políticas básicas de ação político-militante, bem como a elaboração dos códigos e documentos modeladores, serializadores e definidores da subjetividade militante, segundo o modelo apropriado para o movimento.

Dessa forma é que podemos ver o Movimento dos Sem Terra como o que GUATARRI(1996) vai definir como uma *máquina de produção de subjetividade*, na medida em que busca construir e impor um modelo de subjetividade para o militante. Ou seja, o seu *processo de produção de subjetividade* busca definir uma forma de perceber e atuar no mundo que é masculina, já que valoriza a utilização da virilidade, da agressividade e da força. Este modelo de militante está presente nas suas práticas discursivas e não discursivas produtoras do sujeito social militante do Movimento dos Sem Terra. Tais dispositivos é o que vão nos interessar a partir de agora.

Buscaremos entender neste capítulo quais os mecanismos de produção de subjetividade que funcionam no MST, que caminha junto com todo o processo de atividade política, mas que não são observados porque são vistos como tendo menor importância por uma forma de pensar com inspiração marxista. A subjetividade não era um elemento relevante quando se falava de análise do capitalismo. Bastava entender o modo de produção de

mercadorias, sem se levar em conta as subjetividades. A partir da leitura de Guatarri e Rolnik podemos ver que o capitalismo produz não só mercadorias, mas também subjetividades, sendo portanto, necessário entender também este processo.

Por isso este capítulo parte das seguintes questões: Como o Movimento dos Sem Terra produz as subjetividades dos seus militantes? Quais os mecanismos que ele utiliza para “forjar” este militante que foi apresentado no capítulo anterior? Como o movimento fabrica, gerencia, modela e faz consumir o seu modelo de militante que é antes de tudo masculino e viril? Quais os processos de construção e disciplinarização que o movimento utiliza para fazer a incorporação e espacialização do seu militante?

São questões que buscaremos responder ao longo deste capítulo, novamente analisando os documentos do movimento, mas também já buscando acrescentar os dados coletados a partir da pesquisa de campo, através das entrevistas e das observações realizadas no assentamento Massangana III.

Pudemos perceber no capítulo primeiro, que dentro do Movimento dos Sem Terra existem vários setores que têm grande importância para a construção do militante. Tratam-se dos setores de educação, de frente de massa, de formação, de saúde e de comunicação. Esses setores são fundamentais na preparação da subjetividade do militante para enfrentar a luta que se seguirá, subjetividade esta que percebemos relacionado com o que socialmente se define como postura viril e masculina.

Conforme vimos no capítulo anterior, cabe ao setor de educação, além da obrigação de ensinar as crianças e os adultos a ler, escrever, contar e pensar, a tarefa de educar política e ideologicamente os militantes, passando a idéia de sociedade que o movimento busca construir. Ele necessita portanto, elaborar o lugar de sujeito educado e de educação que seja ativo o suficiente para produzir mudanças sociais profundas no mundo.

Ao setor de frente de massa cabe a coordenação no momento inicial da luta e das atividades dos militantes, sendo-lhe atribuída a responsabilidade em convidar, reunir e organizar as famílias para a ocupação da terra, gerando-lhes o espírito de guerreiro e de coragem em nome da causa que deve alcançar. O setor de formação tem a incumbência de preparar politicamente os militantes tanto no período de acampamento como no período de assentamento, dando margem ao surgimento do sujeito consciente das suas obrigações políticas de construir um novo mundo. O setor de saúde vai tratar das questões de saúde e

higiene nos assentamentos e acampamentos, numa tentativa de preservar a saúde do militante, para que seu espírito ativo e viril nunca se abata. E por fim, o setor de comunicação, fica com a responsabilidade das atividades de comunicação tanto interna quanto externa ao movimento, se preocupando com a formação da imagem do movimento e dos seus militantes como figuras fortes e ativas na defesa dos ideais de igualdade e justiça entre todos.

Poderemos ver a partir de agora que cada um desses setores representam espaços nos quais encontramos estratégias que buscam construir o militante, segundo o modelo que apresentamos no primeiro capítulo. São estas estratégias que detalharemos a partir de agora.

2. SOLETRE! LI-BER-DA-DE!

O processo pedagógico que ocorre no MST é declaradamente uma prática política dentro de um projeto transformador da sociedade. Vemos que se trata de uma busca de construção de um novo homem anti-capitalista, cujos valores humanistas e socialistas o faz lutar por igualdade, justiça e liberdade. A função que a escola tem por obrigação e finalidade existencial, vemos na citação a seguir:¹

“Transformar as Escolas dos Assentamentos e Acampamentos em instrumentos de capacitação para a transformação social e de formação de militantes do MST e de outras organizações populares com o mesmo projeto político.”

Como podemos ver, a escola deve cumprir com o seu dever de formar e educar militantes. Dentro de um perfil educacional iluminista, de clarear com a luz da razão as consciências, o movimento se coloca no lugar de grande educador do sujeito social *Sem Terra*, construindo preceitos pedagógicos que buscam formar uma identidade de militante. É desse modo que encontramos como propósito para a educação dentro do MST² o seguinte objetivo:

“Chegar a ser militante! Esta é a meta; porque nada mais efetivo no aprendizado político do que pertencer a uma organização. Pertencer a uma organização”

¹ Documento Básico do MST, São Paulo, julho, 1994, p.36

² Caderno de Educação n.08, São Paulo, janeiro, 1999, p. 17-18

*é assumir seu caráter, seus princípios, seus objetivos,
e estar disposto a realizar as tarefas que lhe são confiadas
(...) esta é sem dúvida, uma dimensão fundamental
de uma educação que se pretenda
comprometida com a transformação social”*

Podemos perceber que o movimento deseja ser visto como uma grande escola que materializa um modo de vida, cultivando os valores da militância. Por isso mesmo o princípio pedagógico do MST, é assumir os objetivos e as tarefas do movimento. É assim que a pedagogia do MST, vem a ser uma pedagogia afirmadora da identidade do militante masculino e viril.

O projeto educativo do movimento, portanto, desenvolve estratégias não só de fazer com que o indivíduo se torne capaz de adquirir a capacidade instrumental de ler e escrever, mas também de construir o militante político comprometido com a sua causa de transformar a sociedade a qualquer custo. Nesse sentido existem uma série de *práticas educativas e de dispositivos pedagógicos*, que segundo LAROSSA(1995:57) *são qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprende ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo.* Tais dispositivos vão marcar a subjetividade dos militantes, buscando fazer com que o sujeito se transformem em sujeito de si mesmo, subjetivando novos códigos e realizando uma nova *experiência de si*. Vejamos esse discurso de uma aluna de um dos cursos do MST:

“Durante o curso eu aprendi mais sobre o MST. Aprendi como se organizar melhor, aprendi um pouco sobre conjuntura, lições de luta pela terra, aprendi que para alcançarmos nossos objetivos temos que lutar, lutar por um país melhor, e foi durante este curso que eu aprendi que devemos ser fortes. Quando cheguei aqui eu cheguei vazia, não totalmente mais tenho certeza que vou levando uma bagagem enorme, de cada coisa um pouco.”

Vemos que o MST busca construir essa nova experiência de si. Neste trecho isso fica muito claro, pois a fala acima expressa a construção de um lugar reflexivo sobre si mesmo, com a possibilidade de subjetivação de outras experiências de si, com preenchimento de um vazio interno, com a aquisição de força para lutar e para buscar alcançar os objetivos. Essa postura auto-reflexiva está presente também no discurso que se segue, que busca responder a questão de que dificuldades sentiu no curso:

“Minha maior dificuldade foi a timidez, por mais que eu tente não consigo deixar essa timidez mais, até que aqui eu me senti mais a vontade, acho que pelo menos um terço dessa timidez eu perdi. Espero que na próxima etapa eu consiga superar todas essas dificuldades. Também sinto um pouco de dificuldade em fazer amizades, mais aqui eu já consegui superar essa dificuldade.”

Entendemos que essa auto-reflexividade da experiência de si, acaba possibilitando a que o aluno se integre, e se expresse mais, dando margem a uma maior familiaridade com os demais, se envolvendo com as atividades e com os outros participantes. Sob o efeito dessa auto-reflexividade o aluno passa a ocupar o lugar da superação dos obstáculos pessoais e subjetivos que lhe dificultem se tornar um militante.

No que se refere aos dispositivos pedagógicos, podemos perceber que são desenvolvidas várias atividades que buscam direcionar os militantes-alunos na sua formação, em situações como esta que foi apresentada anteriormente. No Caderno de Educação nº9 são apresentados os seguintes lugares em que os sujeitos podem modificar as relações consigo mesmos e com os outros:

Aulas

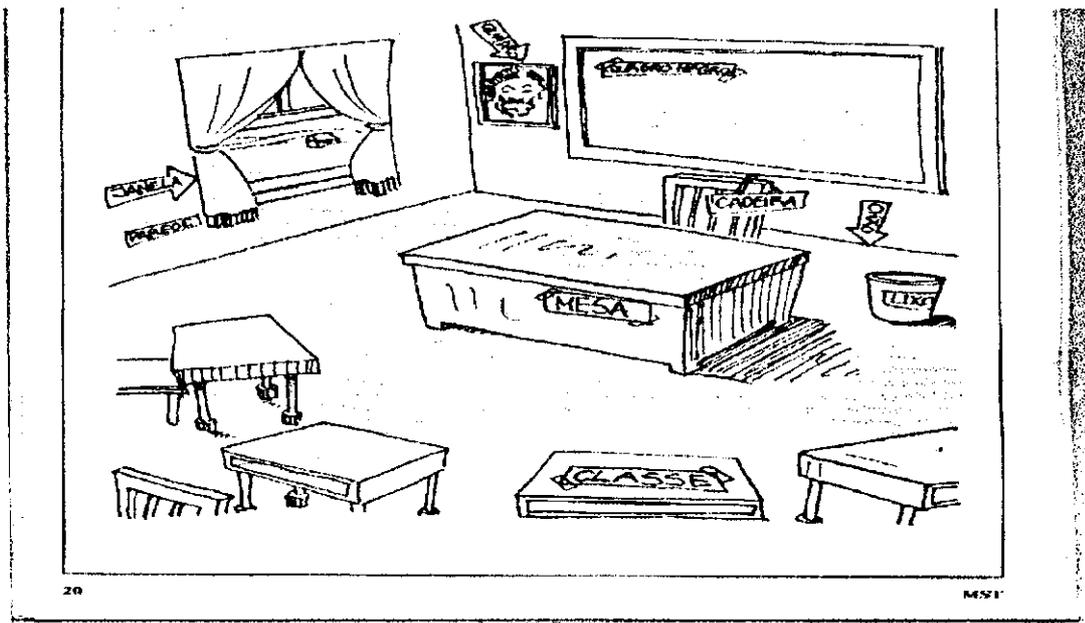
As aulas são dispositivos de tempo e lugar onde se realizam as práticas pedagógicas curriculares ou/e ideológicas, que vão se estabelecer na escola, enquanto um espaço onde, segundo FOUCAULT(1997:166), vai ser o *local de elaboração da pedagogia*, pedagogia esta que vai ser uma atividade detentora do *status* de científica e libertadora do homem.

O MST determina que as suas aulas tenham a duração de 45 ou 50 minutos, em que cada período corresponda a uma disciplina. Para que as aulas possam funcionar atendendo as dimensões educativas, o movimento recomenda que fiquem atentos aos seguintes dispositivos:

Organizar a sala é uma das orientações que é passada no sentido da disposição das cadeiras que são colocadas de tal modo que representem um grupo unido.³

“Elas podem ser organizadas em semicírculos, unidas para que os grupos de atividade possam trabalhar em conjunto,...”

O movimento orienta a distribuição da sala de aula para que os trabalhos possam acontecer de acordo com os objetivos propostos. Tanto assim que temos a seguinte recomendação para a disposição dos alunos em sala de aula:



Caderno de Educação n 03, São Paulo, abril, 1994, p.20.

Na prática, isso se configura em uma sala de aula cuja distribuição dos alunos realizam um semicírculo, conforme vemos a seguir, na foto retirada de uma aula realizada com os alunos do movimento na praça João Pessoa, no centro da capital da Paraíba:

³ Caderno de Educação n. 09, São Paulo, novembro, 1999. p. 39



A Semana, de 12 a 19 de maio de 2000, ano 01, n.52, p. 11.

Com isso se estabelece a possibilidade de todos se olharem e se verem, numa situação de controle mútuo. Ninguém pode passar despercebido e deixar de ser visto como um militante. Todos podem ser vigiados no cumprimento desse processo educacional ideológico. Com esta disposição temos a possibilidade não dita de ser desenvolvida uma outra atividade pedagógica que vai ser o *exame*, que é um método e um ritual disciplinar no qual temos um acompanhamento e uma confirmação da operação educacional realizada. Ela faz parte da responsabilidade do monitor, cabendo-lhe discernir sobre o bom aproveitamento dos trabalhos não só em relação às atividades de ler, escrever, calcular etc., mas também no que se refere aos temas e conteúdos que devem ser aprofundados em sala de aula. Para isso ele necessita⁴:

*“refletir em cima do material produzido pelos
alunos e fazer os registros das questões
observadas, todas as dificuldades e avanços de
cada um.”*

Há uma intenção de realizar esta disposição para que todos fiquem supostamente iguais. A tentativa é a de unir a todos e fazer com que possam construir um grupo de atividade auto-reflexiva que vai buscar trabalhar em conjunto. Também é estimulado a que se coloquem objetos pedagógicos interativos em sala, bem como que a própria atividade pedagógica também possa ser realizada extra-sala. Entendemos que todo esse esforço busca construir um clima pedagógico especial, onde se abre espaço para auto-expressão e construção de novas experimentações.

Os ciclos , etapas ou séries são outros dispositivos que vemos nesta proposta de organização da escola. Elas são colocadas de forma aberta para que se possa fazer uma opção por alguma. Por isso mesmo, é proposto que o próprio conteúdo programático seja retirado do lugar de centro das preocupações, se estimulando os educadores a deixar de lado um pouco as suas preocupações com os mesmo e a se deterem mais no ensino dos valores do próprio movimento⁵:

“O centro deve ser, cada vez mais, os ciclos da vida humana dos nossos educandos, e os princípios e valores do MST.”

Os princípios da inclusão, da valorização da natureza, do espaço local e de respeito aos princípios e valores do Movimento⁶ são marcantes para orientar a prática pedagógica, e coloca-se como um valor mais absoluto a prática reflexiva na política do que o próprio ato de transmissão de conteúdo.

Entendemos que esta forma de *organização* em seguimentos sequenciais temporais e seriados são procedimentos disciplinares que buscam orientar o processo educacional e realizar o controle e a evolução da experiência educacional. São portanto, técnicas disciplinares que buscam coordenar e orientar o progresso da experiência educacional, que pretende possibilitar a ler e escrever, mas também construir o sujeito militante.

A orientação quanto as *disciplinas*, é um terceiro dispositivo educacional para a escola. São oferecidas todas as disciplinas que são indicadas pelos Conselhos Estaduais de Educação. Mas elas não devem ser trabalhadas de forma estanque. São estimuladas as

⁴ Caderno de educação n.04, Porto Alegre, setembro, 1994. p15

⁵ Caderno de Educação n.09, São Paulo, novembro, 1999, p. 39

⁶ conforme se viu no capítulo I, item 1, que vão definir o próprio movimento.

disciplinas de história e filosofia, não se descartando a importância das demais ciências humanas. Além disso são estimuladas a oferta de disciplinas diversificadas tais como Agricultura, Gestão Rural, Bem Estar, e Memória Popular. Temos ainda, uma certa flexibilidade para que se possa trabalhar as disciplinas de modo a abranger novas áreas do conhecimento.

Por outro lado, entendemos que o processo pedagógico do MST na escolha das disciplinas está diretamente ligado a uma opção de sujeito social militante, pois tais disciplinas têm que estar relacionadas com os objetivos do movimento e com os recursos materiais disponíveis, para que os conteúdos possam ser desenvolvidos e as atividades elaboradas no sentido de que se possa aproximar o máximo possível o aluno das habilidades reflexivas que o tornem militante do movimento, aprofundando com isso a sujeição aos princípios do movimento, aumentando a obediência e padronizando suas subjetividades para a utilidade.

Um outro dispositivo que o movimento estimula é que sejam trabalhados os *temas* que dizem respeito ao próprio movimento e que estão relacionados com a identidade do MST. Exemplos disso é a seleção de temas que tratam da história dos assentamentos, história do Movimento dos Sem Terra, significado dos símbolos do movimento etc.

Percebemos que esses temas têm que estar relacionados com a possibilidade de construir novas soluções para as questões locais, cumprindo com o papel de gerador e sensibilizador de novas práticas de intervenção⁷:

“Há escolas que transformam os temas em objetos geradores de novas práticas. O aprofundamento leva a uma intervenção na realidade, planejada com a comunidade e com a participação dos educandos, para que os limites possíveis sejam superados.”

Neste enunciado percebemos que para o processo educativo, esses temas geradores devem ser discutidos com todas as partes envolvidas, ou seja, os educadores, educandos e a comunidade, numa atitude auto-reflexiva que possibilite a todos construir uma nova realidade subjetiva, mobilizando novas práticas e um novo sujeito social, que se revela através do militante.

⁷ caderno de educação n. 09, São Paulo, novembro, 1999, p.41

Como exemplo disso, temos a atividade proposta⁸ para desenvolver a produção da escrita, em que o alfabetizando tem que estabelecer relação entre letras e palavras partindo do próprio conhecimento e da realidade da própria criança. Com isso o processo educacional busca construir esse sujeito militante, como nas frases de Mariano de sete anos de idade e de Erineu de nove anos de idade, que vemos a seguir:

*“Eu cuido de gado
Eu cuido de porco
Eu do água pros porco
Eu vou na roça
Eu do água pro porcos”*

Nas atividades de Erineu temos:

*“Mcu trabalho
Eu cuido 37 vaca e vou na aula”*

Existe o compromisso de partir do conhecimento e da realidade dos alunos, como um mecanismo de estimulação e envolvimento dos mesmos nas atividades. Trata-se de um recurso pedagógico dentro do método Paulo Freire, no qual se busca envolver o educando no processo educacional, a partir do lugar imediato onde as pessoas vivem, sendo uma construção do conhecimento da realidade local. O método estimula a que seja feito o levantamento do universo vocabular dos educandos, para que a partir das palavras geradores se possa tanto realizar o processo de educação, como de conscientização política. Por outro lado, são desenvolvidas atividades que buscam deixar claro a condição social a qual os mesmos estão submetidos, estimulando-os na construção de uma posição ativa e reivindicatória, num processo claro de construção do sujeito militante, como podemos ver também na frase a seguir, retirada de uma gravura de sala de aula⁹, em que uma criança escreve no quadro:

“A terra é nossa”

⁸ caderno de educação n. 02, São Paulo, julho, 1998, p. 13

⁹ caderno de educação n. 02, São Paulo, julho, 1998, p. 22

Está confirmado a intenção pedagógica de construir o militante através de um dispositivo educacional, como aquele que luta pelos seus direitos. Tal processo de reflexão educativa vai buscar *forjar* desde cedo o militante, para isso vemos além de uma elaboração de uma concepção de adulto militante, também uma concepção de criança militante, que fica-nos clara na fala que vemos a seguir¹⁰:

“A criança Sem Terra, hoje, foi a criança ontem
isolada, excluída da sociedade. Ser criança Sem
Terra é ser criança que já tem um ideal, uma
perspectiva de vida. Prá nós, uma Criança Sem
Terra
é alguém que tem uma identidade de vida. Significa que ela está
incluída na construção de um projeto em que a vida está em primeiro
lugar (Jaime Amorin - Pe)”

Temos a evidência que existe um destino pré-determinado aos filhos de militante do MST, que é o de ser também militante, com todos os seus ideais e formas de atuação. É uma concepção de infância reinventada a partir da pedagogia moderna que determina o caminho para que deve ser direcionado o projeto de ser feliz, conforme os padrões do movimento, conforme os ideais de militante, conforme as aspirações de uma nova sociedade.

Trata-se de uma forma de estabelecer uma *experiência de si* mediada por uma ação pedagógica que LARROSA (1995:37) chama de *operação constitutiva de indivíduos* pela fabricação de *uma idéia de homem* e de *um projeto de realização humana*. Desse modo é que a prática pedagógica vai construir uma relação *reflexiva* do sujeito com ele mesmo, elaborando e mediando um modelo que propõe e que controla a *experiência e de consciência de si*.

LARROSA(op.cit.,p.42) vai apontar que o grande avanço possibilitado pelo pensamento foucaultiano foi a possibilidade que ofereceu em estudar não as idéias, nem os comportamentos, mas essa *experiência de si* que é uma contingência histórica e cultural, *resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade*. Ao nos voltarmos para a prática pedagógica do MST, podemos observar uma caracterização da pessoa que

¹⁰ criança em movimento: as mobilizações do MST, Porto Alegre, agosto, 1999, p. 18.

define uma realização para o sujeito e para o mundo social, através da realização de uma experiência de *si* presentes nas suas práticas e nos seus discursos pedagógicos. Podemos perceber que trata-se de um aprendizado de luta cotidiana e de desejo de vitória futura e de acumulação de força para lutar, através de uma mediação pedagógica da *experiência de si*, no qual a criança vai sendo educando e sendo construída no ideal de militância do movimento.

Como um quinto dispositivo que o MST utiliza para a sua atividade pedagógica temos o controle dos *espaços no tempo da aula*. Vemos que este dispositivo busca controlar a utilização no tempo de aula, que deve ser valorizados pela participação de todos. Temos como exemplos desse controle do espaço no tempo aula a utilização da mística¹¹, a utilização de notícias sobre o MST e sobre a conjuntura social, também a apropriação da memória dos relatos de lutas de grandes vultos ou mesmo de pessoas do próprio grupo, da pesquisa de livros, cadernos do movimento ou fitas de vídeo que falem sobre o MST, e da realização da leitura de textos que falem do movimento e por fim, da cultura, onde se “resgata” a cultura popular.

Além do caráter de distribuição, também vemos que deve ser levado em conta a questão de toda uma preocupação com o controle do tempo durante a atividade. Ele vai ser considerado um fator fundamental para o processo educacional¹²:

“Precisa ser controlado o tempo para cada atividade de ler, escrever, falar, calcular (...) não pode haver tempo vago entre tarefas.”

Notamos que o controle das atividades em relação ao tempo para realizá-las é uma responsabilidade atribuída ao educador ou monitor, o qual deve buscar controlar as tarefas, acompanhando e prevendo tudo o que é feito em sala de aula por parte dos educandos em todas as atividades de leitura, fala, escrita, etc., evitando assim a ociosidade entre as tarefas, com o desperdício de tempo no que deve ser realizado.

Neste momento, fazemos uma reflexão que a noção de tempo presente nas atividades do MST se aproximam do modelo burguês de produção de mercadorias que

¹¹ segundo o documento: “Os desafios atuais do MST” a mística é um dispositivo que busca estimular a permanência do militante na luta, incentivando-os e tornando-os felizes, através de utilização de atividades como música, teatro, dança, etc.

¹² caderno de educação n. 04, p.12

introduziu um método de organização científica do trabalho, o chamado *taylorismo*, no qual a produção era racionalizada através da noção de *tempo útil*, em que o tempo é economizado eliminando-se a ociosidade, os gestos e os comportamentos não produtivos e realizando uma nova forma de se relacionar com o tempo na modernidade.

RAGO(1994:35) realizando uma apresentação do que seja o taylorismo, mostra os quatro princípios básicos por ele difundido. Nesses princípios tem-se uma preocupação fundamental de administrar o tempo do operário para poder gerar uma maior produtividade. Para isso, retira do trabalhador o seu saber, o planejamento, a indisposição e a responsabilidade do fazer em função de *toda uma estratégia de indivíduos docilizados, submissos e produtivos*, fazendo com que o operário se transforme no *soldado do trabalho* racionalizando os gestos e o tempo.

Tal processo teria que acabar sendo absorvido pelas ideologias fascistas e totalitárias, tais como as existentes na Rússia leninista, na Itália fascista e na Alemanha nazista. Nesses países ela se institucionalizaria, conforme teria acontecido também nos EUA, na Inglaterra e na França. Paulatinamente, todos os espaços sociais passavam a estar invadidos pela utopia da racionalidade do tempo produtivo, que invadiria inclusive o trabalho doméstico.

Podemos perceber claramente que o MST, enquanto um movimento que busca romper com a ordem social instituída pela burguesia, repete-lhe o princípio fundamental na sua atividade educacional, ao solicitar que a atividade na escola calculando todo o tempo para as atividades pedagógicas e evitando o “desperdício” do tempo vago, tão caro para a formação do militante. O MST, enquanto uma instituição revolucionária, repete a lógica das instituições que critica, por ser também uma instituição dentro dos padrões modernos.

Oficinas

Existem outros dispositivos pedagógicos além da aula. Exemplo disso são as oficinas, que têm como finalidade trabalhar a capacitação em várias áreas, tais como na administração de oficinas para o aprendizado de preencher cheques, datilografar, etc.; na área

de produção para aprender a produzir produtos ou fazer plantios; e finalmente, oficinas na área cultural com atividades de teatro, canto, oratória etc.

O movimento orienta que essas oficinas podem ser feitas com membros da comunidade ou pessoas chamadas para essa finalidade. Sua finalidade é a de desenvolver habilidades específicas das pessoas da comunidade através de atividades práticas. Elas devem estar abertas aos jovens, adolescentes e crianças que não fizessem parte da escola.

Seminários

Os seminários são dispositivos educacionais que devem ser desenvolvidos pela escola para os seus alunos, bem como para toda a comunidade. Essa proposta deve ser realizada em cada quinze ou vinte dias e nela, se busca desenvolver a integração entre militantes de diferentes regiões.

Participamos de um evento coordenado pelo Movimento estadual, em que estavam presentes representantes de todos os assentamentos do Estado. Durante a exposição de um dos coordenadores do MST, que falava sobre a estrutura do MST e sua organização, pudemos perceber que a sala estava organizada nos moldes já orientados pelo movimento.

Em certo momento, pudemos viver uma situação que deixou claro o caráter disciplinar do movimento, quando duas militantes começaram a rir e conversar baixinho, se dispersando claramente do tema exposto e imediatamente o expositor se utilizando do papel de cumpridor do que FOUCAULT(1997) chama de *vigilância hierárquica*, - pois ocupava tanto naquele momento o lugar hierarquicamente superior, bem como na ordem hierárquica do próprio movimento, pois é coordenador estadual - aplicou-lhes uma *sanção normalizadora*, chamando-lhes a atenção para a exposição e dizendo que todos gostariam de rir com o motivo das suas risadas e afirmando logo a seguir:

“o coletivo é sempre maior do que o individual e todos funcionam como uma engrenagem, onde um depende do outro.”

Tal atitude foi marcante para que as mesmas não mais ficassem de conversa paralela, pois o expositor deixou claro que aquilo não era uma atitude coerente com a forma de ser militante que necessitava ter disciplina e respeito aos superiores, bem como o reconhecimento de que o todo é maior do que as partes individuais.

Visitas educativas

Outro dispositivo pedagógico que encontramos é a promoção por parte da escola de visitas educativas com todos os educandos à sede municipal do MST, a acampamentos, assentamentos, manifestações, encontros promovidos pelo setor de educação, etc. A intenção é possibilitar a participação dos alunos em atividades que estejam relacionadas com o movimento, apresentando atividades educativas de ampliação da realidade de seus acampamentos e assentamentos.

Jornadas pedagógicas

Vemos que as jornadas pedagógicas são dispositivos que buscam cumprir com a finalidade de promover, de forma conjunta com o acampamento e o assentamento, atividades que busquem conscientizar a comunidade, seja no aspecto político, ou nos aspectos cultural, de higiene etc. Elas podem ocorrer também fora da comunidade e visam sempre estimular os Sem Terra em sua luta.

Um exemplo da jornada pedagógica é a experiência do *acampamento-escola*, que é organizado no pátio da escola ou em uma área pré-determinada, em que todos os alunos da escola e de outras escolas participam, como também todos os professores, representantes de pais, da coordenação dos assentamentos e da regional do MST.

Percebemos que existe uma busca a que todos estejam envolvidos nesta atividade, cuja finalidade é fazer uma reflexão em torno do processo de luta necessário para o aperfeiçoamento do movimento e da atividade do militante, através de atividades programadas como estudo, animação, apresentação cultural, atividades esportivas, etc.

Observamos que o objetivo é claramente definido como o de construir uma identidade cultural entre as crianças assentada e as formas de luta do movimento, para que

mesmo aquelas que nasceram depois do assentamento, possam reviver a experiência histórica de luta da família, preservando o espírito militante.

Atividades propostas pelo MST

Existe ainda o dispositivo de *atividades propostas pelo MST*, a intenção é de que haja a participação em atividades do Movimento dos Sem Terra tais como as mobilizações dos Sem Terrinha, das Olimpíadas da Reforma Agrária, dos concursos Nacionais que são promovidas pelo setor de educação ou das campanhas nacionais de plantio de árvore.

Como exemplo da realização da Campanha de plantio de árvores, temos a que ocorreu em julho de 1999, promovida pelo setor de educação, cuja finalidade foi lembrar os militantes assassinados em 17 de abril de 1996, em Eldorado dos Carajás, Pará.

Noutro exemplo temos a mobilização dos Sem Terrinha que foi a primeira experiência de mobilização infantil realizada no âmbito estadual, ocorrida no Rio Grande do Sul. Ela realizou-se de 10 a 12 de outubro de 1994, e acabou sendo chamada de Congresso Infantil do MST. Essa experiência se espalhou por vários outros Estados como São Paulo, Santa Catarina, Paraná, etc., passando a ser denominada de Encontro dos Sem Terrinha¹³

Temos também os concursos do movimento, como o que ocorreu em 1998, realizando um Concurso Nacional de Redações e Desenhos, cujo tema foi: “O Brasil que queremos”. Em 1999 este concurso foi reeditado, tendo como tema os 15 anos do Movimento dos Sem Terra.¹⁴

Podemos perceber que estes tipos de mobilizações têm como objetivo realizar um reflexão em torno do MST, buscando unificar e criar uma identidade do pequeno militante em busca de um aprendizado do modelo de militante que o movimento pretende.

Comemorações

¹³ Criança em movimento: As mobilizações infantis do MST, Porto Alegre, agosto, 1999, P. 33

¹⁴ Criança em movimento: As mobilizações infantis do MST, Porto Alegre, agosto, 1999, p.38.

Com o dispositivo das *comemorações*, vemos que o movimento busca educar o militante, através da organização de eventos nas datas importantes para o assentamento ou acampamento, como por exemplo o dia da ocupação e dia da conquista da terra. O movimento também estimula que as datas nacionais tanto do MST como dos trabalhadores em geral sejam lembradas. Para isso se elabora um calendário comemorativo anual, onde deve ser buscado a participação de toda a comunidade.

Com essa finalidade, o Setor de Educação publicou, já na terceira edição, um calendário¹⁵ que encontramos nos arquivos do movimento, com a sugestões de ser usado nas escolas durante as datas comemorativas, convidando lideranças, dirigentes e estudiosos para debaterem com os alunos o assunto referente à data. Neste calendário se tem datas de comemoração universais como o Dia da Paz, Solidariedade e Confraternização em primeiro de janeiro; datas de revoluções e de revolucionários, tais como o triunfo da Revolução Cubana em primeiro de janeiro de 1959 e do assassinato de Emiliano Zapata em dez de abril de 1919; datas referente ao movimento como a realização do I Congresso do MST que ocorreu de 29 a 31 de janeiro de 1985; datas nacionais como o sete de setembro de 1822, quando se deu a Independência do Brasil; e datas de tragédias nacionais como a Chacina do Carandiru em São Paulo, que ocorreu em dois de outubro de 1992.

Podemos ver que são mais de cento e vinte datas que estão postas nesta publicação, em que é feito um pequeno resumo do acontecimento ou personagem, em todas elas vamos perceber que possuem uma qualidade em comum que é justamente o caráter revolucionário militante, como uma experiência ou um modelo de vida que deve ser seguido. São ideais, portanto, para o processo educativo do militante, como mais um dispositivo de serialização da subjetividade, segundo um modelo proposto.

Estágios de vivência

¹⁵ Calendário Histórico dos Trabalhadores, 3. ed., São Paulo, Janeiro de 1999.

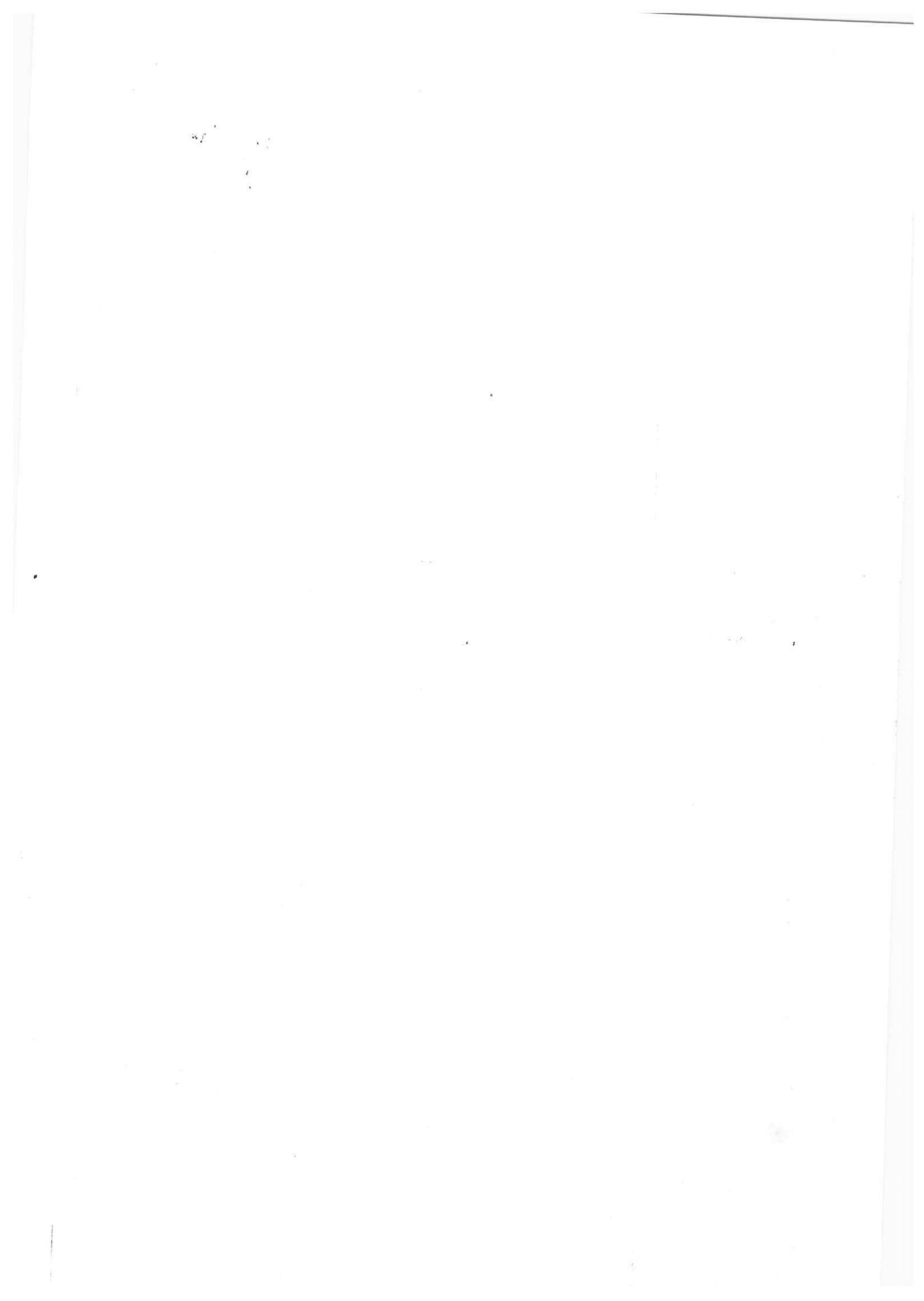
Nestes dispositivos notamos que são oferecidas possibilidades de se fazer intercâmbio entre os participantes de assentamentos e acampamentos diferentes, em que se busca fazer uma troca de educandos de realidades diferentes. Tal experiência é orientada para que seja feita com os educandos de faixa etária mais avançada. Também faz parte desse estágio de vivência o intercâmbio de crianças urbanas, das faixas periféricas das cidades.

Agenda escolar

Se trata de um dispositivo que o movimento estabelece para a produção do militante, buscando construir de forma conjunta dados dos educandos, da filosofia, objetivos e histórico da escola, seus membros, datas significativas, horário de atividades, regulamento interno, etc. Notamos assim que são estimulado a que os educandos participem e debatam a elaboração dessa agenda.

É mais uma forma de controlar a todos, através de um estímulo a participação nas atividades de planejamento, de gestão, de coordenação, regulação e de avaliação que são orientadas para serem sempre realizadas de modo coletivo. As próprias instâncias da escola que são a Assembléia, como a instância máxima da gestão, o Conselho Escolar que avalia os educadores e encaminha detalhes do projeto político-pedagógico, a Plenária que define conteúdos das disciplinas e a Coordenação ou Direção, que se orienta por “gestão democrática” e pelos princípios educacionais do MST, todas estas instâncias nos são apresentadas como responsáveis por um trabalho participativo que deve envolver as famílias, os educandos, os educadores, os coordenadores do movimento e da escola, para que o Projeto Político-Pedagógico de construção do sujeito militante possa ser efetivado. Por isso mesmo todos passam a fazer parte da construção de uma agenda da escola, em que devem estar programadas todas as atividades anuais, mensais, semanais e diárias.

Atividades especiais



Neste dispositivo vamos encontrar as estratégias que devem ser utilizadas nos dias em que fenômenos naturais acontecem, tais como em dia de chuva, em que os alunos não conseguem chegar até a escola. É colocado como importante poder desenvolver atividades especiais para estes dias, em que as atividades possam acontecer de forma diferente, com acompanhamento familiar e de monitores.

Outros tipos de atividades que devem ser desenvolvidas tais como a criação de uma horta com o objetivo do plantio de produtos para o abastecimento da cozinha da escola ou mesmo para serem vendidas na feira. São atividades desenvolvidas nas *Unidades de Produção*¹⁶. Além destas atividades, cujo caráter educativo busca fazer com que o militante se integresse e que se envolva com o movimento, também existem outras propostas de atividades como viveiros, jardim, marcenaria etc.

Estes dispositivos pedagógicos têm por finalidade fazer cumprir a proposta educativa do Movimento dos Sem Terra, buscando possibilitar uma nova experiência de si, sistematizando mecanismos de reinterpretação e transformação do que o MST considera como sendo a realidade.

Os dispositivos disciplinares que foram afirmados em relação a aula tais como a arte da distribuição, o controle das atividades, a organização, a vigilância, a normalização e o exame fazem parte de todos esses lugares que possibilitam a educação do militante para a luta.

Em todos eles, podemos compreender que o educando é levado a modificar as relações que estabelece com ele mesmo e com o mundo. São dispositivos que buscam subjetivar um novo sujeito transformado pela experiência de si e pela normalização do próprio movimento com sua proposta de tomada de consciência e de libertação. Essa proposta esta presente no *Credo do Educador*¹⁷ que vemos a seguir:

“...Creio na educação que, quando libertadora, é caminho de transformação para a construção de uma nova sociedade.

Creio na educação que promove e socializa, que educa criticamente e democraticamente, levando o ser humano a conhecer a si mesmo e ao outro...”

¹⁶ Caderno de Educação n. 09, São Paulo, novembro, 1999, p. 34.

¹⁷ Educação básica no campo, Brasília, 1999, p.75

Podemos ver a incoerência que atravessa o caminho de “libertação” apresentado pela proposta pedagógica do MST, proposta que se fundamenta na promoção, socialização, crítica, democracia e auto-conhecimento, mas que se baseia em dispositivos que buscam disciplinar os educandos para a formação de um “novo” sujeito social, cuja liberdade de escolha de *ser ou não ser* não é dada em momento algum. Além de ter a direção educacional voltada para a militância, a pedagogia do MST busca modelar tal militância segundo o princípio masculino de virilidade e força, sem o qual não será possível construir a tão desejada ordem social do movimento. É uma educação voltada para a ação social do sujeito social militante que se apoia na dominação socialmente construída de um modelo masculino, para impor sua utopia e para que ele venha a ser capaz de fazer a intervenção na realidade a qual estão inscritos¹⁸ como vemos a seguir:

*“Isto é, queremos preparar sujeitos capazes de
intervenção e de transformação prática da
realidade (...) Nossa educação deve alimentar o
desenvolvimento da chamada ‘consciência
organizativa’, que é aquela onde as pessoas
conseguem passar da crítica à ação organizativa de
intervenção concreta na realidade. Para isso os
processo pedagógicos precisam ser organizados de
privilegiar esta perspectiva da ação.”*

modo a

Nestes enunciados vemos claramente o sentido de que todos os dispositivos educacionais do MST têm a finalidade de educar para o enfrentamento. De construir um sujeito viril que se indigne com as desigualdades, com as injustiças e com o sofrimento do povo, e passe a construir a sua subjetividade nos valores da força, da dureza, do exercício da crítica e autocrítica, do espírito de sacrifício, da disciplina, da organização, do respeito à autoridade. Tal homem, supostamente ‘novo’, mantém um discurso de dominação, de opressão, de superioridade, de não aceitação da diferença, pela exclusividade que deve ser socialmente difundida e dominante, o modelo que o MST oferece, e que está perpassado em todo o ideal do processo educacional do movimento, como vemos a seguir¹⁹:

*“Chegar a ser um militante! Esta é a meta; porque
nada mais efetivo no aprendizado político do que
pertencer a uma organização. Pertencer a uma
assumir seu caráter, seus princípios, seus objetivos²⁰, e estar
disposto a realizar as tarefas que lhe são confiadas.”*

¹⁸ Caderno de Educação n. 08, São Paulo, janeiro, 1999, p.07

¹⁹ caderno de educação n.08, São Paulo, janeiro, 1999, p.17

²⁰ todos já apresentados no capítulo I deste trabalho

São esses os objetivos da educação e do projeto pedagógico do Movimento dos Sem Terra que podemos encontrar nesta citação retirada do caderno de educação, fica-nos evidente que o caráter pedagógico do movimento é o de construir o seu sujeito social de forma impositiva o seu modelo de militante. Este enunciado deixa isso evidente, não se trata de uma citação de um militante, mas de um caderno que fala dos princípios educacionais do movimento e que busca construir o militante, com o seu comprometimento com a organização, assumindo os seus princípios e objetivos e sendo um sujeito confiável e disponível a viver os riscos das tarefas que a organização lhe confia.

3. APONTAR ARMAS!

Podemos ver que o Movimento dos Sem Terra se amplia a partir do crescente processo de ocupação que busca desenvolver. A ocupação da terra, parece-nos o passo inicial da luta para que seja desencadeado a desapropriação da propriedade ocupada.

Vemos então que dentro do movimento, o setor de frente de massa é o setor responsável para que seja organizada e realizada esse primeiro momento de luta. O setor de formação é o responsável pela elaboração de estratégias formadores do militante para este combate. Conseqüentemente, concluímos que está sob a responsabilidade desses dois setores o desenvolvimento de uma série de práticas e tecnologias do eu que busca possibilitar a subjetivação do modelo militante viril, para que haja a participação de todos.

Nestes setores existem um conjunto de práticas disciplinares que buscam produzir a subjetividade do militante, fazendo com que a postura de virilidade possa ser sustentada pelo militante diante dos possíveis inimigos. Tais atividades não são nunca feitas aleatoriamente como podemos ver a seguir²¹:

“As formas de luta devem seguir um plano de ação com objetivos claros e com um calendário de preparação, execução e avaliação.”

Quando uma fazenda é ocupada, há portanto, todo um planejamento anterior por parte do setor de frente de massa, que justifica por em prática as ações militantes construídas no setor de formação, bem como através do desenvolvimento das próprias

ocupações. Vemos que nesse processo de ocupação é onde se dá, segundo o próprio movimento, a construção da própria militância. Vejamos o que diz o MST a este respeito²²:

“A massa se educa em movimento. As pessoas crescem e se formam nas ações concretas. As mobilizações possibilitam uma convivência política e organizada. A massa se forma e se educa a partir das necessidades que tem, participando ativamente das lutas, mobilizações, assembléias, atos públicos, caravanas, etc. O trabalho político- ideológico com as massas deve ser permanente sobretudo repassado de forma planejada e adequada à realidade de cada base.”

Neste momento, chamamos a atenção para o sentido de fabricação que o MST elabora para o seu militante e o caráter de manobra que tem que realizar para produzir a subjetividade que deseja, pelo sentido de “massa” que lhe oferece. Quando o movimento fala em “massa”, ele produz claramente o sentido de manipulação a que esta massa deve ser submetida para que possa construir o modelo idealizado pelo MST. Trata-se nitidamente de um modo de produção de subjetividade que necessita da mão e da inteligência do movimento para que seja produzido o produto ideal.

Neste enunciado o militante aprende como se deve agir para poder ser considerado um militante. Neste processo, invisivelmente através da prática, vai se modelando o militante que se quer, conforme a luta a que ele tem que se submeter. O militante se constitui a partir de sua própria luta, ou seja, só pode haver militante, se o mesmo corresponder aos dispositivos de resistência, luta e virilidade, que estão postos pelo discurso do MST.

Quando o movimento nos diz que nas lutas, mobilizações, assembléias, atos públicos, caravanas etc. é que se torna possível constituir o militante, está afirmando quais são os dispositivos que são utilizados para construir esse militante, que não nasce do acaso, mas de um planejamento anterior que o educa e o orienta política e ideologicamente.

No assentamento de Massangana III, temos muito claramente definido o discurso de luta subjetivado durante o momento do acampamento. O processo de subjetivação da militância que o MST elabora, cuja marca fundamental é a resistência, a virilidade e a

²¹ Documento básico do MST, São Paulo, julho, 1994, p. 25.

manifestação de força que *serializa as subjetividades* está presente nos discursos da maioria dos entrevistados. É assim que vemos nas palavras de todos, ao se referir ao momento de luta do assentamento a expressão da necessidade de um certo espírito de guerra e de disposição para a violência que a militância evoca, independente de poder ser cumprido ou não. Vejamos a fala desse militante que esteve no acampamento:

“Cada um ia armado, porque tinha medo do latifundiário não botar pistoleiro prá matar os trabalhadores. Agente ia prevenido porque se viesse ou dois, agente se prevenia, porque se ele dagente, se ele viesse com 5, acabava com cinco de lá. Que enquanto ele tivesse atirando em dois, agente acabava com tudim.”(LA)

Podemos perceber que o espírito do militante no acampamento é o de disposição para uma guerra. Ser militante, representa ter a capacidade de lidar com o riscos de vida, mas tendo uma disposição para enfrentar o adversário e mostrar sua força. De não fugir da briga. Para ocupar essa lugar de militante, não faz diferença se é mulher, homem ou menino. O importante é que se assuma o lugar de se expor aos riscos e fazer parte de todo o aparato tecnológico do eu que vai dizer os momentos de se reunir em assembléia no pé da bandeira, de cantar os hinos, de dar os gritos de guerra, de mostrar as ferramentas de trabalho, como expressões de união, coesão, força e virilidade dos militantes.

Nesses momentos se constrói o sujeito militante que o MST deseja. Numa de nossas entrevistas, o entrevistado nos fala dos momentos em que algum sujeito estranho rondava o acampamento, e diz que todo o grupo se reunia imediatamente em assembléia e o resultado temos o seguinte:

“...e nesse meio quando chegava uma pessoa de fora, uma pessoa estranha, ‘Tem gente estranha na árca!’, mesmo que passasse por longe, mas agente não sabia se era pistoleiro, não sabia quem era né? ‘Assembléia!’ e ia prá debaixo da bandeira reunido né (...) cantando o hino da reforma agrária e tal (...) e dando aquela bravura que tava unido ali sabe.”(S.G.)

²² Documento básico do MST, São Paulo, julho, 1994, p. 27.

Esse discurso deixa-nos muito evidente o sentido de produção de subjetividade viril do militante por parte dos dispositivos elaborados pelo movimento. Podemos ver que no momento em que todos se unem em assembléia no pé da bandeira, cantam o hino da reforma agrária, um sentimento de militante que socialmente é definido como viril se instala, unindo o grupo para enfrentar o adversário.

É dessa forma que é construído o militantes do MST do modo como o movimento idealiza e que apresentamos no capítulo I desta dissertação. Por outro lado, existe uma preparação mais específica na formação do militante que acontece anteriormente ao próprio ato de ocupação, que é também ato formador, e que é responsabilidade do setor de formação. Vemos que se trata de uma formação que pode ser de seus militantes, de massa, de base e de dirigentes²³, sendo uma atividade que muitas vezes se mistura com o próprio processo de educação do militante.

Temos como exemplo desse processo formativo as informações obtidas através de um reportagem que transcrevemos do Jornal Nacional, de 04 de maio de 2001²⁴, em que a atividade de formação de militantes é apresentada como estando ocorrendo na Escola Josué de Castro, onde funciona também o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária do MST (ITERRA), na cidade de Veranópolis, RS.

A reportagem busca apresentar uma escola, onde são oferecidos os cursos de supletivo, de administração de cooperativa e o curso de magistério. Tais atividades educacionais, segundo essa reportagem, também são confirmadas pela reportagem da Revista República, de autoria de Reinaldo Azevedo, que também afirma²⁵:

“O próprio MST, por meio do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, em Veranópolis, no Rio Grande do Sul, tem um curso supletivo de primeiro e segundo graus e um curso técnico de administração de cooperativas. Em Braga, noroeste do Estado, a Fundep - Fundação de Desenvolvimento de Educação e Pesquisa da Região Celeiro - já formou 120 alunos no curso de magistério. Em janeiro do ano que vem, tem início uma nova turma.”

²³ Documento básico do MST, São Paulo, julho, 1994, artigo 81, p.36.

²⁴ Jornal Nacional, reportagem de Paulo Renato Soares, Rede Globo do Rio Grande do Sul, 04/05/2001.

²⁵ República, MST/SA, dezembro, 1996, p 66.

Entretanto, conforme nos apresenta a própria reportagem da Rede Globo, e segundo denúncia de um ex-funcionário, também são oferecidas capacitação para a militância nesta escola:

“Eles faziam vários tipos de encenações. Cada dia, eles procuravam mudar... Faziam uma espécie de cerca, usavam armas feitas de madeira e encenavam como se estivessem derrubando cercas, invasões.” *assim invadindo, fazendo*

Neste trecho fica clara a denúncia de que por traz da atividade escolar existe o treinamento para a formação do militante, mascarado pela instituição educacional. Nos são apresentadas assim as táticas de invasão e de ocupação, com utilização de armas que devem ser realizadas para a atividade militante. Este treinamento é feito com a finalidade da utilização dos alunos durante as ocupações, como denuncia o ex-funcionário²⁶:

“Os alunos acompanham ações do MST. De vez em quando eles costumavam sair para participar de invasões. Ficavam dias fora, vários dias, em assentamentos e acampamentos de lona. Eles iam preparados para enfrentar a luta nem que, com isso, acabassem perdendo a vida deles.”

Neste discurso de denúncia contra o MST, se diz que uma instituição escolar é usada como fachada para a formação do militante do MST, recebendo inclusive financiamentos do órgãos oficiais como a importância de R\$140.000,00 Reais da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, dos quais ainda resta receber mais 186.000,00 Reais. Assim como do próprio INCRA, do qual recebeu R\$1.351.000,00 Reais.

A utilização da instituição escolar para a formação da militância, nos apresenta práticas formativas para as ocupações orientadas pelo movimento, onde o militante deve estar preparados para, se necessário for, a dar a própria vida, seguindo bem o modelo apresentado pelos ideais identitários do militante revolucionário, como por exemplo, Che Guevara. O que justifica que durante a reportagem, numa escada que dava acesso aos andares superiores da escola, e aos quais a reportagem não conseguiu permissão para entrar, podemos ver uma foto

²⁶ Jornal Nacional, Reportagem de Paulo Renato Soares, Rede Globo do Rio Grande do Sul, 04/05/2001.

enorme de Guevara, que está extremamente compatível com a proposta de formação de militante que o movimento proporia.

Podemos ver que é uma instituição que tem uma prática formativa prevista no movimento, em que se busca desenvolver quadros especializados a nível nacional e estadual para atuar na militância, com táticas de ocupação, segundo o movimento ou de invasão, segundo aqueles que os confrontam. O movimento busca desenvolver métodos de formação da militância em todos os níveis, dos métodos de trabalho popular, dos métodos de trabalho com a massa, bem como dos métodos de organização produtiva dos assentados e finalmente método de trabalho de ocupação.

A função fundamental deste setor é a formação de militantes que se disponham ao cumprimento da tarefa a que estão determinados pela organização, como se viu no capítulo I. Isso vai se dar tanto em relação aos acampados como em relação aos assentados, numa busca incessante de aperfeiçoamento dos trabalhos.

No Caderno de Formação n. 11²⁷, temos os *Mecanismos ou instrumentos para combater os vícios das formas artesanais de trabalho*. Vemos que se tratam de dispositivos que este setor utiliza para que no processo de formação do militante, se desenvolva técnicas de si, em que os militantes se autogovernem do modo mais profissional possível.

Identificamos nele, três dispositivos:

A vigilância

Vemos que é um princípio que busca fazer com que possa ser cumprido os princípios fundamentais do movimento. O Movimento busca fazer com este dispositivo que o militante funcione para manter a unidade e disciplina do grupo, sendo exercida da forma mais paranóica possível, que é desconfiando de todos ao seu redor.

A revista República, numa reportagem de Michel Laub²⁸ apresenta o que acontece numa situação em que o princípio da vigilância é quebrado, trazendo riscos para a unidade e disciplina do grupo:

²⁷ Caderno de Formação n. 11, São Paulo, agosto, 1986, capítulo IV.

²⁸ República, Vida na Iona, dezembro de 1996, p. 74.

“César e Cricri, entre outros, preenchem suas rotinas cuidando dos problemas que vão chegando. Os casos vão desde a má administração do lixo, que deve ser jogado em valas especiais, até indisciplinas simples - afrontas às rígidas regras de conduta expostas no regimento interno. Infratores são convocados a participar da atividade denominada “Formação”. Se alguém não cumpre uma ordem discutida em reuniões da coordenação - por exemplo, o respeito ao horário de silêncio, 23 horas, é convocado a assistir a uma palestra onde são retomados princípios básicos da vida em comunidade e preceitos ideológicos do MST.”

Podemos ver claramente que quando ocorre um caso de indisciplina, todos devem estar vigilantes para que sejam tomadas as devidas providências em função da ordem, buscando-se inicialmente restabelecer a ordem e a vigilância do próprio indisciplinado através de medidas formativas que lhe possibilite voltar a conduta esperada enquanto militante. Caso seja necessário, é convocada uma assembléia, na qual pode ser discutida inclusive a expulsão do militante.

O MST apresenta três campos importantes para se ser vigilante: o ideológico, o político e o organizativo. Vejamos cada um mais detalhadamente:

O primeiro é o nível *ideológico*. O movimento vai entender por ideologia o espírito de uma empresa ou instituição. Todos possuem sentido ideológico que deve ser absorvido pelos seus membros com a finalidade de que o MST possa desenvolver suas atividades. Há um esforço por parte do movimento em disciplinar ideologicamente o militante, tentando quebrar dos mesmos, o que considera os vícios que possuem e que possam destruir a disciplina e a unidade do grupo, deixando claro quais os códigos que devem ser seguidos e que se não o forem, serão considerados inimigos da instituição.

O segundo nível é o *político*. O sentido político de uma organização ou empresa diz respeito, segundo nos apresenta o MST, às ações conscientes que são propostas para serem realizadas, a partir das decisões tomadas nas assembléias ou congressos da empresa. Se o associado comete erros ideológicos, são considerados como inimigos ideológicos, se persistem nesses erros, passam a ser considerados como inimigos políticos da instituição e são imediatamente expulsos.

O terceiro nível é o *organizativo*. São as normas e princípios com as quais o MST busca aplicar às ações dos militantes, tentando realizar uma coerência entre a ideologia e

a política da empresa. Vemos que a vigilância se exerce pelo cumprimento das técnicas organizativas da instituição. Mantendo-se o militante disciplinado neste nível, mantém-se a organização em ordem.

Desse modo, o movimento recomenda que a vigilância seja realizada nesses três níveis, para que o militante não perca o sentido de sua formação e de sua conduta, obedecendo a rigor os princípios e objetivos do movimento.

Neste instante percebemos claramente a postura que o movimento assume de empresa, que está inserida dentro do modo de produção, com o qual tenta romper, mas repete os mesmos modelos e princípios organizacionais e administrativos. Como é possível fazer uma crítica a um sistema, utilizando-se dos mesmos princípios fundamentais que o mesmo utiliza e sem trazer nada de novo? Fica esta questão. Todos os princípios básicos de vigilância, hierarquia, disciplina e controle, se fazem presente no MST, uma organização moderna que busca fazer a grande Revolução social.

A crítica

A crítica é tomada pelo MST, como um instrumento de combate à desarmonia do indivíduo em relação ao grupo de trabalho. A partir dela, se pode conseguir um melhor rendimento das pessoas e da organização.

O movimento apresenta que é necessário que ela seja assumida de forma fraterna sempre buscando fazer com que se possa alcançar o sentido de ajuda e de superação de erros. Para isso ela deve ser realizada sempre mostrando a causa dos erros do militante.

Por outro lado, a crítica deve ser realizada, segundo a orientação do MST, em momento de reunião da organização ou em comitê, pois se for feita fora desses momentos, pode ser tomada como uma repreensão, criando atritos, conotação pessoal que podem gerar no futuro a indisciplina e a desunião.

Podemos perceber que é colocado que se o militante não se dispôr à crítica dos colegas se torna bastante precária a sua situação no movimento. Temos um caso ocorrido em Massangana III, em que um militante não aceitou as regras e as críticas realizadas a ele e o resultado foi a expulsão:

Ói, foi expulso um negão lá, meu amigo, o cara ficou brabo demais, o cara espumava, o cara babava, com "um foice na mão, uma peixeira desse tamanho, mas deixa que ninguém queria cortar etc. (...) O nego se abestaltou, tomaram a peixeira, o nego ficou completamente desarmado. Foram no barraco dele que era um barraco de lona preta, que o INCRA já tinha mandado umas lona, cortaram com rede com tudo, fizeram aquele mói, botaram dentro de um saco e jogaram em cima dele: 'Vai-te embora!' Aí botaram ele num ônibus, até hoje."(S.G.)

Vemos assim que a pena para o militante que não se dispõe às críticas pelo não cumprimento das às regras de conduta e dos princípios do movimento, é em caso extremo como esse, a expulsão. Mas se ele se dispor a rever a sua posição, assumindo uma falha na sua formação, pode permanecer no movimento. São instrumentos disciplinares que o movimento utiliza para formar o seu militante, direcionando a sua conduta e a sua subjetividade.

A reunião

Um outro dispositivo que evidenciamos dentro do setor de formação é o da reunião. Segundo esse dispositivo, o movimento busca poder alcançar os seus objetivos programados e exercitar as atividades coletivas da organização.

Para isso o movimento deixa claro que deve ser buscado uma organização, evitando-se *batc-papo* e anarquia que transforma a reunião em um encontro de amigos. Vemos também a orientação que é feita em relação a horários, com a apresentação de uma hora para começar e para terminar a reunião, evitando-se o que chamam de espontaneísmo.

Na organização da reunião o movimento estabelece que é necessário seguir os seguintes passos: *preparação, informativo com balanço crítico, plano de trabalho, distribuição e controle*²⁹.

Na preparação a responsabilidade é dada pelo movimento ao coordenador, que estabelece todas as diretrizes de lugar, hora, pauta, plano de trabalho etc. Quando reunidos, discute-se o tempo da reunião, que deve ser dividida em três momentos: o primeiro momento do Informativo e do balanço crítico, que dura cinco minutos; o momento seguinte, que deve durar em média de 45 minutos e que serve para discutir os informativos. A seguir, a orientação

que o movimento dá é que se proceda da mesma forma com o Plano de Trabalho. Sobra um pouco de tempo que deve ser empregado na distribuição de tarefas entre todos, firmando-se datas de controle para as mesmas.

Ao coordenador cabe o controle do tempo da reunião e de evitar que a mesma descambe para a anarquia e o desrespeito. Vemos também que só é permitido o aumento do tempo da reunião se todos assim definirem.

Todos esses mecanismos de controle, busca serializar as subjetividades dentro dos padrões de ordem, para que as energias não se dissipassem de forma anárquica entre os próprios membros do grupo, e sejam canalizadas de modo apropriado em direção dos seus opositores, utilizando-se inclusive do mesmo *Princípio de Administração científica* do capitalismo em produzir mercadorias, na produção das subjetividades militantes. Assim é que o movimento determina como deve ser cumprido nas várias momentos de reuniões para um bom aproveitamento do tempo. São instantes que a prática militante já começa a ser formada como orienta o código que temos a seguir:³⁰

“A formação se realiza em diferentes momentos e formas, como: a prática do dirigente, assembléias, encontros, passeatas, mobilizações, seminários, cursos, leituras, estudo individual, debates etc.”

Nestes instantes já se começa a subjetivar a formação do militante, segundo um princípio de disciplina que garante a organização, conforme afirma o discurso que vemos a seguir³¹:

“A formação faz parte da organicidade do Movimento. O processo de formação tem por objetivo desenvolver e garantir a unidade político-ideológica da organização.”

Esta unidade política ideológica que está no centro da construção da ética revolucionária e do comportamento militante vai se basear, segundo o discurso do MST, em valores como amor à causa do povo, companheirismo, disciplina, honestidade, responsabilidade, crítica e autocrítica, solidariedade, humildade, dedicação e compromisso com a organização³², que são valores que na nossa sociedade ocidental está mais relacionado com a

²⁹ Caderno de Formação n.11, São Paulo, agosto, 1986, p. 38

³⁰ Documento básico do MST, São Paulo, julho, 1994, parte II, art. 70

³¹ op. cit., parte II, artigo 71.

³² op. cit., parte II, artigo 67, item 6..

figura masculina, construidoras do modelo de militante. Essa formação político-ideológica que constrói o militante é que vai buscar envolver o militante, conforme vemos a seguir³³:

*“...o fortalecimento da pertença de classe, a
ampliação de conhecimentos sobre a realidade mais
geral do país e do mundo, a elevação do nível de
cultura política e o cultivo permanente de uma
mística revolucionária.”*

É desse modo que o movimento busca estabelecer o processo formativo do seu militante, definindo-lhe a sua subjetividade segundo os ideais que o movimento busca alcançar. Para isso o MST utiliza-se também do recurso da mística que vai criar uma atitude emocional necessária à prática militante, como veremos no próximo item.

4. HOMEM QUE É HOMEM NÃO CHORA

Em um estudo realizado para discutir a questão da vivência da afetividade na atuação política das lideranças do MST/Pb, LIMA(2000) levanta uma discussão sobre o papel do afeto no processo de luta dos Movimentos Sociais Populares. A autora chega as seguintes conclusões:

*“Além de constar na literatura produzida pelo
movimento a consciência de que o afeto é um
elemento importante na luta política, as lideranças
entrevistadas também comungam da mesma
perspectiva. Apresentam o afeto vivido na
militância política como força que mantém a
persistência na luta empreendida pela
transformação da sociedade, ainda que tenham
constatado que precisam investir de forma mais
incisiva nessa dimensão humana como elemento
imprescindível na construção da Reforma Agrária.”*

Estas conclusões a que chega a autora estão em consonância com o que reconhecemos profundamente presentes no MST. As emoções e os afetos são alvo de um profundo processo tecnológico, no qual o movimento busca construir o militante viril. O MST se utiliza de todo um processo ritualístico e místico para poder construir um sentimento de militante.

³³ op.cit., Parte II, artigo 67, item 07.

Discordamos, entretanto, quando os militantes apontam que *precisam investir de forma mais incisiva nessa dimensão humana*, que são os afetos, haja visto que só é possível todo o processo de luta e de serialização da subjetividade militante, a partir da construção de uma afetividade com a causa que o movimento possui e com a forma de luta através da qual o objetivo deve ser alcançado.

O que ocorre é que, todo o investimento afetivo é realizado pelo movimento para construir o militante viril e disposto para a luta, acabando por deixar um pouco de lado a necessidade de viver espaços para sentimentos menos viris e “mais frágeis”, portanto menos másculos. Existe uma afetividade no militante, só que esta afetividade é vivida na forma de uma masculinidade viril. O que o trabalho de LIMA(op.cit.) vai apontar é a falta de vivência na militância de afetos definidos na nossa sociedade ocidental como femininos.

Neste trabalho a autora apresenta o discurso de um dos líderes a nível de MST/PB, que traz a seguinte fala, após ter sofrido um acidente que o levou para uma cirurgia:

*“Foram duas coisas que aconteceram juntas: eu
fiquei sabendo que ia ser pai e dois dias depois
aconteceu o acidente. Então eu estava ali no
hospital, acidentado; acho que no primeiro dia
da cirurgia, eu ainda pensei que talvez não
sabia que pelo menos eu já
depois saber que* *depois
conseguisse. Mas eu
tinha um filho. Então que pudesse
tinha um pai que militou.”(EL)*

A fala deste militante é muito interessante no sentido de que ela traz a repetição de algo que marca o discurso masculino em relação aos filhos: deixar-lhes um exemplo de sua luta, pelo qual possam se orgulhar do seu pai. Isso faz com que o sentimento do risco da morte não produza medo, dor ou tristeza. São claramente sentimentos masculinos predominando, quando afirmam que vale a pena morrer, pois militou-se, e por esse lugar da militância ser um lugar que indica um sinal de sua masculinidade.

São os afetos viris que são construídos em meio aos militantes do MST. Moleza, fragilidade, medo etc., não fazem parte dos sentimentos que devem ser considerados superiores tais como indignação com as injustiças, orgulho pela causa, espírito de sacrifício no sofrimento, coragem diante dos perigos, etc.

Para que tais sentimentos que são definidos em nossa sociedade como masculinos predominem, identificamos que o movimento cria uma série de rituais que

possibilitam a que os militantes elaborem suas subjetividades de modo a que se enquadrem definitivamente no espírito emocional da sua luta.

Nesse sentido os símbolos do movimento são fundamentais³⁴. É em torno deles que se constrói a própria *mística* que vai ser definida da forma que vemos a seguir³⁵:

“A mística é uma realidade que mais se vive do que se fala sobre ela. É a alma do combatente. É o sabor que junta o pensamento a ação e a emoção. É uma crença no valor da vida, na dignidade das pessoas, na força do trabalho, na necessidade da na construção da solidariedade universal.” liberdade e

Todo o processo ritualístico em torno dos símbolos do movimento e na vivência da mística, vão corresponder a uma tecnologia do eu, na qual o movimento possibilita a que os sentimentos necessários para a militância forjem uma experiência de si inteiramente condizente com o processo de luta.

Podemos perceber que se trata de uma celebração emocional que fortalece o sentimento de convicção de que vale a pena lutar, e que o movimento vai buscar revelar nos diversos momentos da vida do militante, tomando-o na sua própria existência como vemos a seguir³⁶:

“O principal da mística é que ela seja a vivência e a manifestação do que se passa no coração das pessoas que lutam para dar sentido a uma existência digna. Ela se revela em todos os momentos: na vida pessoal e na relação afetiva, no trabalho produtivo e na luta política, na dor e na festa”

Há uma tentativa por parte do movimento de que a vida emocional do militante seja tomada por completo, com um profundo envolvimento com as tarefas que devem ser cumpridas. Neste sentido, um fator importante que percebemos para isso ocorrer é a realização da mística. Obtivemos dados das experiências relacionados a ela, tanto durante um Encontro em que participamos em decorrência da fundação do setor de saúde nos vários assentamento, como a partir dos discursos dos militantes durante o acampamento.

³⁴ conforme vimos no capítulo I

³⁵ A força que anima os militantes, São Paulo, novembro, 1994, p.03

³⁶ op. cit., p. 03

No encontro citado, aconteceram vários momentos de vivência da mística, que se realizaram de várias formas, sempre utilizada como um recurso tecnológico do eu para alterar o estado emocional do grupo.

Neste encontro aconteceram palestras de dois professores da UFPB, Campus I e do coordenador do MST/PB. Os professores discorreram sobre uma análise marxista do modo de produção capitalista. Já a fala do coordenador se prendeu a exposição de como está organizado o MST a nível nacional e estadual, bem como sobre os setores do movimento.

Como se tratavam de palestras teóricas, apresentadas de forma expositiva, por mais que os expositores buscassem a participação do grupo com a própria disposição das carteiras em forma de círculo buscando facilitar esta busca, acabavam se defrontando com um certo insucesso de tais tentativas, pois o tema da palestra limitava necessariamente a discussão.

Diante disso, um dispositivo utilizado para envolver emocionalmente os militantes ali presentes, na atividade teórico-doutrinária foi justamente a utilização da mística. Já na abertura dos trabalhos ela foi utilizada, numa situação em que o mapa do Brasil foi desenhado no chão e as pessoas representaram o papel do povo sofrido e explorado que carregava as mazelas causadas por uma pequena minoria da população, ali representados pelos burgueses.

A partir de uma teatralização dessa situação de dominação e exploração que se relacionava com o tema para a palestra. Esta por sua vez, teve sempre o tom de doutrinação e catequização do militante, pois os expositores buscavam construir um sentimento de revolta dos que ali estavam presentes, diante da situação a que, por fim, eles próprios estavam submetidos, conforme a análise teórica marxista apresentada. Estava construído a base emocional para se discutir o sentido da militância política no MST.

Entretanto, durante a palestra, nos momentos em que o aspecto teórico começaram a criar cansaço e resistência do grupo, novamente a mística era utilizada, para recuperar a força e a dedicação dos presentes. Recursos como hinos do Movimento, gritos de guerra tais como '*Reforma Agrária! Por um Brasil sem latifúndio!*' ou '*MST! Nossa luta é prá valer!*', foram recursos que funcionaram como um restabelecedor das emoções e do espírito de militante no grupo, buscando fazer construir um sentimento de identificação com o assunto estudado.

Podemos também encontrar a presença desse processo de subjetivação emocional através da mística, nos momentos de ocupação. Eles são utilizados também como um recurso que recorre às emoções do militante para manter o engajamento e envolvimento nas atividades propostas.

A predominância das emoções construídas para o militante são da ordem da virilidade, força e coragem, características definidas socialmente como do masculino, pois como diz um dos militantes do assentamento:

*“Esse negócio de acampamento para pegar a terra
é negócio para corajoso. Se for mole corre, quando
a polícia chega. Mulher não agüenta o rojão
não.”(S.B.)*

Para construir este sentimento predominantes no masculino nas emoções do militante, o movimento vai se utilizar da mística que passa a ser um elemento fundamental do processo de subjetivação. Temos como exemplo delas, os rituais realizados em torno da bandeira do MST, que buscam elaborar um processo de fortalecimento da coragem dos militantes e de intimidação dos adversários, como vemos na fala deste militante:

*“Quando nós vimos os policiais tudo descer, 250
soldados descendo dos carro, fumo prá negociação.
Fumo pro pé da bandeira e então soltemo sapato
prá cantar no pé da bandeira. Prá ele não carregar a bandeira do
MST (...) e fez uma roda no pé da bandeira, vamo cantar os gritos
de guerra.”(DD)*

Podemos perceber que esse ritual em torno da bandeira significa a tomada de posição para defender o símbolo da luta do grupo e dar demonstração de potência diante da polícia. No momento em que o militante citado narra essa experiência, ele próprio manifesta um entusiasmo que toma conta de si e o empolga.

Quanto aos gritos de guerra, também são tecnologias que têm como função sustentar emocionalmente o grupo com o sentimento de coragem, conforme nos fala esse militante:

*“Porque quando agente gritava, agente dizia assim:
‘O MST!’ e o outro já acompanhava né? ‘Essa luta
é prá valer!’ Aí pronto, nesse meio agente*

sustentava o barco (...) É uma alegria que nós temos
 pé da bandeira, porque quando agente tá ali, naquela patota, támo
 acampado, agente começa gritando, levantando a foice,
 levantando uma enxada, um facão, uma estrovcenga, aí um começa a
 gritar 'MST!', o outro grita 'Essa luta é prá valer',
 outro diz assim: 'Vai ou não vai?' 'Vai!' Aí
 começa e vai dando força, fogo naquela que tá ali
 assentado e um começa da força uns os outros prá
 ninguém esmorecer e não cair o acampamento.
 Porque se o camarada esmorece e um diz que vai
 embora e o outro também (...) perdeu a luta."(DD)

Os gritos de guerra são dispositivos que buscam produzir o sentimento de valentia e coragem no militante, sustendo o militante com os sentimentos de alegria, união e força que evita-lhe o esmorecimento diante da necessidade de enfrentar o inimigo, através da elaboração de sentimentos de força e de virilidade. Isso fica claro na fala deste militante que vemos a seguir:

"É gritando, bagunçando, porque a bagunça que eu
 digo assim é prá dar força pro outro (...) aquele
 povo que tá ali naquela bandeira, tá tudo numa
 união de carne e unha, prá dá pelo que for ou que vim
 (...) támo unido com aquele lá de fora, para saltar tudo feito um,
 tipo de marimbondo em cima dele."(DD)

Esse militante fala deste momento com grande entusiasmo, chegando a afirmar que se pudesse não gostaria de ter de sair nunca mais do acampamento, mostrando-se bastante adaptado para disputar e brigar, pois nas próprias relações que estabelece com as mulheres de sua vida - e já foram muitas - sempre ocupa esse lugar de viril, de macho e dominador. É como se o lugar de militante que é um lugar de vivência das emoções masculinas fosse um lugar conhecido seu.

Ao falar sobre a sua história de vida, este militante cita fatos que marcaram uma disposição para a violência, para a virilidade, desde a adolescência. Se uma mulher lhe desse espaço, ele não deixava de transar com ela. Da mesma forma que se lhe traísse com outro, apanhava e era expulsa de casa. Vejamos uma dessas situações:

"Cheguei lá dentro da roça, não tinha ninguém me
 vendo, sei que fui bater em cima (a sua mulher
 estava com outro). Égua! juntei um taco nos
 pinhaço, o caba danou-se logo mundo abaixo (...) dei
 umas quatro laboradas (nela), deixei."(DD)

Neste discurso há uma prontidão para a violência o que faz desse militante um modelo pronto para a luta e que irá sentir enorme prazer na briga e na subjetivação com a figura do militante do MST. Tal processo fica claro nas suas próprias palavras quando nos afirmou:

*“...se fosse o caso que eu pudesse acampar em
qualquer um canto, eu ainda vivia debaixo da lona,
porque eu achei muito bom, com tudim (...) porque
eu vivia debaixo da lona que tava no pé daquela
bandeira, cantando, batendo paima e cantando, isso era uma
alegria que nós tinha.”(DD)*

Entendemos que é este o lugar emocional do militante perfeito para o MST. Aquele que luta totalmente empolgado e que se pudesse permaneceria sempre nessa luta, com as emoções que ela lhe possibilitaria. É um modelo que absorve totalmente o modo masculino de se relacionar emocionalmente em nossa sociedade.

5. PEITO PRÁ FORA, BARRIGA PRÁ DENTRO!

Levi-Strauss(in DAOLIO, 1999:79) faz uma diferenciação entre o *estado de natureza* e o *estado social*. Seguindo a linha de pensamento de Daolio, na interpretação que dá ao pensamento do citado autor, ele afirma que existem características comuns ao ser humano em qualquer parte do mundo, que está representado pelo estado da natureza. Entretanto, existem diferenciações que são construídas socialmente e que representam o estado social.

O autor afirma que o controle do corpo - um estado de natureza - é necessariamente social, construído por cada sociedade e em cada tempo histórico - um estado social -. É assim que não só o controle, mas também a concepção de corpo e de natureza vão variar conforme cada sociedade e cada época.

A concepção de corpo e dos espaços construídas pelo Movimento dos Sem Terra, é portanto, uma concepção também historicamente elaborada com dispositivos que possibilitam a chegada aos objetivos do movimento e que necessariamente possibilitam a construção da figura do militante viril.

As técnicas corporais e espaciais utilizadas pelo MST, visam constituir a experiência de si do militante do movimento, para ter visibilidade tanto pela sociedade como pelo próprio movimento. É desse modo que são realizadas uma série de atividades que buscam formar a representação corporal e espacial do militante.

Entretanto, percebemos que não existe nos códigos, normas e resoluções do MST, nenhum artigo que determine diretamente o modo como devem ser formados as concepções corporais do militante. Porém vai ser encontrado uma série de dispositivos que possibilitam obter esta visão corporal do militante pelo controle exercido sobre ele e sobre os seus espaços. Tais dispositivos podem ser de mobilização, imagéticos ou médicos, como formas de produção do militante do MST, de modo a que se tenha construído uma imagem corporal de força e virilidade, seja pela sociedade, seja pelos próprios militantes. Vejamos estes dispositivos um por um:

Dispositivos de mobilização: distribuir as pessoas e controlar as ações

Como podemos ver até agora, o sujeito criado pelo MST, para lutar pelos objetivos do movimento é a figura de seu militante. Ele está apresentado como um sujeito masculino e emocionalmente corajoso e valente. Corporalmente esta atitude tem que ser viril para poder exercer o seu desiderato, territorializando-se e ocupando os seus espaços. Conseqüentemente, a postura, o gesto, o comportamento corporais devem assumir o lugar do masculino, do soldado, do guerreiro, que a *mecânica do poder* do movimento busca construir na prática revolucionária, de ocupar espaços³⁷.

³⁷ Os desafios atuais do MST, Bahia, março, 1998, P.11

“Os revolucionários pouco ou nada tem para contribuir com a revolução a não ser com o próprio corpo. Este é o instrumento básico que se sobrepõe a todas as armas, a todas as técnicas e todas as táticas.”

Segundo FOUCAULT(1995:146), através de *investimentos do corpo pelo poder* se gera a consciência do corpo e com um trabalho persistente sobre ele, acaba-se fazendo emergir também as próprias reivindicações desse corpo, que em oposição ao poder, busca saúde, prazer etc., surgindo os espaços para cuidar-lhe. Isso acontece com o MST, no surgimento do setor de saúde e que será discutido neste item.

É assim que, segundo FOUCAULT (1997:127), imerso numa *maquinaria de poder*, técnicas disciplinares constróem uma docilização do corpo, aumentando suas forças em termos econômicos de utilidade, e aumentando também as forças do corpo em termos políticos.

Esse processo disciplinar corporal é que constrói o que FOUCAULT (op.cit.) vai chamar de *anatomia política* e que no MST, funciona durante os momentos de mobilização da militância e da definição dos espaços para suas atividades. Isso vai acontecer através da utilização de uma série das técnicas distributivas e de controle das atividades.

Evidentemente pelas dificuldades de como pesquisador, não sermos filiados ao Movimento dos Sem Terra, não tivemos acesso a informações que nos possibilitassem ter uma maior clareza do funcionamento do processo de construção corporal do militante.

Nem por isso podemos deixar de ter a noção de que as técnicas disciplinares que o movimento utiliza no corpo dos seus militantes em função de alcançar os seus objetivos. Podemos ver isso durante as Marchas e os enfrentamentos com a polícia, que são técnicas corporais em que o militante tem que utilizar o seu corpo para enfrentar os seus opositores.

No livro coordenado por GÖRGEN(1991) são apresentadas várias lutas travadas pelo movimento com a polícia. Nele se tem uma descrição detalhada dos momentos de confronto e de marcha, segundo a visão de teóricos militantes. São utilizados dispositivos disciplinares do corpo que ao mesmo tempo abrem espaço para a luta do militante, mas também constróem no corpo, o sujeito militante viril.

A Marcha da Fome, que teria ocorrido à cinco de junho de 1990, onde se teria saído do acampamento da Boa Vista, do INCRA, em direção à cidade de Cruz Alta, percorrendo uma distância de 48 quilômetros e da qual teriam feito parte mais de 1.200 acampados, é um exemplo de um esforço físico e uma disciplina, ao mesmo tempo em que demonstração de força da militância, que se mostra capaz de superar as dificuldades físicas. Esta caminhada teria sido em função de receber comida para o grupo, que já estaria ameaçando saquear supermercados. Como resultado teria sido fornecido pelo secretário de segurança oito toneladas de comida para o grupo.

Nem sempre as caminhadas conseguem os objetivos que se desejam, e acabam produzindo confronto entre policiais e militantes. Teria sido o caso da caminhada em direção de áreas desapropriadas em Cruz Alta, RS, em 1986, quando a Brigada Militar teria sido convocada e o confronto tornou-se inevitável. Os militantes e os soldados acabariam ficando frente a frente numa situação de risco, em que GÖRGEN(op.cit.,p.23) narra a postura militante da seguinte forma:

“Os colonos saem dos barracos com seus instrumentos de trabalho na mão, dispostos a enfrentar os soldados: ‘Aqui dentro eles não entram’ Era o que se ouvia por todos os lados”

Mesmo sob forte ameaça dos policiais e com o risco de vida diante do enfrentamento, os militantes se dispõem a confrontá-los utilizando as armas que lhes são possíveis. Por vezes no confronto os danos corporais acabam ocorrendo como teria sido o caso do episódio que ocorreu na Praça da Matriz, em Porto Alegre, RS, em que a militante Elenir Nunes dos Santos, acabaria no CTI do Hospital de Pronto Socorro com duas balas no corpo e o soldado Valdeci Abreu Lopes, acabaria morto. Teriam sido mais de setenta que acabariam no hospital e centenas de desaparecidos. GÖRGEN(op.cit.,p.20) narra o conflito de maneira dramática buscando demonstrar a visão da história segundo a percepção de um militante:

“As imagens na Praça da Matriz são fortes. A polícia ataca os colonos. Estes reagem. O tumulto se forma, como uma batalha campal. Os colonos

apanham mais, muito mais. É desigual a luta. Confusão, correria, gritaria e desespero. Bombas de gás, cassetetes, baionetas, fuzis, tiros (...) as pedras do calçamento são arrancadas e jogadas contra os soldados. São as primeiros "armas" improvisadas pelos sem-terra. Colonos e soldados se misturam no corpo-a-corpo. (...) enxadas e foices são instrumento de defesa do corpo nas bordoadas de cassetete ou nas espetadas de baionetas. Depois viram armas de revide. Ninguém mais ouve ninguém. Soldados e colonos são jogados à própria sorte, num salve-se quem puder. Há feridos de ambos os lados. O sangue jorra e os ânimos se inflamam mais e mais."

Nas palavras de Görden, o drama vivido por todos na capital do Rio Grande do Sul, produzindo imagens do desespero e da confusão gerada pelo clima de guerra do encontro da polícia com os militantes. Os corpos de ambos são submetidos e expostos ao risco de matar ou morrer, aos ferimentos e a dor do conflito. O desespero e o ataque mútuo leva a uma situação não tão desigual entre os dois, pois como o próprio Frei (op.cit.,p.20) narrara, aconteceria a morte do soldado Valdeci:

Os soldados continuam a caça aos colonos, a pé e a cavalo. Um soldado é derrubado do cavalo com uma foçada, já longe da praça, no centro da capital (...) a morte de um soldado a golpe de foice."

No conflito, podemos perceber que os corpos são penalizados e expostos ao ferimento ou a morte a todo instante por qualquer um dos lados. Vingança, ódio e violência caminham juntas nesses momentos e os corpos são expostos a carne viva no cumprimento dos deveres: O soldado e militante buscam cumprir com suas obrigações militares, conforme nos mostra GÖRGEN(op.cit.,p.26) quando narra o conflito que teria havido em São Juvenal, na fazenda Cruz Alta, em 1987:

"Em cada ônibus que leva os colonos de volta à Anonni, vão alguns soldados. Num dos ônibus há uma troca de desaforos entre um colono e um brigando. Vence quem está armado. O colono

apanha e as bordoadas de cassetete quebram seu braço direito (...) os colonos estão revoltados com a covardia. Querem tirar desforra com o soldado que quebrou o braço do colono.”

A coragem do militante em cumprir sua obrigação e não temer diante dos riscos da própria vida são um elemento marcante para o referencial de militância ideal. Vejamos como GÖRGEN(op.cit.,p.47) nos apresenta este conflito mais detidamente:

“Os colonos estão cercados por todos os lados. Um grupo abre o cerco, no lado de baixo da praça, próximo ao Palácio da Justiça, com enxadadas e foçadas. Vários soldados saem feridos. Quem fica isolado do grupo, apanha até não levantar mais. Soldados cercam um colono que está sozinho e gritam que ele largue a foice.

-Não largo - grita ele.

Via que batiam demais em quem não tinha nada nas mãos para se defender. Ameaçam atirar.

-Atirem se quiserem. Podem me matar. Mas a foice eu não largo. Ela é minha defesa.

Cravam-lhe a baioneta. Ele se desvencilha e revêida com a foice. Apanha até desmaiar. Ficou com várias fraturas no corpo. Muitos presos, muitos para os hospitais. A batalha campal na praça termina.”

Os corpos são cercados, mutilados, feridos e expostos à própria sorte do confronto entre a mesma forma de virilidade. Militar e militante vão se debater pelos seus idéias, na obrigação da tarefa que deve ser cumprida. Tais corpos devem estar preparados para este momento, pois é o momento de prova do verdadeiro militante.

Podemos perceber funcionando no MST, dispositivos corporais em relação a questão de gênero, em que a organização do espaço vai ser fundamental na distribuição e definição papéis masculinos e femininos. Quanto a isso temos uma reportagem intitulada *Vida na Lona*³⁸, que mostrando a realidade de um acampamento a beira de um rio, fala-nos sobre as atividades realizada nele:

³⁸ República 1, *Vida na Lona*, dezembro, 1996.

*“No rio que corre ao lado do barranco onde estão
fincadas as moradias provisórias (...) as mulheres
tomam banho numa determinada curva do leito. Os
homens, mais adiante.”*

Trata-se de um controle das atividade de gênero, que também está presente na fala dos entrevistados do assentamento de Massangana III, em que o feminino vai ocupar os espaços “privilegiados” sobre o masculino, conforme vemos na fala do militante a seguir:

*“Eu sei que fumo despejado duas vez no dia. A
polícia levou agente e teve que deixar agente na
rodagem, na que vai para Cruz do Espírito Santo
(...) eu só vi aquela enfileira de gente, aí eu
acompanhei. Quando cheguei nessa estrada de Sapé,
tinha um sitinho de cajú, aí as muié com aqueles menino, tudo
com fome, aí as muié disse: ‘Meu Deus, vamos ver se essa casa
arruma umeno uma agüinha prós menino tomar’. Mas tudo Deus
encaminha. Quando nós chegemos nessa casa era
uma terrinha particular aí a muié disse: ‘Ói, vocês
chegaram bem. Esse bichinho com fome, vem prá cá,
fica aí nesses pé de pau, que vocês faz comer prá esses menino.
As muié toma banho, tem banheiro, agora os homens se vire pro
dentro das capoeira.”(S.G.)*

Além da distribuição dos espaços de gênero nesta marcha, também esta presente nesta fala o privilégio dado ao feminino, no sentido de que são postas para utilizar o banheiro e o masculino pode se virar com as capoeiras. Segundo o entrevistado, nessa caminhada existiu todo um controle punitivo, com punições que FOUCAULT(1997) vai chamar de *sanções normalizadores* que visavam disciplinar os militantes:

*“tinha disciplina, prá ninguém dizer tanto assim,
que atingisse uma mulher daquela não porque era
logo expulso. Era tudo como irmão. Se vê uma
mulher de mau jeito, era mesmo que não vê nada e não
sair comentando: ‘Eu vi a mulher de seu fulano nua ali. eu
vi a mulé fazendo negócio ali’. Se eu dissesse, caía nos ouvido e
ia lá prá assembléia. E lá naquela assembléia eu era expulso, como
um sinal que não podia tá ali. A ordem era essa. Tinha
muito controle.”(S.G.)*

As assembleias funcionavam como a instituição normalizadora do assentamento, cumprindo com o papel que lhe competia, e para a qual estava orientado. Todos tinham que participar delas, conforme vemos a seguir³⁹:

*“Todos tem que participar das Assembleias;
homens, mulheres e crianças.
Todos devem respeitar as decisões tomadas em
Assembleias.
Os problemas e acertos devem ser discutidos e
aprovados em Assembleias.”*

Nas marchas e nos piquetes podemos ver uma elaboração clara da mobilização militante, cuja manifestação deixa evidente um controle de espaço e do corpo de maneira a deixar manifestar uma expressão de força e resistência. Nelas o militante desenvolve o espírito de sacrifício e a disciplina, pois todos devem ser incorporados a uma composição de corpos em espaços que expressassem o movimento coletivo em busca da terra. São mecanismos que nos possibilitam analisar a realização de uma manifestação disciplinar corporal de força do militante.

Desse modo é que vemos estabelecidas uma forma de luta na qual o horário seria um elemento importante para realizar a tarefa a ser cumprida. As marchas e os piquetes têm uma intencionalidade e um tempo a ser cumprido. Vejamos a mobilização que ocorreu em vários locais, em repúdio a violência causada pela tropa de choque da polícia de São Paulo, na repressão a 600 trabalhadores que teriam ocupado a Secretaria da Fazenda em 02 de maio de 2000.⁴⁰

“A violência contra os sem terra em São Paulo foi logo repudiada (...) no mesmo dia, no Pontal do Paranapanema, 800 trabalhadores do Acampamento Dorclina Falador bloquearam a rodovia que liga Presidente Prudente ao Paraná. No dia seguinte, 200 pessoas ocuparam a sede do Itesp em Teodoro Sampaio. (...) 150 trabalhadores trancaram a rodovia que liga Presidente Prudente a São Paulo por 04 horas. (...) Em Itapeva, em 05 de maio cerca de 300 trabalhadores rurais assentados e acampados da região bloquearam a rodovia de

³⁹ Caderno 02. Como trabalhar com a base. MST/Bahia.

⁴⁰ Jornal Sem Terra, ano XVIII, n. 200, maio de 2000, p.07

acesso à São Paulo por 05 horas. Em Promissão, cerca de 200 trabalhadores rurais assentados e acampados na região, realizaram um ato em conjunto com a CPT.”

Todos esses fatos nos mostram que existe uma relação articulada entre as ações do movimento e que tudo está inserido num processo de controle da militância nos quais horários, datas, elaboração do tempo da atividade e manipulação do corpo como objetivo disciplinado de combate fazem parte de toda uma engendragem de controle dos militantes.

Dispositivos imagéticos

O MST tem um departamento de comunicação que vai ser responsável por divulgar o movimento tanto a nível interno como a nível externo. A intenção é também de construir uma imagem do movimento, divulgando-o nas suas lutas e seus esforços para transformar a sociedade.

Tanto esse setor de comunicação como os próprios militantes, buscam construir dispositivos que comuniquem a imagem de militante que o movimento busca passar para a sociedade. Dessa forma é que ao recorrer as imagens veiculadas pela mídia, vamos perceber uma ampla variedade de imagens que vão conter o referencial do militante viril, seja nos veículos de comunicação interna do movimento, seja nos veículos de comunicação externo ao movimento.

De certa forma o militante sabe que a mídia veicula a sua imagem e consegue construir um modelo de imagem que é ideal para o militante. Tal certeza da relação com a divulgação da imagem, está na situação que apresentamos a seguir, narrada por GÖRGEN(1991:42), em meio aos efeitos do conflito e a necessidade de pressionar o governo, na cidade de Porto Alegre, são eleitos cinco representantes de cada núcleo de base para negociarem pelos acampados na capital:

“Um dos núcleos dos acampados originários de Ibirubá escolhe Otávio Amaral para representá-los. É estimado por todos, pertence à comissão de saúde do acampamento.

- Só vou se vocês garantem que eu vou aparecer no Jornal Nacional - brinca aceitando a missão.”

É interessante notar que vai ser justamente Otávio - do setor de saúde - que vai ser acusado de ter matado o soldado Valdeci, tendo aparecido não só no Jornal Nacional, mas também nos principais veículos de comunicação do país. Parece-nos que existe uma consciência de que há uma possibilidade de manipulação, de acesso e de construção da imagem por parte do MST. A imagem que o movimento quer construir para a sociedade é uma mecanismo performático de que o movimento seja visto tal qual o modelo que lhe convém.

Vamos ver a seguir a fotografia de João Pedro Stédile, um militante atuante e de projeção nacional do movimento, que saiu na capa de uma revista. Antes porém, é importante apontarmos para a posição de BARTHES(1990) diante da mensagem jornalística, que segundo ele possui uma *fonte emissora*, um *canal de transmissão* e um *meio receptor*. O citado autor afirma que a fotografia possui uma mensagem contínua e sem códigos, sendo por isso *denotativa*, mas também podendo existir uma construção de códigos, levando a uma mensagem *conotativa*. No nosso caso, as fotos que apresentaremos contém uma pose para a sua realização, que é um recurso conotativo, em que se sugere um significado. Vejamos as fotos:

O SIGNIFICADO DAS GRADES QUE ESTÃO CERCA

CAROS AMIGOS

ano IV - número 39 - Junho 2000 - R\$ 4,00

Enquete: O que você
pensa da universidade

Le Monde Diplomatique
A face oculta dos jornais

AS ARMAS DO MST

ENTREVISTA
EXPLOSIVA

JOÃO PEDRO STEDILE

"Nossa força está na capacidade de juntar gente"

"Que sociedade moderna é essa com 23 milhões
passando fome e 33 milhões mal alimentados?"

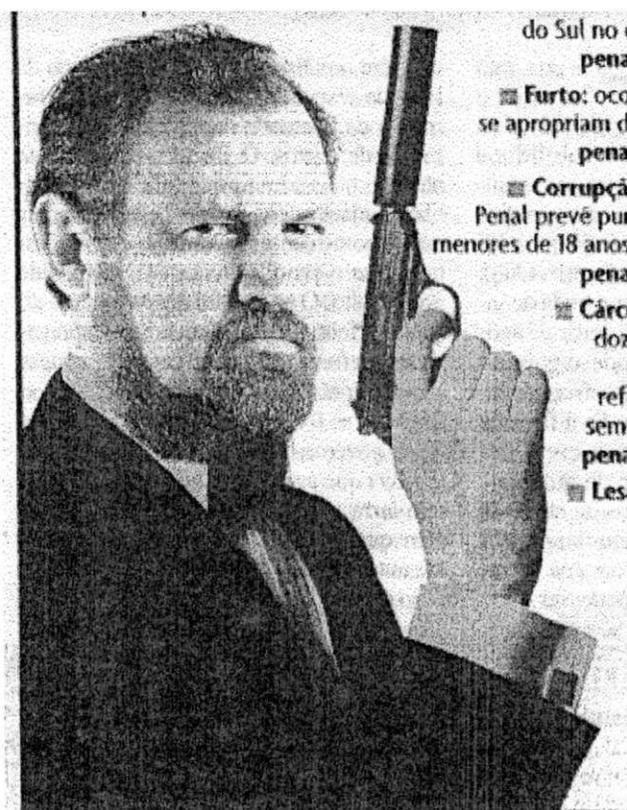
Guilherme Lacerda
Leo Gilson Ribeiro
Aloysio Blondi
Ana Miranda
Tom Zé
José Jorge de Carvalho
Carlos Castelo Branco
Milton Severiano
José Rubex Jr.
Alain Accardo
Hélio Alcântara
Givanildo Silva
Pantão Freire
Carlos Azevedo
Flávia Penello
Diogo M. Rodrigues
Enio Squerri
Georges Bourboukian
Gilberto F. Vasconcelos
Eduarda Vidal
Frei Betto
Flávia Nascimento
Ismail A. Ali
Marina Amaral
Cristianus

CONSTITUIÇÃO
REPÚBLICA FEDERAL
19

Percebemos nesse rosto de semblante carregado a tentativa de construir uma dada imagem de si como militante viril, uma certa truculência, numa postura que assume desafio e confronto. A forma de olhar por cima dos ombros marca uma atitude de disposição para a briga e de lutar pelos seus ideais. A mão direita erguida, apresenta-o numa postura de defesa e de ataque frente a um possível inimigo. O cenho franzido produz um sentido de força e virilidade aos olhos e que somado aos pêlos do rosto, vão definitivamente delinear o perfil de masculinidade dominante.

Percebemos que o Movimento busca construir uma imagem corporal para o que é ser militante do MST, assumindo esse lugar masculino, carregado e disposto para o exercício da força e da luta em que se exige sempre características de virilidade, força e honra, numa normalização e vigilância constantes.

O militante do MST tem que apresentar essas características definidas socialmente como masculinas em sua postura corporal. Por isso mesmo, a leitura que fazemos da foto anterior, é confirmada na montagem que a revista Veja realiza na foto a seguir, apropriando-se da sua expressão facial:



Veja, ed. 1648, ano 33, n.19, maio 2000, p.45.

E também na foto de capa da mesma revista em outra edição:



Veja, junho 1998.

Também na edição de uma outra revista semanal temos sua foto:



Isto é, n. 1591, 29/03/2000.

A fisionomia é sempre marcada por uma aparência rude, severa e firme, de alguém determinado a lutar para ficar por cima cumprindo os seus ideais, não se deixando dominar, não ficando por baixo. Lembra-nos a imagem do militante ideal da figura de Che

Guevara, que é inclusive estimulada a ser colocada nas salas de reunião, assembléias, etc.⁴¹. Vemos que se trata de um certo panoptismo que busca induzir o militante a um estado de prontidão para a postura que o movimento espera dele, com a responsabilidade de garantir o poder do movimento, expressando em certa medida um sentido de ser visto, como se deseja que ele seja e de como se deseja que a sociedade o veja.

Esta postura corresponde a orientação que notamos do MST⁴² e que nos meios de comunicação devem servir para a formação política, para a agitação e propaganda do movimento *ridicularizando os inimigos*, persuadindo politicamente, bem como a construindo uma unidade. Além disso⁴³:

“É importante utilizar-se dos veículos da imprensa burguesa para apresentar a imagem correta do Movimento. Para isso, a medida que o Movimento avança deve-se especializar companheiros nas atividades de assessoria e imprensa, para aproveitar todos os espaços possíveis para divulgar nossas idéias, nossa luta e nosso objetivos.”

As recomendações do documento, orientam para a apresentação midiática do militante numa postura que busca ridicularizar o inimigo com o seu ar de superioridade, passando uma imagem da força do MST através da utilização do aparelho de comunicação burguesa. Trata-se de uma construção de uma subjetividade midiática ao mesmo tempo que serve de um olhar panóptico sobre os mesmos.

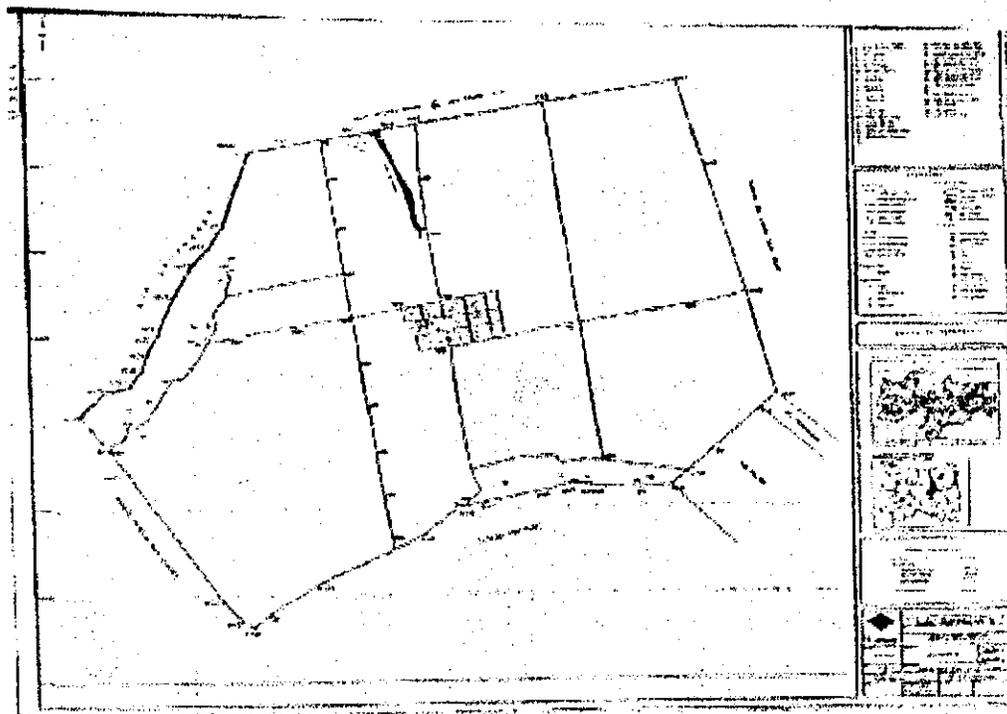
Este panoptismo, percebemos que também está presente na forma de ocupação espacial dos corpos no assentamento, com a finalidade de vigiar e controlar, pela proposta de organização de uma agrovila. Na agrovila os corpos estão mais próximos. É mais fácil ver e ser visto na atuação como militante. Vejamos o mapa do assentamento Massangana III, onde se tem a localização da agrovila no centro⁴⁴:

⁴¹ Conforme se viu no capítulo I

⁴² Conforme o Documento Básico do MST, São Paulo, julho, 1994, p. 32

⁴³ Documento Básico do MST, São Paulo, julho, 1994, p.32.

⁴⁴ Fonte: LARENZZETI (2000)



LAZZARETTI (2000), anexo C.

A justificativa do movimento para criar núcleos habitacionais tipo agrovilas nos assentamentos é que este tem a finalidade de melhorar a produção e tornar o assentamento um núcleo social.⁴⁵ Por isso mesmo existe uma orientação neste sentido⁴⁶, haja visto que os fatores de ordem econômica e social são fundamentais. Do ponto de vista econômico, se baratearia a implantação de rede elétrica, de água, saneamento básico, etc.; do ponto de vista social se socializaria melhor os moradores, possibilitando um melhor convívio social entre as famílias.

Por outro lado, também percebemos que a agrovila também possibilita um maior controle do ponto de vista político, pois torna mais viável as reuniões e encontros promovidos pelo movimento. Além disso, ela possibilita a construção de uma imagem de união e coesão, que o MST busca realizar para toda a sociedade.

Percebemos claramente que é uma estratégia do MST que passa assim a ter uma maior facilidade de influenciar os seus militantes, mantendo viva a imagem do movimento e da militância nos assentados através de cursos e reuniões. Aproximando mais os corpos se pode ter um maior controle sobre eles.

⁴⁵ Como organizar um assentamento individual, São Paulo, julho, 1994, p. 23

Dispositivo de saúde e higiene

O Movimento assume a postura que a saúde é um serviço que deve ser oferecido para todos os cidadãos e ao qual todos têm direito, conforme assegura inclusive a Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴⁷ e a própria Constituição Brasileira⁴⁸. Estas são as diretrizes que fundamentam o surgimento do sujeito moderno higienizado e saudável, para o saudável convívio social. Percebemos que são práticas discursivas que vão influenciar na composição enunciativa do MST para delinear o seu militante. Por isso mesmo é que vai ser submetido às normas de saúde. O MST criou um setor específico para tratar deste assunto, como já fizemos ver anteriormente. Sua função é a de:⁴⁹

*“orientar nossas famílias na segurança e
manutenção da higiene, organizar nos
acampamentos e assentamentos, as farmácias, fazer
convênios com entidades hospitalares ou populares
resolvam o problema de primeiros socorros,
fazer nossa base entender a
higiene na preservação da*

*que
enfim: deve
importância da limpeza e
saúde.”*

A primeira função da preocupação com a saúde no MST, está diretamente ligada a necessidade de que durante as mobilizações, quando ocorrer algum acidente ou risco de vida, exista uma estrutura de amparo. Esta função, por sua vez, está relacionada com o caráter normalizador do movimento e do seu controle sobre o corpo. É mais um dispositivo de controle que o movimento utiliza para poder construir o militante ideal. Através dele, se pode exercer um processo discursivo de higiene e disciplinar sobre o militante.

Desse modo, é que vemos estabelecido no item n. 01 e 03 dos *Princípios de saúde do MST*⁵⁰, debatido na Oficina Nacional de Saúde do MST, em julho de 1998, em Brasília:

“Lutar pela valorização da vida.”

“Saúde como dever do Estado”

⁴⁶ Caderno de formação n. 21, 3. ed., São Paulo, junho, 1997, p.76

⁴⁷ Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu artigo XXV.

⁴⁸ Constituição Brasileira, no seu Capítulo II, artigo 6.

⁴⁹ Caderno 02, Como trabalhar com a base, MST/Bahia.

⁵⁰ Caderno de Saúde n.01, Brasília, abril, 1999, p. 12.

Com esse dever de Estado, o MST vai se acumpliciar, reivindicando tanto para os acampamentos como os assentamentos, um esforço para que a saúde e a higiene sejam tratadas de forma prioritária, como práticas não discursivas de controle e administração dos militantes, regulando os seus espaços e criando necessidades. Exemplo disso é o Posto de Saúde existente no assentamento de Massangana III, que é um espaço arquitetônico em que se busca também formar o militante, enquanto um cidadão ideal. Ele é dirigido pela prefeitura e pela direção do MST, no qual há pouca presença masculina, segundo informações das atendentes do próprio posto. Como o sujeito militante é masculino e viril, este espaço possui uma enorme dificuldade de ser efetivamente utilizado por aqueles que se identificam com este lugar do militante viril.

Isto é um fato que vemos se repetir também durante o assentamento, pois as entrevistas realizadas mostram que existe uma postura de inviolabilidade do corpo masculino. Todos afirmam que nunca tinham adoecido e que se adoeciam, era mais por uma doença boba como o caso de Farias que teria sido por causa de um caroço.

Notamos que é predominante os entrevistados falarem que quem vai mais para o atendimento médico são as mulheres e os meninos. Seu Arlindo, quando perguntado se já teria ido para o posto de saúde alguma vez, respondeu de pronto:

“Não! Quem foi, foi minha mulher (...) Por minha esposa sofre de cansaço, problema, sei lá’, de mulé mesmo (...) Então ela já precisou, já foi lá, já tomou remédio de lá agora eu vejo mais criança, mais atendido ali é mais criança.”(S.A.) que é

Como o lugar do militante é um lugar masculino no qual tem que ser demonstrado força e virilidade, nos momentos em que os dispositivos do movimento fazem um investimento de poder no corpo, para melhor controlá-lo, surge uma enorme resistência e oposição a isso.

Se o corpo do militante está recoberto com toda uma formação discursiva que expressa uma postura socialmente definida como masculina, protegendo-o das emoções socialmente definidas como pouco viris para o campo de batalha, como que ele pode atender às solicitações do movimento em se fragilizar e pedir ajuda? Por isso mesmo esse espaço

criado dentro do movimento encontra toda a dificuldade para funcionar, perdendo para os espaços privilegiados dos encontros dos corpos masculinos, no qual eles podem demonstrar a sua virilidade, tais como os do campo de futebol, para o bar etc.

Por isso mesmo a política de saúde do movimento, que envolve um processo de limpeza e organização do acampamento e assentamento, encontra uma certa resistência por parte dos militantes, conforme conversa que tivemos com Francisca, coordenadora do Setor de Saúde do Movimento a nível de Estado da Paraíba.

Segundo ela, existe uma enorme dificuldade em conscientização dos assentados e acampados, com o lixo e a desarrumação desses espaços que ela própria gostaria de fazer desaparecer, não sendo possível pela indisciplina dos militantes.

O movimento tem realizado um esforço no sentido de ampliar o seu controle de higienização dos assentamentos e acampamentos, se identificando com o processo de medicalização das suas atividades políticas, conforme foi feito pelo próprio Estado brasileiro nas cidades, como uma estratégia de consolidação do Estado Moderno.

Retirar o militante do seu estado precário de trabalhador rural, com seus vícios para construir o ideal de revolucionário em seu corpo, passa necessariamente pelas políticas de higienização e de saúde do movimento. Daí porque o movimento criou o setor de saúde. Isso também nos fica claro pela forma de organização da Agrovila que vai buscar possibilitar uma melhor infra-estrutura, mas que entra em choque com procedimentos tradicionais do agricultor, tais como o exemplo de um entrevistado, que queria criar porco na sua casa, mas que se torna cada vez mais difícil, como convive numa agrovila, é considerada uma atitude anti-higiênica pelos vizinhos. Por outro lado, ele também reclamou que a forma de organização de agrovila o impede de que possa criar os porcos no seu lote, pois a noite eles poderiam ser roubados.

Entendemos então que, o programa e os princípios de saúde do MST produzem práticas que intervêm diretamente na construção do militante. Nele se estimula a construção de posto de saúde, farmácia básica gratuita, saneamento básico para efetivar a necessidade dos cuidados com a saúde, como práticas não discursivas de intervenção e formação desse militante.

Quanto a isso, o Encontro da Saúde que participamos, que tinha a finalidade de desenvolver núcleos de saúde nos assentamentos é um exemplo deste dispositivo de saúde que

busca orientar o militante como deve agir para que preserve a sua saúde. Nele se tem o cuidado de si e do seu corpo, pois⁵¹:

“o corpo humano deve ter todas as condições favoráveis para que possa, carregar a mente, trabalhar e render sempre mais (...) a barriga é enorme que já dificulta a andar, ou os dentes maltratados que já não conseguem comer ou falar.”

Existe nesta orientação para o cuidado com a saúde pessoal, uma intenção política como uma estratégia de montagem e prolongamento da vida do militante, promovendo um estado de satisfação e bem-estar do mesmo, mas também assujeitando-o ao não relaxamento e não vulnerabilidade corporal, haja visto que o militante deve permanecer em estado de alerta e virilidade constante. Entendemos que é mais uma prática de sujeição que lhe promete saúde e força, ao mesmo tempo em que lhe impõe um regime de verdade revolucionário que também se apropria desta força, escravizando-o.

Conforme o ideal de progresso moderno, vemos que o ideal revolucionário do MST, também se deu conta de que a idéia de desenvolvimento passa necessariamente pelas prática de higienização do militante, imprimindo-lhe uma política de saúde corporal que deve ser também militante. Buscaremos no próximo capítulo entender em que medida todos esses dispositivos conseguem serializar as subjetividades, a partir do discurso dos próprios militantes, bem como as possibilidades de linhas de fuga deste modelo dominante.

⁵¹ Os desafios atuais do MST, Bahia, março, 1998, p. 11

CAPÍTULO III

O MILITANTE E SUA SUBJETIVIDADE

Apresentamos até agora a emergência do Movimento dos Sem Terra através do seu próprio discurso e o conseqüente perfil do militante que vai ser elaborado, conforme as tecnologias do eu do movimento, segundo um modelo de práticas masculinas e viris. Para isso, recorreremos aos documentos do MST, bem como às práticas discursivas dos militantes do assentamento Massangana III.

Neste instante, buscaremos ainda nos discursos e na realidade cotidiana dos assentados, bem como nas suas memórias de acampamento, expressões da masculinidade que vão dar ou não um sentido ao processo de transformação e singularização da masculinidade viril, a partir da participação como militante do MST.

Para isso recorreremos às práticas discursivas especialmente dos homens relativas as relações com o trabalho, com a paternidade e por fim, com a sexualidade, onde buscamos observar em que medida essa serialização subjetiva promovida pelas estratégias tecnológicas do eu do MST, conseguem construir as subjetividade masculinas de forma hegemônica nos militantes ou se deixam margem para transformações e eventuais processos de fuga.

Por outro lado, também buscaremos perceber como foram acolhidas durante o acampamento e assentamento, tais subjetividades singulares e dissidentes, diante do modelo dominante de masculinidade viril inculcado pelo MST nos seus militantes. Iniciaremos partindo da questão do trabalho, como ele é vivenciado por parte dos militantes, bem como é feita a divisão do mesmo a partir das questões de gênero.

1. MUIÉ! FAZ O CAFÉ AÍ!

Podemos perceber que para que um acampamento ou um assentamento funcione é imprescindível o trabalho de todos. São muitas as tarefas que devem ser realizadas nesses dois momentos de participação no movimento. No acampamento temos as tarefas de adquirir e cuidar da comida, vigiar o acampamento, transportar as pessoas nas situações necessárias, armar e desarmar barracas, fazer piquetes, dialogar com as autoridades e os fazendeiros, fazer mobilização ao pé da bandeira etc..

Vemos que se trata de um instante que é sinalizado por uma intensa união do grupo em torno do ideal que todos querem alcançar, marcado com isso, por uma certa disposição para o trabalho de todos em torno das tarefas a serem realizadas:

“Quando tá junto debaixo da lona, são tudo unido. Se vai tirar vigia de noite, se ajunta cinco, seis, trabalha de vigia, todo mundo tem interesse.”(S.B)

Neste enunciado, o enunciador repete um discurso que é bastante presente na fala dos militantes sobre a união de todos dentro do acampamento, o que, segundo eles, acaba possibilitando que todos possam ter um maior interesse em torno dos trabalhos a serem realizados. A expressão estar “debaixo da lona” acaba assumindo o significado também de “união” e de “interesse” pelo trabalho que se deve realizar. Inclusive a própria distribuição da comida, conseguida com o trabalho de uma comissão, também sofre uma enorme influência desse momento de união grupal:

“Quando era no dia da comissão, prá sair aquelas pessoas prá arrumar comida, eles botavam um grupo e separam aquelas pessoas de ir. Aí, quando chegava, botava no pé da bandeira, prá repartir. Cada um com sua quantidade.”(S.G.)

Vemos que novamente a união está na base do sentido deste enunciado, pois o seu enunciador evidencia todo um processo ritualístico em torno da bandeira, para repartir a comida conseguida. O próprio processo de conquista da comida também possui um sentido de união grupal, além de que todos são apresentados como que satisfeitos pela quantidade dividida.

No que se refere a divisão do trabalho entre homens e mulheres no acampamento, percebemos que se estabelece de uma forma bastante definida, dentro dos moldes tradicionais em que o trabalho masculino é marcado por uma postura de virilidade, seja no momento de luta, ou mesmo no momento das divisões das tarefas. Aos homens fica determinado que cumpram com as tarefas que têm haver com o papel de provedor da casa, no sentido de buscar a alimentação, buscar lenha, água, vigiar, defender o grupo etc. O papel de

provedor, seja ele cumprido ou não, é sempre um referencial muito marcante para os homens. As tarefas para as mulheres são bem definidas como sendo aquelas que obedecem aos papéis tradicionais da dona de casa, nas quais não está presente a necessidade de força e virilidade. Vejamos uma parte da entrevista:

“Agente ia buscar lenha, outros buscar água, e as mulher ia cozinhar.(...) Aí ajeitava, comia e ia lutar de novo. (...) As negociação era com os home.”(AN)

Podemos perceber as marcas lingüísticas que definem a divisão do trabalho entre homens e mulheres neste discurso. Há nitidamente uma separação do que é atividade para os homens e do que é atividade para as mulheres durante um assentamento. Esses lugares vão repetir os lugares socialmente definidos para o homem e para a mulher. O privado como o lugar da mulher e o público como lugar dos homens, embora todos estivessem envolvidos em uma luta pública e que portanto, as mulheres também estavam no espaço público. A fala deste militante expressa claramente que aos homens cabia a responsabilidade com as atividades que estavam relacionadas diretamente com o mundo externo e com atividades que exigiam uma certa força física e uma postura viril ao dar um sentido de luta ao trabalho. Além disso, também está presente um discurso de que a negociação é também com os homens. Desde o momento em que chegam para acampar, a mulher fica imediatamente responsável pela preparação da comida e o homem, pela sua aquisição, conforme confirma este discurso:

“A comida, que quando eles (no acampamento) chegam, a comida e a dormida é a parte do homem que tem que adquirir.”(DD)

Quando perguntado com quem ficava a responsabilidade da comida, ele afirma:

“Fica por parte das mulheres. Os home fica somente de olho e atucaia o que vim.”(DD)

É dado aos homens, além da responsabilidade de provedor, também o compromisso com o papel de protetor. Ao falar que o homem fica somente na “tucaia”,

podemos também perceber que o entrevistado apresenta uma postura socialmente definida como masculina, no qual a proteção e a preocupação com o inimigo se expressa através do olhar. São os homens que tem a responsabilidade de ficar na “atucaia” espreitando o inimigo para agredi-lo ou matá-lo. Podemos perceber a subjetivação de atitudes agressivas e de desafio que modelam a postura masculina na nossa sociedade.

Numa discussão com um casal de militante, esse fato ficou mais claramente definido:

“As comida, cada um fazia suas comida, cada um tinha suas barraquinhas. (...) Quem fazia era minha esposa, que fazia o meu. E eu ia me rebolar, arrumar noutro canto, pedir noutro canto, prá quando for amenhã, ter o que comer. Comer o que tinha hoje e amenhã, o de comer amenhã, ela ficava em casa arrumando a boinha que nós tinha arrumado.”(LA)

É interessante notar nesse depoimento a obrigação do homem em se colocar no papel de provedor. É esta condição talvez a única em que é permitido ao homem “rebolar”, movendo-se sobre o centro de sua própria responsabilidade. Até mesmo no cumprimento das tarefas em relação às negociações, os homens estão sempre na dianteira, e fazem questão de se colocar nesse lugar. Por vezes, até as próprias mulheres necessitam de evidenciar isso em seus companheiros, como é o caso deste casal acima citado, onde ela fez questão de demonstrar todo o empenho do companheiro e da posição por ele ocupada na família:

LA: *Era eu, era eu, que eu era o cabeça de casa.*
DC: *Era ele porque ele era o cabeça de casa. Enfrentava tudo, né? Ia batalhar pelas coisa. E eu ficava só de espera, ficava prá cá. A minha hora só era na hora que reunia assembléia que ia pro pé da bandeira, que ia só assistir e cantar....*

Nesse trecho, a militante coloca o companheiro no lugar de cabeça da casa, e ela não cita diretamente a sua atividade como uma participação importante, pois quando afirma que só ficava à espera e que a sua hora “só era na hora que reunia assembléia”, é como se não

conseguisse enxergar a importância do seu trabalho para a existência do assentamento, porque era um trabalho feminino e mais ainda, como não pudesse dar conta de que esse é um lugar passível de ser mudado e de mesma importância que o trabalho do marido. Isso é um discurso marcante a todo momento, quando se refere ao trabalho de casa. Ao mesmo tempo, não se enxerga também que as mulheres poderiam realizar, com a mesma eficiência, os trabalhos predominantemente masculinos.

Notamos que essa obrigação de cuidar dos filhos e de cuidar da comida já é pré-determinada à ação feminina na divisão do trabalho entre homens e mulheres militantes, não lhe deixando escolha de mudança diante da atitude inicial de acampado, desde à entrada do grupo no acampamento:

“Quando agente tava em trabalho (...) tava em sacrifício, que tava chegando, então tinha a cantina, tinha mulher que ia cozinhar prá toda a equipe que tava ali (...) tinha aquela equipe, aí pegava a primeira barraca, já armava, já botava a alimentação ali, e ali já tinha aquela equipe que tomava conta. Prá fazer a alimentação daqueles que tavam trabalhando.(S.A)

Aos homens só caberia cuidar da comida ou mais raramente dos filhos, em situações especificamente justificadas, quando eles estivessem em suas barracas sem a presença de uma mulher e quando o grupo não estivesse reunido para que pudesse ter uma mulher responsável para cuidar da comida. O caso deste militante a seguir, explicita essa situação. Estava separado da mulher e ficou com o filho no acampamento, mas uma figura feminina foi que lhe possibilitou permanecer com o filho:

“ A mulé não. A mulé eu já era separado da mulé. (...) Só com o filho, somente. A minha mãe ali era quem tomava conta do menino.”(Z.F.)

O modelo de masculinidade do militante do MST não sofre nenhuma alteração do padrão dominante na sociedade, quando diz respeito a questão da divisão do trabalho entre homens e mulheres. Ela ainda está presa ao modelo socialmente dominante de masculinidade -

tarefa de mulher o homem não faz - tanto é que na falta da esposa para cumprir com suas tarefas domésticas, imediatamente uma figura feminina - que na maioria das vezes é a mãe - é logo resgatada para realizar as obrigações incumbidas às mulheres.

No momento do assentamento, o trabalho não perde a importância como referencial de masculinidade. Pelo contrário, ele cresce em importância para servir de referencial para a masculinidade, pois vai ser através dele que se manterá o processo de virilização do militante. Nesse instante, no entanto, apesar da possibilidade da lógica individualista estar muito mais forte, pois cada um já tem que tomar conta de suas terras o que gera competições e conflitos no grupo:

“Quando tá na lona é tudo unido. Mas depois que sai. Não! Quando sai, e quando pega no dinheiro, acabou-se. Apareceu dinheiro, aí ninguém é de ninguém mais não e fica brabo. O cabra que é trabalhado vira preguiçoso e o que é preguiçoso ninguém nem se fala”.(S.B.)

Ora, podemos constatar com esse depoimento que se evidencia a quebra do espírito de grupo durante a passagem do acampamento para o assentamento, com a conseqüente exigência que é feita para que cada um se torne produtivo através do trabalho. Essa exigência agora vai fazer parte da sua realidade de assentado, e o movimento vai buscar o auxílio de órgãos oficiais para justificar essa necessidade, através do governo, do banco, dos técnicos ou da associação à qual está filiado.

De posse dos financiamentos que devem ser investidos na terra para que possa daí retirar, através do seu trabalho, o sustento da sua família, ele é inserido definitivamente na forma capitalista de pensar. A partir do dinheiro que lhe é fornecido pelo governo, ele vai ter que fazer investimentos para produzir dividendos suficientes para a sustentação do seu grupo familiar.

Agora o objetivo já não é mais conquistar a terra por parte do militante, mas fazer dela o veículo da sobrevivência da sua família e do movimento, pela contribuição que lhe cabe. Para isso, ele tem que atender a racionalidade capitalista com o objetivo de produzir lucros. Isso gera um novo momento para o militante, que já não corresponde mais a união e cooperação presentes no acampamento.

No que se refere à questão da divisão do trabalho entre homens e mulheres, o lugar masculino recebe um privilégio, pois o primeiro ato que deixa evidente uma certa predominância masculina é o título de posse que é dado ao homem e não a mulher, bem como o controle do dinheiro da família ser realizado também por ele. É uma repetição do modelo de dominação masculina que predomina na luta do acampamento. No discurso de Seu Dado e de Maria, militante e funcionária do posto mas que participa desde o início da luta em Massangana III, isso fica muito evidente. Seu Dado afirma que isso da seguinte forma:

“Nessa área aqui mesmo, de 5.7 hectares que tem aqui, o cabeça aqui sou eu. O título de posse quando vim, vem no meu nome. Não vem no nome de muié, nome de fĩ, não. Agora isso aí pode ter uma ingendra no nome de tudo, mas só que o cabeça sou eu.”(DD)

Dado faz questão de destacar o seu lugar na família, através do direito de posse do título, que vem no seu nome. Esse lugar de “cabeça”, a que ele põe em evidência diante da família, vai estar presente também em relação ao controle do dinheiro, que está sempre no Nome do Pai, e como ele afirma “não vem no nome de muié”. Ele é quem vai distribuir o dinheiro que lhe é fornecido pelo governo, conforme o que considere prioridade ou não:

“As vez a muié diz assim: ‘Mas tu sóis amarradim demias’. Aí eu digo assim: ‘Tu tá com aquele sapato? Prá que tu queres outro? Eu vou acabar com essa chinela prá poder comprar outra’. Agora por causa de vaidade, se um fĩ adocccr, eu tô com dinheiro no bolso”(DD)

Este discurso nos mostra que, embora se queixe, o lugar feminino no assentamento permanece submetido ao domínio do masculino, não tendo o poder de dizer, nesta família quanto e como deve ser gasto o dinheiro. Ele apresenta uma figura masculina que monopoliza, controla e se responsabiliza como deve ser gasto o dinheiro da família, mesmo diante de um benefício que foi uma conquista de uma luta de toda a família. Isso se repete também no discurso de uma militante, que vemos a seguir:

“Aqui mesmo no assentamento, o homem diz aqui é meu e a mulher não tem nada ali, mesmo indo os dois lutando. Não tem uma visão de que isso daqui é nosso. Vamos trabalhar juntos, dividir as tarefas.

Tem muitas mulheres daqui, apesar de fazer um ano que eu trabalho aqui, que quando eles recebem o dinheiro, elas não vai nem no comércio comprar uma roupa, o que ele comprar tá bom.”(MR)

A posse dos bens e do dinheiro da família é direito do homem, embora a participação no trabalho se dê de modo igualitário. Quem predomina nas decisões são os homens e as mulheres têm que aceitar.

Por outro lado, o trabalho no assentamento é dividido conforme o modelo tradicional da mulher doméstica e do espaço de casa, e do marido provedor e do mundo do trabalho. Numa observação de campo, num espaço de trabalho eminentemente masculino, Santiago e seu Marcos estavam trabalhando na construção da sede da cooperativa. Os ajudantes eram seu Sebastião e Nildo. Alguns outros homens também se faziam presentes, mas só para bater papo.

Santiago estava um pouco afastado da rua, trabalhando mais para dentro da obra, distante dos demais homens. Num determinado instante uma senhora, um pouco distante, pois permanecia do outro lado da rua, começou a chamá-lo de uma forma bastante acanhada, sem se atrever a aproximar-se do grupo de homens que trabalhavam. Tratava-se da esposa dele, cujo comportamento deixou claro não lhe ser permitido se aproximar, pelo código matrimonial estabelecido entre a mesma e o seu marido, código esse, demonstrado na timidez e inadequação diante de todos.

Nessa mesma tarde, ainda nessa construção, outra situação também fez demonstrar a obrigação subserviente da mulher ao seu marido. Em um determinado instante, a esposa de Marcos trouxe-lhe água para beber, numa atitude aparentemente pré-determinada de servidão, sem que o mesmo tivesse se dado nem mesmo o trabalho em solicitar-lhe. É como se ele já tivesse uma pré-determinação de que ela agiria conforme o que ele esperava dela.

As atividades femininas, portanto, são marcadas por uma atitude de servir aos maridos nas atividades domésticas, de cuidar dos filhos, preparar a comida, tomar conta dos animais de pequeno porte como porcos, galinhas, etc., e lavar roupa. Como afirma este militante:

“...em casa ela tem dois menino, tem um menino com um ano e dois mês. Esse tá pequeno. Ela tem que tomar conta dele. Tem uma menina com seis anos Ela tem que tomar conta dela. Tem os menino prá ir prá escola, ela tem que tomar conta. Aí o trabalho dela aqui no roçado é pouco. Tem dois bichinho, dois poico, que ela tem que tá na casa de um, na casa de outro, buscando uma lavagem uma coisa prá botar prá aqueles poico. Aí o tempo dela mais só é a casa mesmo.”(DD)

A mulher tem que dar conta do trabalho doméstico e de obrigações fora de casa, tais como em relação aos bichos pequenos e um pouco no roçado. Repete-se o padrão dominante do assentamento e na sociedade de forma geral, em que o privado seria a cargo das mulheres, como uma atividade de menor valor e que é atribuída ao feminino.

Numa entrevista que fizemos no Posto de Saúde com Carmélia, ela afirma que mesmo nas famílias em que a mulher trabalha na roça, as atividades de casa acabam sendo uma duplicação de atividade para a mulher, ficando claro no seu discurso que as obrigações são definidas e que a mulher “ajuda” o homem na roça e o homem deveria “ajudar” a mulher na casa:

“Eu tenho uma prima aqui dentro do assentamento, que ela trabalha na roça e ainda cuida de casa, mas ele ‘AJUDA’ em casa. Eles vão prá roça, acordam cedo. As vezes ele vai antes e ela fica, prepara a comida e leva aí tomam café da manhã.”(CM)

O homem, enquanto um definidor de um lugar masculino viril, está sempre colocado no centro da família, no lugar do cabeça e de provedor. A atividade feminina é caracterizada por ele como de menor valor e desvirilizante, tanto no que diz respeito a sua realização dentro de casa, como fora dela. O discurso dessa militante deixa claro que as tarefas são definidas e que o que deveria acontecer seria uma atitude de “ajuda” por parte dos homens diante das mulheres. Esse militante a seguir nos deixa muito claro isso, ao se referir a ajuda da sua esposa na roça:

“Ela as vez vem aqui no roçado, limpa um pé de mato, um coisa, mas é besteira”(DD)

Caracterizar as atividades femininas como uma “besteira”, significa repetir um modelo cristalizado de que cabe às mulheres as funções domésticas, e que são de menor importância do que as masculinas. Esses discursos acabam sendo apropriados pelas próprias mulheres que vão reproduzindo tais atividades como sua obrigação, dando maior importância ao trabalho masculino. Vejamos um trecho do diário de campo que caracteriza os lugares da divisão do trabalho entre homens e mulheres no assentamento:

“Quando eu estava indo embora, uma coisa que percebi, foi o fato de que em 05 casas, das 20 que passei, as mulheres estavam lavando roupa no quintal, aproveitando o dia que não chovia, e em algumas outras, estavam cuidando da comida no fogão de lenha.”

Por outro lado, não percebemos a existência em momento algum de uma casa na qual existisse família e que o homem fosse responsável pelo trabalho doméstico. Esse trabalho sempre ficou sob a responsabilidade feminina, como nos deixa evidente essas observações de campo, em que as mulheres lavam roupa ou cuidavam da comida. Podemos afirmar, portanto, que a atividade do trabalho, seja no acampamento, seja no assentamento, repete o modelo dominante na sociedade, em que o trabalho masculino é colocado em evidência e como virilizador e que o trabalho feminino, vai ter o sentido inverso. O trabalho para os militantes tem a finalidade de afirmação da sua masculinidade, conforme poderemos ver no item a seguir.

2. TRABALHADO PRÁ ARREBENTAR A BOCA DO BALÃO.

Os homens não abrem espaço para o reconhecimento do trabalho feminino, porque entre eles mesmos, o trabalho funciona como um termômetro da sua masculinidade.

Este militante vai falar da seguinte maneira sobre a importância do trabalho na vida de um homem:

“Olhe, eu dou valor ao trabalho, porque é do trabalho que uma pessoa vive. A pessoa vive e chega até onde ele pensa na vida dela. Porque vamos supor eu não tem nada, e eu sem trabalho, como é que eu vou ficar? Eu vou trabalhar prá ver se arrumo ao menos um feijãozinho prá comer, prá não pedir a ninguém. Porque se arrumar, é da minha casa mesmo.”(S.G.)

Podemos ver neste discurso, as marcas linguísticas que deixam claro que a finalidade do trabalho na vida de um homem deve ser a de sustentar sua família, sem ter que pedir a ninguém, cumprindo o papel de provedor. Para o seu enunciador, a atividade de militância ajuda-o a cumprir essa obrigação, pois com ela, ele pode conquistar a terra e realizar esse papel masculino de poder assistir a toda a sua família, como é o compromisso de todo homem ao se casar, conforme ele afirma posteriormente:

“... ‘Seu fulano, ói, a fulana tá namorando com o filho de seu fulano de tal’ ‘Tá bom, o cara é trabalhador’. Tinha que casar sua filha com um cara trabalhador.”(S.G)

Além do trabalho medir a qualidade de um homem para poder casar, ele serve, nessa finalidade de assumir a si mesmo e a sua família, para construir uma ética pessoal que vai nortear sua vida e a sua definição de gênero. Vejamos a fala a seguir:

“A importância do trabalho na vida do home. Eu acho que é isso, a importância do trabalhador é ele trabalhar, saber trabalhar, pegar nas coisas necessárias que deve ser e trabalhar prá se manter prá num pegar no que é dos outros.”(DD)

Neste enunciado o trabalho também serve para dignificar o homem, possibilitando a que ele atenda as suas necessidades e não venha a necessitar de “pegar o que é dos outros”. Esse é um discurso marcante em relação a importância do trabalho para os

homens militantes do movimento, até porque faz com que eles possam dar conta da função de provedor da família e ter o respeito do outro.

Outro aspecto importante em relação ao trabalho para os militantes, diz respeito ao fato de que é através dele que se pode ter um *quantum* produtivo que será avaliado segundo o seu desempenho e sua *performance*. Não basta só trabalhar, mas tem que se ter uma relação direta entre a capacidade produtiva e força física de um homem e a sua masculinidade. Permitir que as mulheres ocupem esses espaços competitivos é correr o risco de serem ultrapassados por algumas delas, e assim serem diminuídos na sua masculinidade. Dessa competição é que surge o esforço de diminuir o trabalho feminino, como forma de afirmação de sua própria masculinidade.

Um exemplo dessa competição entre os militantes através do trabalho, foi durante a construção da sede da cooperativa - que tem orientação do MST - situação que constatamos onde Nildo, o ajudante de pedreiro, foi alvo de risos por parte de Anacleto e dos demais que estavam presentes, porque não estava podendo pegar um saco de cimento sozinho. Iniciou-se a partir desse fato, uma competição acirrada para dar exemplos de homens fortes e viris: Um militante citou um rapaz que conhecia que tirou uma foto com 4 sacos de açúcar e outro que era capaz de servir a dois pedreiros de uma vez só. Nesse instante Messias - que tinha uma das mãos amputadas - falou que quando era servente de pedreiro também...

“...não dava mole para pedreiros e servia a dois de uma vez só.”(AN)

É interessante notar que esta condição de “servir”, que é nitidamente um lugar feminino, acaba não representando um risco à perda da masculinidade, haja visto ser virilizado pela capacidade produtiva do servente. Seguindo com a situação de competitividade em torno do trabalho por parte dos militantes, percebemos que Anacleto e Marcos passaram a disputar diretamente o grau de desempenho no trabalho. O primeiro afirmava que duvidava que Marcos servisse a dois pedreiros, se estes fossem da qualidade do que conhecia em João Pessoa, cuja virilidade produtiva o possibilitava jogar massa na parede com a pá de traçar massa, descartando a colher de pedreiro. Esta disputa vai estar presente também nas disputas que vão ocorrer entre eles em relação a produtividade do assentamento, como nos fala Berenício, dirigente da cooperativa:

“Se você pega o seu projeto, todo mundo pegou a mesma quantia, se você sabe administrar. Aí você diz: ‘É isso daqui, eu vou ter que assumir uma responsabilidade com ele, tem retorno.’ Aí então você vai procurar um meio de mastigar, com essa responsabilidade: ‘vou mudar o meu projeto’. Aí o caba fica só lhe olhando. Quando você tiver estrutura, o caba tá lá embaixo, aí diz que você tá desse jeito porque roubou.”(BN)

Logo, o trabalho que serve como referencial virilizante para o militante assentado, criando uma identidade, passa a ser elemento de discórdia e disputa entre eles, pois aquele que possui capacidade diferenciada de realizá-lo, vai estar submetido ao olhar invejoso do outro. É desse modo que, embora estejam unidos em torno do trabalho e em torno do ideal de militante assentado as relações que se dão diante dele não são tão harmoniosas e perfeitas, pois existem as diferenças individuais que estão presentes. Portanto, do mesmo modo que o trabalho tem um importante sentido para a construção da masculinidade na sociedade em geral, ele também vai ser importante para o discurso dos que estiveram presentes na militância política do MST, sendo organizado conforme o discurso socialmente construído para a masculinidade, tanto na experiência do acampamento, quanto no assentamento.

Por mais que esse padrão dominante impere entre os militantes do movimento, existem aqueles que fogem da regra e não conseguem cumprir com a regra de ser um militante trabalhador, não conseguindo subjetivar totalmente o modelo que a eles são impostos. Eles passam a ser considerados desvirilizados, por não poderem cumprir com o papel a que estão determinados, seja no acampamento ou mesmo no assentamento. São estas diferenças que buscaremos discutir a partir de agora.

- Sem ser trabalhado é parasita

Como vimos, é marcante a condição de homem trabalhador para a construção dos códigos de masculinidade dos militantes do MST, tanto para a condição de acampado como de assentado. Por outro lado, podemos ver que tanto no acampamento como no assentamento, existem uma série de situações que evidenciam uma fuga deste lugar do trabalho

como prioridade para o cumprimento do papel de militante e de masculinidade, porém eles vão carregar a marca do julgamento dos outros, como homens de menor valor.

Uns preferem gastar o dinheiro com bebida; outros preferem gastar com o carro para passear; outros até preferiam que o governo tomasse conta do assentamento e finalmente outros preferem não se envolver com o trabalho de confronto com a polícia. Todos serão julgados conforme o desempenho que conseguem realizar no trabalho, seja de militante na luta pela terra, seja do militante que teve a terra conquistada, devendo manter o cumprimento das suas obrigações.

O militante ideal e viril é aquele que trabalha com responsabilidade para com a sua família e para com o MST. Que consegue fazer render o dinheiro que lhe é oferecido. Porém, conforme vemos no depoimento a seguir, nem sempre é assim:

“Porque não é falando não, mas Marinho era trabalhador que só a molinga, antes de receber dinheiro, mas depois que recebeu dinheiro é tomar cachaça e comprar carro.”(S.B.)

O dirigente da cooperativa também confirma esta postura de muitos quando pegam no dinheiro:

“É porque quando pega, toma de cachaça, quando ele chega ali com o dinheiro, ele não vai pensar em trabalhar não (...) tem cabra aqui, que você chega na casa dele, ele não tinha um pau prá dar, mas você chega na casa dele, ele tá lá com um carro véi na porta.(...) Você chega noutro aí,tá com dois,duas lata véia,mas não vale um.(BN)

Esses dois discursos marcam um sentido recriminatório para os que não conseguem cumprir com o ideal de militância no assentamento, que absorve o ideal de uma ética do trabalho predominante na sociedade burguesa, em que o sujeito deve ser capaz de investir bem o capital que lhe é emprestado. Ao invés disso, vão gozar do capital fornecido sem se preocupar com a família, trocando a sua obrigação pela compra de carro ou pelo consumo de bebida. Pudemos perceber que este conflito entre o homem trabalhador e aquele que ao invés de investir vai gozar do dinheiro do governo é marcante no assentamento.

Trata-se de uma relação com o dinheiro, em que ele é visto apenas como dinheiro, que se põe ao lado de uma proposta que, segundo MARX(1996) é inaugurada no século XVI pelo comércio e mercado mundiais, onde o dinheiro não é mais dinheiro, pois se torna capital. Na primeira forma a circulação de mercadorias há uma *conversão simples de mercadoria em dinheiro e reconversão de dinheiro em mercadoria*. Na segunda proposta, *há uma conversão do dinheiro em mercadoria e reconversão de mercadoria em dinheiro*. Como nesta situação, o dinheiro compra para vender a circulação de faz com que o dinheiro se transforme em capital. Na primeira forma de circulação a mercadoria é o ponto inicial e final do processo de movimento e o dinheiro serve apenas como o meio intermediário para conseguí-la.

É o que ocorre com o militante do movimento que pega o dinheiro e simplesmente compra o carro, gastando o dinheiro totalmente e transformando-o em valor-de-uso, para comprar um carro, sem se preocupar com ele enquanto uma forma de iniciar o movimento monetário, que através da mercadoria deve se transformar novamente em dinheiro, ao final do capital. É o caso do militante que aplica o seu dinheiro na sua propriedade, para que este venha a se transformar em dinheiro no final do processo, sendo a mercadoria apenas um intermediário para o capital.

Este militante que não faz do dinheiro, capital, não dá a importância devida ao trabalho, que está na base do pensamento e da ética capitalista, por isso mesmo ele não consegue investir e aumentar o dinheiro que lhe é emprestado, através do seu trabalho. Ele não subjetivou totalmente o modo de produção capitalista, representando uma subjetividade dissidente do modelo de militante que o MST busca construir.

Existem outras formas de subjetividade dissidente que se manifestam tanto do assentamento como no acampamento, que fogem a lógica do militante ideal, conforme a fala que vemos a seguir, que se tratava de um militante que estava bem adaptado ao acampamento, deixa claro com uma postura de condenação:

“Porque eu tomei conhecimento de muitos fatos, as vezes é problema do álcool. Aí o camarada fazia o que? Ele ia pedir, aí quando chegava em casa, tirava dois pacotes de Fuba e ia trocar por cachaça. Aí a muié se sentia prejudicada. Porque se as muiés vem prá um acampamento, elas se vê numa prejudicação a bem do seu marido.”(DD)

Ele nos deixa claro que existem os militantes que já no acampamento não cumprem com a responsabilidade do homem trabalhador em relação a prover a família, por conta de que dão prioridade à bebida em lugar da família. Ele faz, na seqüência de sua fala uma crítica a um companheiro seu Marinho, que acaba prejudicando aos próprios filhos por não aplicar bem os recursos recebidos:

“Chegava um pacote de 5kg de arroz,ele levava prá o barraqueiro e trocava por um litro de cachaça. Um quilo de arroz por um litro de cachaça e a muié em casa precisando de arroz prá comer. Aí a muié reclama.”(DD)

Há uma clara atitude condenatória que existe neste enunciado para o modelo de militante que não consegue ou que não deseja cumprir com o papel de provedor e de trabalhador, dando margem a que a mulher reclame. Essa colocação tem um sentido de colocar o enunciatador no lugar inferior, pois se deixando criticar pela mulher, está se permitindo a que ocupe um lugar de menor valor em relação a masculinidade.

Podemos afirmar que existe portanto, aqueles que fazem do trabalho uma exigência para o exercício da militância e da masculinidade, mas que nem todos conseguem corresponder e se enquadrar esse modelo.

Existe os que conseguem subjetivar o modelo de militante trabalhador que está presente na proposta do MST. É um modelo de subjetividade masculina, que cumpre com a obrigação de ressarcir o dinheiro emprestado pelo governo, dando a sua parte ao MST e provendo a sua família, bem investindo no seu lote. Para isso manifesta uma postura que socialmente definida como viril. Um exemplo para esse modelo é o citado anteriormente por Dado e um outro exemplo é seu Alberto, que durante o meu primeiro contato com ele no assentamento, fez questão de me mostrar todos os benefícios que realizou no seu lote, tais como um poço, a eletrificação, plantações variadas, etc. Trata-se de um modelo bastante competitivo, que busca enfrentar toda dificuldade em relação às exigências de produção. Ele faz questão de mostrar-se produtivo e competitivo e está bastante adaptado a realidade de existência que os assentados são submetido por parte de órgãos e instituição de fomento da sua atividade. É interessante notar que também seus corpos vão manifestar a construção social

dessa virilidade, através de uma rigidez corporal, que vai manifestar-se nos seus músculos rijos e em toda a sua estrutura física.

É um modelo que assume-se como provedor da família e busca ocupar o lugar de chefe da mesma, com atitudes muitas vezes de virilidade com manifestações de rudeza e de força. Todas as referências que foram feitas anteriormente, neste capítulo são de figuras que se enquadram perfeitamente este modelo de militante, cujos sujeitos assumiram a subjetividade militante apresentada no primeiro capítulo e produzidas, conforme vimos no segundo.

Por outro lado, existem aqueles que não conseguem subjetivar totalmente o modelo de militante trabalhador desenvolvida pelo MST. Eles funcionam numa lógica de que é dever do governo sustentá-los e dar a manutenção e assistência a ele e a sua família. Ele se caracteriza pela esperança de que o governo o assista e o atenda, não vendo o trabalho como um referencial para as suas atitudes de militante. Nele estão presentes tanto os que gastam o dinheiro com bebida, com carros, etc., como os que cobram uma maior assistência do governo na manutenção da vida dos assentados, como aqueles que fogem do trabalho e do confronto com a polícia.

Em algumas entrevistas isso foi marcante, como por exemplo em vários momentos da fala desse militante se referindo a coordenação do assentamento:

“Isso era um órgão pro governo tomar de conta e dar conta do recado. (...) Eu achava que isso aqui era um órgão pro INCRA mesmo tomar de conta. Botava uma pessoa, porque não tem carro do Estado? Entra muita verba do Estado, tem condição do carro do Estado tá aqui dentro direto, ele mesmo ser uma pessoa prá fazer os nossos projetos, elaborar os nossos projetos. (...) O INCRA quando libera o dinheiro, libera por ração, o pequeno produtor tá precisando do dinheiro prá fazer um negócio agora, não pode fazer, porque o INCRA solta de ração, devagarzim, solta devagar. Eu achava que o INSS devia fazer era: ‘Eu vou lhe aposentar você, prá você ficar com um salário mínimo, você tem seus direitos’”(LA)

Este militante a todo instante reivindica o controle do assentamento, o assessoramento, a manutenção e a direção, bem como os recursos para o investimento, como sendo responsabilidade do governo. Sua postura de resistência ao modelo produtivo que se busca implantar no assentamento, resgata o conceito de *economia moral* desenvolvido por THOMPSON(1998), que ao analisar o panorama dos motins da fome na Inglaterra do século

XVIII, apresenta o choque entre o modelo paternalista do mercado de alimentos, no qual se tinha uma política institucional protetora diante da escassez e o confronto com a política econômica de livre mercado de grãos que se iniciava.

Tratava-se de uma oposição entre uma visão da *economia moral* e uma visão da economia burguesa. O autor mostra que o mercado, no primeiro modelo de economia, tinha todo um procedimento de controle e proteção dos pobres e dos consumidores, com horários preestabelecidos e supervisão das compras. No novo procedimento, se instalava a vitória do *laissez-faire*, em que a economia se auto-regulava. Mesmo assim, embora o novo modelo de economia de mercado, ideal para o sistema capitalista fosse tomando força, manifestações da economia moral se apresentavam, reivindicando a maior participação do Estado, dos proprietários de terra e dos negociantes, no sentido de proteger os pobres na escassez. Era assim que os confrontos populares e os motins se manifestavam, como oposição clara ao livre mercado que se apoiava na filosofia liberal-moral do Iluminismo.

É na verdade uma forma de resistir ao livre mercado, dentro de um preceito de sentido comunitário que também percebemos presente neste comportamento deste militante, quando reivindica um maior controle do Estado no assentamento, mostrando-se muito mais próximo de um modelo de *economia moral* do que de uma economia de mercado.

Inclusive, pelo fato de ter sofrido um acidente em que ficou com uma seqüela no joelho, do qual se queixou bastante, reivindicando o direito a aposentadoria. De forma geral, reflete uma certa postura desvirilizada de não poder corresponder ao ideal proposto de homem trabalhador, empreendedor e viril, necessitando ser amparado por parte do governo, num desejo de que ele realize uma certa maternagem das suas necessidades.

Esses modelos dissidentes em relação ao trabalho da militância não existe em sua totalidade, nem mesmo naqueles que colocou-se como exemplo, pois não acreditamos na possibilidade nem de uma sujeição absoluta a um referencial, numa cristalização perfeita, nem numa dissidência completa. Mesmo aqueles que aparentemente parecem estar perfeitamente emoldurados no que lhe é exigido, encontram momentos de fluxo, no qual a subjetivação dá margem a novas formas de molduras.

O próprio presidente da cooperativa, é um exemplo de uma impossibilidade de sujeição absoluta ao modelo de militante trabalhador, pois o seu trabalho de militante, vai sofrer a dificuldade de cumprimento total, diante da dependência dos demais militantes em cumprirem os seus trabalhos:

“Eu digo, uma planta, quando você planta ela, ela é idêntica uma criança quando nasce. Criança quando nasce, ela vai indo se alimentando, leite materno, vai ficando fortinha, quando parou, uma vitaminazinha, um negocinho e ela vai. Agora não dê o trato não prá ver uma coisa. O menino desse tamanho, desnutrido e a planta, depois que ficou desnutrida não adianta gastar mais nela. Aí o cara fica dizendo que isso é conversa prá boi dormir.(...) não adianta. E se o cara for puxar mais e querer falar, ele diz: ‘Vai mandar na tua vida’”(BN)

Num outro momento ele é mais aberto em criticar a falta de compromisso dos cooperados em relação ao trabalho com suas terras, com a cooperativa, e com o movimento, demonstrando toda a sua frustração:

“Eu digo: -companheiro vamo cada um dar um pouco prá agente fazer uma sede -Não! Eu dei mas comeram. Mas se comeram, vamo construir. Agente fica até com vergonha de chamar uma pessoa, uma entidade para visitar aqui, não tem lugar para acomodar. Vai botar lá debaixo do pé de manga? Quando o cara vem na sua casa, que vê tudo organizado ele diz que aqui tem dono, mas quando vem que encontra o lixo da porta da sala na porta da cozinha, diz que o negócio aqui é desmantelado, não venho mais nunca. Tem que ter um negócio bonito, bem entrosado.”(BN)

Com esse enunciado, o militante deixa transparecer a sua insatisfação pelo fato de que não existe um comprometimento com o trabalho por parte dos militantes diante das obrigações para com a cooperativa - que é assessorada pelo MST - chegando a compará-la com um casa, pois o militante provedor é o mesmo militante que deve também ser trabalhador, mostrando com isso, que corresponde ao ideal de masculinidade que lhe é solicitado. Tal ideal também vai estar relacionado com a capacidade de cumprir com o papel de pai, que lhe foi passado na sua história pelo seu pai e hoje, na sua militância política, pelo MST. Vamos tratar deste tema no item a seguir.

3. FOI MEU PAI QUEM ME ENSINOU

Conforme analisamos anteriormente a questão da militância relativa ao trabalho, vamos observar neste instante a questão da militância e a história de vida do militante em cumprir o seu papel de pai e de filho. Iniciamos a partir de uma fala de um militante, que em determinado momento de uma entrevista nos afirma:

“É que nem um caso que diz assim, ói um home só é home com outro home, porque eu e Dado somo do mermo tamanho, o que Dado tem só é uma bóia em casa também. Mas já chega o senhor que já tem um trocado mais do que agente. Quer dizer que agente só somo home com o senhor.”(FB)

Seu Fernandes deixa evidente nesta fala, que para que ele possa se assumir como homem, existe a necessidade de que tenha um outro homem, que para ele deve ser superior a ele. Daí colocar o entrevistador nesse lugar. É de certo modo, uma tendência dos homens, na sua história de vida, construir sua masculinidade a partir de uma figura simbolicamente superior, que no caso da criança vai se tratar da figura paterna.

Pensando a questão da militância política, podemos entender também que este enunciado expressa a necessidade de cumprir também o modelo de militância que o movimento determina para ele, conforme o processo de sujeição e de construção da masculinidade que lhe foi realizada pelo seu próprio pai.

Analisando os dados dos entrevistados, concluiu-se que a relação paterna foi fundamental para a construção do modelo de militante do MST, conforme aconteceu na sua relação com o próprio pai. Todos foram unânimes em afirmar que foram os seus pais que os levaram para o mundo. Seu Geraldo afirma que sua primeira experiência de trabalho aconteceu com sete anos de idade, por iniciativa do pai que o levou. Era um trabalho de sacrifício e luta já em tenra idade, mais direcionado para os meninos:

“Um dia todim de chuva meu amigo, um menino não podia sair assim, prá debaixo de uma torceirinha não(...)O bichim chega batia um dente um no outro. Era só você vendo. Tinha menino que só podia pegar três bandeirinhas assim no braço, bandeirinha de cana, de tão magrim, com três

bandeirinha assim(...) menina não ia não. Menina era difícil, não era obrigada não.”(S.G.)

É uma época marcada por grandes surras no aprendizado da masculinidade, no qual os princípios de dignidade determinavam que não podia pegar no alheio, pois se o fizesse, levaria uma dura e dolorosa lição ao estilo do tronco. É interessante notar que este militante, falando da lembrança de uma surra sofrida por ter trazido para casa produtos do roçado alheio, fala que levou uma grande pisa, que foi necessário a intervenção da mãe para não apanhar mais, mas que como resultado ele assim se expressa hoje:

“...e pegou eu e tome corda, tome corda, aí mãe: ‘Não tá bom, ele não faz mais não.’ Isso eu achei que ele tava errado? Ele fez como um homem. Ele fez como um homem, e isso é o que se deve fazer com um filho. Tá vendo o que se deve fazer com um filho é isso, prá não dar mau exemplo. Eu não era menino pequeno?E eu nunca me esqueci disso.(S.G)

É importante anotar na fala deste militante, o valor que ele dá a esta experiência para a sua boa formação de homem. Tanto é que ele vai dizer que é assim que um homem deve fazer com o seu filho, para também torná-lo homem. Ao mesmo tempo em que a lição de masculinidade passa o valor da dignidade de não se apoderar do que é dos outros, também passa a mensagem de violência, virilidade, agressividade para o exercício da paternidade.

GAY(1995) analisando a questão da agressão no século XIX, vai mostrar a relação entre a agressividade e o culto da masculinidade para a sociedade burguesa. O cultivo do ódio, justificava as atividades belicosas através dos ideais masculinos de concorrência econômica e militar, movido pelo entusiasmos da teoria do progresso iluminista. A indústria, o comércio, a política eram os novos campos de batalha em que a masculinidade poderia exercer sua agressividade, sob um alibi moderno de uma vida ativa e viril. Na política, por exemplo, defendia-se a bandeira da guerra, do nacionalismo e do sectarismo, no qual o fiel seguidor deveria abrir mão de toda a sua intimidade emocional, dirigindo os impulsos agressivos contra os excluídos de sua família política. Surge assim esse homem viril, ativo e vigoroso, que vai ser imposto ao mundo moderno ocidental, que será imposto como modelo dominante para todos os homens. Para isso, o autor vai falar da própria agressividade que o industrialismo vai lançar

sobre a ignorância e sobre a resignação, no intuito de produzir esse homem moderno agressivo e viril.

Um homem tem que ser homem, e isso só se realiza através do processo de construção que lhe é exigido desde cedo, na própria relação com o pai, onde vai ter que ser viril e agressivo. Também podemos ver esse mesmo esforço de construção deste modelo de masculinidade viril, através do MST, que busca também elaborar o seu militante masculino e viril, justificado pelos ideais políticos que propõe. A relação de um homem ser responsável pela masculinidade do filho é um dos compromissos dominantes para o exercício da paternidade.

José Francisco também conta que foi o pai quem o puxou para o trabalho, que também era agricultor. Augusto também afirma ter sido levado pelo pai para o mundo do trabalho. Seu Alberto, que também seguiu a mesma atividade agrícola do pai e que começou a trabalhar com sete anos de idade, chega a afirmar sobre a autoridade paterna:

“É porque eu acho que os filhos escuta os pais, o pai é o professor dos filhos (...) o pai é o espelho do filho, então se o filho é um menino obediente e vai na regra do pai, o pai não vai querer o mau dele, vai?”(S.A.)

Existe uma expressão muito forte nesta frase de um agricultor simples, mas ao mesmo tempo sábio. O compromisso do pai com os filhos o põe no lugar de professor, que passa uma educação, de espelho que passa uma imagem e de lei que constrói uma regra. Esse é o mecanismo que rege a paternidade, e que vai estar presente no meio rural, por mais simples que seja. É a paternidade que passa a imagem, a educação e a lei da virilidade para os filhos.

Dado vai afirmar a importância da paternidade se referindo a seu compromisso com o seu filho. Falando sobre a participação de toda a família na luta do acampamento ele afirma, em um momento em que o filho pequeno de cinco ou seis anos estava presente:

“...se eu tô com um menino desse no meio da rua apontou para seu filho de 5 ou 6 anos - ele tá fazendo aqui o que? Ele tá sabendo que eu tô aqui, aí chegou aqui. Já evitou de tá andando daqui praulá. Se ele tá na ponta da rua, eu não tenho serviço para ele, ele vai dar para fazer o que? Fumar maconha, fumar cola, pegar no que é dos

outros, à toa. E aqui dentro tá o que? Ah, teu pai foi para o outro lado, vai levar a burra, amarra lá. Ele chega aqui, ói, teu pai tá lá buscando capim, vocês vão para lá buscar capim e quando vim traz os bichos.”(DD)

Essa cumplicidade masculina em torno da paternidade, serve inclusive de referência nas situações em que opositores se encontram, em um momento em que um domina o outro. A esse respeito Antônio pedreiro narra uma situação em que alguns capangas que vinham para pegar os Sem Terra foram rendidos e que, com medo de morrer eles fazem o seguinte pedido:

“-Rcza.

Aí os cara rezaram.

-Tu ainda vem? Se seu patrão mandar, ainda vem?

- Vem não. Solte agente, somo pai de família.”

É interessante o recurso que os capangas da fazenda utilizaram para que os Sem Terra não os matasse, que foi justamente recorrer ao sentimento de paternidade que eles possuem, como um mecanismo de tocá-los empática e emocionalmente, para que os deixassem vivos. Tais capangas não foram mortos, mas sofreram bastante durante toda a noite, com banhos de água fria. Seu apelo para não morrer, batia de frente com o exercício da paternidade que os Sem Terra, na condição de um lugar de militância masculina e viril tinham de exercer, que era o de proteger suas famílias com força e violência. Por isso mesmo é que seu Arlindo veio a fazer um paralelo entre o acampamento e uma grande família. Família esta, cujo pai era o MST, com seus ensinamentos de militância e virilidade.

O movimento vai servir de uma figura referencial paterna que vai fazer um chamamento paternal para a militância viril do trabalhador rural, cumprindo com a determinação de que um *homem só é homem com outro homem*, levando a que os seus militantes busquem cumprir com as obrigações a que o papel de pai representa. Tal qual o pai de suas vidas, o movimento lhes impõem um modelo que deve ser seguido e cumprido, com toda a rigidez e virilidade idealizada.

O que chama bastante atenção nesta experiência de paternidade que é colocada pelos militantes, é que não existe espaço, em ambas as experiências de paternidade, para que se

possa exercer variações e singularidades do modelo ideal proposto. Do modo como o movimento impõe uma forma de militância viril e masculina, os pais também impõe aos seus filhos um modelo de masculinidade que deve ser cumprido e não contrariado. Entretanto vamos encontrar, tanto a busca pela realização desse modelo, como as experiências de dissidências do mesmo, dentro das atividades dos militantes.

Inicialmente existem os que assumem com rigidez o lugar da paternidade viril, pois buscam cumprir acima de tudo com o que lhe é determinado diante da família. É o caso de seu Geraldo., que se impôs ficar no acampamento, embora todos os percalços vividos, com vergonha de voltar com as mãos abanando para a cidade onde morava. No emaranhado de sentimentos vividos no assentamento, o medo é um dos sentimento presentes, que vai ceder conforme o confronto com outros sentimentos do indivíduo ou mesmo com sua auto-definição. No caso deste militante, foi o sentimento de vergonha, de ter falhado, que o fez vencer o medo do acampamento:

“... eu mesmo pelo menos, não corri de lá, com vergonha de chegar em casa, por que muitos vizinhos quando vê uma pessoa sair assim prá um negócio, né? Aí fica dizendo: ‘É vai chegar aqui quebrado de pau’. Lá mesmo em Santa Rita, muitos desejavam os amigos chegar quebrado de pau da polícia.”(S.G.)

É importante analisar que nessa mistura de sentimentos diante da militância. Esse militante expressa o sentimento de vergonha voltar para casa “quebrado de pau”, o que equívale dizer, ser colocado num lugar inferior. Isso tem a ver com o modelo de masculinidade dominante, no qual ser homem é manter uma postura de honra e de orgulho diante do outro. Por isso mesmo teve que se expor ao perigo e não ter de voltar por baixo, dando um exemplo de paternidade, se forçando a cumprir com o papel que lhe foi determinado em relação a conquistar um pedaço de terra.

A partir desse modelo de paternidade que predomina para o exercício de uma masculinidade viril, que se submete a tudo em nome de poder cumprir com o seu papel de pai, vamos encontrar também uma série de outros modelos que não vão dar conta do exercício de paternidade que lhes é oferecido.

Temos um exemplo disso, na relação de seu Alberto com o seu filho, que também é pai. Na sua rigidez, este militante vai dificultar a possibilidade a que o filho possa exercer a sua paternidade de forma independente do seu modelo. Com sua presença excessiva, a que o filho possa tomar conta da sua vida amorosa e da sua família, como se vê no exemplo que tem-se a seguir, retirado do diário de campo:

“Quando fui entrando no assentamento, certa vez, escutei seu Arlindo dando uma bronca no filho e dizendo-lhe que já tinha gasto muito dinheiro com “aquela mulher”. Naquele momento não fiquei sabendo a quem ele se referia. Posteriormente, entendi que se tratava da ex-esposa do filho de seu Arlindo, que havia tido relações extraconjugais ainda casada com ele, e o mesmo ainda desejava ficar com ele, tendo reatado a relação por duas vezes. Obtive essa informação a partir de um contato com um grupo de homens, que trouxeram o tema pela passagem do rapaz com o dois filhos por perto do grupo. Foram unânimes em afirmar que o rapaz era um coitado e um tolo e seu Biu completou dizendo que se o rapaz inventasse de voltar, seu Arlindo daria uma pisa nos dois.”

Podemos interpretar o MST como o pai que busca orientar o filho ao exercício de um modelo de militante masculino e viril. Também os próprios militantes vão buscar reproduzir esse exercício em relação aos seus filhos, como o caso de seu Alberto que busca fazer cumprir no filho o modelo de masculinidade que deseja, exercendo a sua paternidade conforme a direção que espera para o seu filho.

Notamos na postura deste militante e dos demais, a defesa do modelo de paternidade, pois serve de referencial para a masculinidade viril, buscando exercer uma atitude paternal de imposição, não permitindo o exercício de uma forma singular de exercer a paternidade e a relação com a mulher. É como se tivesse sido criado um clima de que por agir daquela forma, cuidando dos filhos e querendo voltar para a ex-esposa, o rapaz não correspondesse aos princípios educativos da masculinidade viril que o pai lhe deu. Por isso mesmo, tanto desprezo pelo seu modo de agir. Além do mais, seu Alberto dá margem a ser pensado de modo a que não possibilite ao filho ter autonomia e dar conta de sua própria vida,

mantendo-se num lugar de poder e controle paterno que infantiliza o filho, conforme o MST faz com seus militantes.

Um outro momento de paternidade não desejada e condenável, que entra em choque com o modelo que o MST propõe, é a paternidade que perde o seu poder de referencial diante da relação do pai com a bebida. Dependente do álcool, o pai não vai poder cumprir com o seu compromisso de provedor, alijando a família da assistência alimentar e de segurança devida. Um caso típico é o de um militante que segundo Sebastião e Dado afirmaram que ele deixou de levar comida para casa, tanto no acampamento, como no assentamento, para tomar cachaça, deixando os nove filhos que possui com fome. Trata-se de mais um tipo de masculinidade que exerce a sua paternidade sem o compromisso com sua família e com a militância, pelo poder que a bebida lhe tem.

Outra forma de paternidade que não deve ser vivida dentro do movimento e que entra em confronto direto com o modelo dominante é o de pai homossexual. Existe um caso citado por Dado ao qual ele narra que Silva era homossexual e que foi expulso do acampamento por estar transando com os homens e com uma besta:

“Agora se o senhor vir o home é uma tristeza, tem filha moça, tem filha casada, é pai de neto e depois de véi deu prá essa safadeza.”(DD)

Tal atitude por parte deste militante foi imediatamente coibida com uma assembléia que o levou a expulsão, pois não condiz com o modelo de militante necessário para o movimento, nem de paternidade também exigida.

Finalmente, temos o tipo de paternidade que é condenável, que é a que se põe em fuga durante os momentos de perigos do acampamento. Existe um exemplo de um tipo de paternidade deste tipo, com o próprio coordenador do movimento, que segundo conta seu Dado, teria fugido e deixado todo o grupo durante um momento em que a polícia chegou. É como se o militante, enquanto uma figura socialmente caracterizada como masculina, não pudesse fugir de sua obrigação de filho do movimento e deixar a todos, pelo sentimento de medo. Da forma como um filho é educado para não abandonar o pai, sendo condenado se o fazê-lo, um militante que abandona a todos e foge, também é condenado e diminuído.

Aliás, existem várias outras formas de ser diminuído ou admirado na atitude de militante viril, não só no que diz respeito ao trabalho e a paternidade. Em relação a

sexualidade, o militante tem que demonstrar a sua masculinidade viril, sob pena de ser colocado no lugar feminino. Vejamos este tema a partir do item seguinte.

4. FAZ VINTE E NOVE ANO QUE ACUNHO A CHAVE DE FENDA

A questão da militância no assentamento e acampamento está marcada pelo discurso de potência e virilidade por parte do masculino, que corresponde a atitude sexual, socialmente construída para os homens, que a todo instante busca submeter, controlar, dominar o outro sexualmente. Essa discursividade é marcada também pelo seu contraditório, conforme se viu em relação ao trabalho e a paternidade. Como foi feito tanto com o trabalho, quanto com a paternidade, também dividiu-se a sexualidade em dois tipos específicos, que indica a posição de assunção ou não do modelo dominante.

O modelo dominante de militante é aquele que consegue ser fecundo nas suas atitudes viris, construindo uma imagem absoluta de potência e de virilidade sexual. Podemos encontrá-lo presentes nos discursos sobre a sexualidade dos militantes assentados em Massangana III, bem como também temos presente o seu inverso, conforme os discursos que serão vistos. Vejamos, inicialmente o modelo de virilidade sexual, de um militante que se apresentou bastante adaptado à experiência de militante:

“...faz vinte e nove ano de macaca. Que eu acunho com a ‘chave de fenda’. Com a chave de fenda, com quatorze ano (...) Porque eu com doze ano eu já era um bode da bixiga. Doze ano eu já era bode. Coisava assim, pegava a coisar assim, era um enxame das nega tão do estopor. (...) ói, eu com a idade de 12 ano já tinha nega moça formada, que tinha idade de ser mãe minha, apaixonada por eu. Agora cu pintava c bordava.”(DD)

Nesta fala, temos a utilização de várias formas explicativas que se encaixam perfeitamente com o discurso de virilidade e força sexual que busca marcar a discursividade do militante ideal do MST. Ele se refere inicialmente à relação sexual como sendo uma atitude de violência e agressividade por parte do homem, pois se refere a uma expressão que diz respeito a utilização do chicote para bater no outro, “*sentando a macaca*”, referindo-se evidentemente, ao órgão sexual masculino. Neste mesmo sentido ele usa o termo chave de fenda, que remete a um símbolo fálico que vai perfurar a fenda do parafuso, utilizando a força para abri-lo.

Também é utilizado imagens animais para se referir a atividade sexual, pois ele fala que era um “*bodé*”¹, que é um animal que pode dar conta de várias cabras num mesmo curral. Este sentido é completado com a utilização da expressão “*cnxamc*” que vem do latim *examcnr*², e que se refere a um grupo grande de abelhas. Outro fato importante que deve ser visto nesta fala é a necessidade de evidenciar que sua atividade sexual já teve início logo cedo na vida, ou seja, logo cedo se tornou homem³. Também é relevante alertar para o fato de que esses momentos iniciais, foram vividos com uma mulher mais velha que tinha idade de ser a sua mãe.

É uma postura que expressa potência, rigidez, desempenho, que tem que corresponder ao máximo a expectativa do que esperam dele. Trata-se de um lugar cobrado também do militante do MST, no qual se deve estar em alerta, para não ser entendido e colocado em um lugar menor, estando sempre pronto para a sua luta.

Esta postura está sempre presente no militante, conforme pode-se verificar durante o convívio na construção da sede da cooperativa, onde ela surge, representando o modelo viril, mas ao mesmo tempo impondo um modelo desvirilizado ao outro. Verificamos no convívio no espaço de trabalho de militantes, uma disputa intensiva no sentido de fazer com que o outro fosse colocado num lugar inferior, estando sempre presente um gozo por submeter o outro a ocupar o espaço feminino. Esta é inclusiva a tarefa do militante, que deve demonstrar toda a sua potência através dos símbolos fâlicos que o movimento possui.

Temos várias situações de relacionamento entre os homens, em que submeter o outro ao lugar feminino é uma situação sexual prazerosa para os militantes. Em uma situação seu Santiago, que é pedreiro, foi questionado se faria o piso da casa de um morador do assentamento, no que ele respondeu que seria possível, só se o trabalho durasse somente um dia. Como o preço era bastante barato um senhor perguntou-lhe com ironia:

“*Você deixa ‘queimar’ também?*”

Nessa questão de duplo sentido, que é marcante nos espaços onde predomina a masculinidade, a expressão ‘*queimar*’, assume tanto o sentido de passar cimento no piso, alisando com a colher de pedreiro para que ele fique bastante liso, quanto o sentido de permitir que haja uma relação sexual ativa sobre ele. Queimar então assume o sentido de que outro

¹ ruminante cavicórneo, macho da cabra, segundo a Larouse Cultural

² da Larouse Cultural

³ pois segundo...a vida sexual mais cedo é sinal de passagem para a masculinidade.

venha a gastar o fogo da sua sexualidade nele, num sentido de uma relação anal, queimando também assim a sua própria masculinidade.

Essa homofobia que aterroriza os homens de serem colocados no lugar passivo, que tem haver com feminilidade, é testada a todo instante. Um rapaz que estava de bicicleta, fez uma brincadeira com Anacleto pedreiro, pelo serviço que estava fazendo na casa de um dos assentados, dizendo-lhe que ele não iria pagar pelos seus serviços realizados na casa. Anacleto, imediatamente respondeu a brincadeira dizendo-lhe:

“Ele vai pagar ‘lá’”

Neste caso, esta expressão vai conter um duplo sentido de rumo. O primeiro deles se refere a pagar o dinheiro em algum lugar e o segundo, que está subentendido, é o de que ele vai pagar com uma relação sexual que está insinuada. O pagamento deixa, então de ser um ato passivo, e passa a ser um ato ativo de masculinidade viril sobre o outro.

Noutro momento, seu Sebastião, que gentilmente aguardava para ser entrevistado - entrevista esta que acabou não ocorrendo, pois estava alcoolizado e não havia dormido à noite fazendo a vigilância da cooperativa - estava cochilando, já quase caindo ao chão. Anacleto, ao perceber que ele estava dormindo sentado, disse em tom irônico que fez todos rirem:

“É perigoso, pois pode ‘cair de boca’”

A expressão cair de boca, possui o sentido inicial de queda, que evidencia uma qualidade de ficar por baixo, através de uma ação que no mínimo gera riso. Por outro lado, ela é acompanhada pelo termo de boca, que vai intensificar o sentido de que além de ficar em baixo, se cai de boca aberta abrindo espaço para se preenchido por alguma coisa. Existe portanto, um cunho sexual de masculinidade viril, onde o outro vai ser preenchido nos seus espaços orais ou anais, que corresponde a atitude do militante em relação a sua conquista da terra.

Noutro momento, insinuando que o trabalho de seu Anacleto não estava rendendo, foi-lhe sugerido para que aumentasse a produção, que ele *“trocasse”* com Marcos que era o pedreiro da cooperativa. O sentido desse trocasse, nesta situação era nitidamente de cunho sexual.

Em todas essas expressões existe um esforço de desvirilização do outro sexualmente, numa situação que busca fazer dele um ser de menor valor e portanto humilhado. Como se vê, tem-se a expressão de uma masculinidade viril e potente sexualmente, simultaneamente apresentada com a figura do seu oposto, uma masculinidade desvirilizada e impotente também no campo sexual.

Além desses tipos que transitam entre o assujeitamento e a sujeição sexual ao outro, vai se ter um jogo constante de disputa verbal e de resistência ao lugar desvirilizado, como marca definitiva do duelo masculino que busca rebaixar o outro ao lugar feminino. Isso ocorreu inclusive com o próprio pesquisador, quando numa entrevista, onde o tema era a questão sexual e transitava em torno da tentativa dos entrevistados colocarem seu Fernandes no lugar de homossexual, surgiu a seguinte situação, motivada pela chegada de um rapaz na casa de seu Fernandes:

O rapaz pergunta ao entrevistador⁴:

N: *Tu tá negociando é?*

E: *Não. Estou fazendo um trabalho.*

DD: *Um trabalho.*

E: *Da universidade. Estou aqui passando o tempo aqui e fazendo uma entrevista.*

N: *Na casa de Fuba pega mal!*

Todos riram. Nisso já foi introduzido um tom sexual ao assunto. O entrevistador então fala:

E: *Tá Fuba, agora virou para o seu lado.*

DD: *A casa que não tem muié, só dá home.*

Seu Fuba se defende:

FB: *Eu vou dá prá chegar na casa dos amigo assim.*

Nisso o entrevistador traz o tema da revista:

E: *E ele tem umas revistas de ferramentas ali.*

E seu Fuba fala em relação ao rapaz:

FB: *Ele já viu a chave de fenda.*

É justamente nesse momento que o rapaz coloca a atitude de submeter o entrevistador a um lugar feminino:

N: *Aquela dali é prá dar injeção. Prá quem sabe ler também.*

DD: *Pronto, agora vai prá o senhor.*

Se referindo ao entrevistador. Todos riem dele.

Seu Fernandes então fala, se referindo a N e o colocando no lugar feminino:

F: *Menino desse assim, dá uma injeção prá ver se ele não gosta.*

O entrevistador então se defende:

⁴ E significa entrevistador; N é o rapaz que chegou; D é seu Duda e F e seu Fuba

E: *Minha leitura prá isso é pouca. Isso aí eu sou analfabeto*

Neste instante é importante analisarmos o confronto entre um modelo que subjetivaram e o discurso masculino burguês de forma diversa. Ao olharmos para o entrevistador, encontraremos um modelo que subjetivou o ideal de masculinidade burguesa em vários aspectos, tais como na postura, na formação acadêmica, na constituição familiar, na classe social a que se situa e que vai a campo pesquisar um modelo que difere em vários aspectos da sua forma de construção do masculino de classe média, mas que se aproxima em vários outros, ficando evidente no jogo de poder que se instala. Aparentemente, o pesquisador é colocado na condição de “doutor” da universidade, numa situação de domínio e privilégio sobre os demais. É uma situação que constrange os entrevistados, mas que conseguem reagir com uma atitude de constranger o entrevistador.

GAY(1995) faz uma vinculação entre o fazer piada através de elementos culturais, com a atitude belicosa e manifestação da agressão na nossa sociedade. Além de representar um rompimento contra a ordem, *“o riso, vem da idéia da própria superioridade”* nos fala Baudelaire. A agressão se dissolve e é administrada pela violência do riso, sendo socialmente construída e aceita. Desse modo é que os entrevistados, diante do constrangimento de estarem sendo pesquisados nas suas masculinidades, tratam de fazer piada com o entrevistado, fazendo com que o lugar de poder que ele ocupava seja questionado, mexendo na sua própria masculinidade, na qual, ele constrangido, reage e se defende.

A forma de exercer a militância viril do MST que é relativa ao prazer sexual de colocar o outro no lugar feminino, vai possuir fissuras que dizem respeito ao mecanismo de desvirilização, num jogo de poder que o que se coloca no lugar de cima vai estar submetido. Veremos a seguir, as várias formas de categorização que são feitas para os que se submetem ao lugar feminino, não realizado agora pelo homem, mas pela mulher.

•Quantas macacadas você deu mais ele, muié?!

O militante que se coloca num lugar viril pode sofrer um processo de virilização ou de desvirilização, a partir da postura que possa ser assumida pelo homem diante de uma situação de traição da sua companheira. Tal qual o movimento exige fidelidade do militante no cumprimento da sua obrigação, o homem também vai exigir fidelidade da mulher. Dessa forma

uma traição feminina na relação com o seu companheiro representa uma comprovada desvirilidade do homem que a vive, sendo-lhe exigido tomar uma atitude enérgica diante dela. O homem traído, mas que não assume uma postura viril em defesa de sua honra, vai sair do lugar de potente sexual para o de assujeitado sexual, recebendo o nome de “corno”. Por isso mesmo, o lugar de colocar o outro como traído é uma porta aberta para sua desvirilização, conforme afirma Armando ao ser perguntado se era daquele assentamento:

*“do Rio Grande do Norte graças a Deus, pois ali”-
em Massangana - se colocasse um chocalho no
pescoço dos cornos, ninguém dormia à noite.”*

Essa fala de Armando surgiu em um bar, e teve um tom de gozação em relação ao homem que é submetido a infidelidade feminina. O homem fica desmoralizado. Entretanto, existem alguns recursos, como foi dito, para que ele possa sair desse lugar de inferioridade e desvirilidade. Um deles é agir com violência diante da mulher, deixando-a logo em seguida. É o caso de seu Dado, que já teve 08 casamentos e que acabou deixando a todos logo em seguida a traição, mas dando sempre uma surra na mulher. Para ele, tem-se que reagir sempre com violência e agressividade numa situação como esta:

*“Aí eu fiquei com essa outra. Essa outra tinha um
meninim mesmo assim, mesmo menor do que esse,
mas não andava o bichim. Ela pou! Botava o menino
dentro da rede, se danava prá casa da vizinha. Eu
digo, essa miséria tá botando gaia neu. Só quer tá
na casa dos outros e o menino cagado dentro da
rede. Eu vou buscá-la pelos cabelos, fui dá-la uma
surra no meio da rua.” (DD) E caiu na risada.*

De fato, seu Dado narra vários episódios que viveu em que efetivamente realizou atitudes de violência com as mulheres que o trairam e que logo a seguir as abandonou. Na sua fala se localiza tanto um prazer em dizer da quantidade de mulheres que teve, como de falar da violência que utilizou para com elas se lhe foram infiéis. Ambos são mecanismos de virilização da masculinidade que são marcantes também para a postura do militante do MST. O militante é levado a construir a sua subjetividade em nome da honra do movimento, tendo sempre atitudes viris ao ocupar os espaços aos quais é convocado.

Esse entrevistado em um entrevista realizada somente com ele, veio afirmar que o homem tem que cumprir com o seu papel de provedor, de cumpridor dos seus deveres justamente para não dar margem para que a mulher lhe traia. Assim como o militante, a mulher tem que andar na linha, pois se não o fizer, portanto, merece uma punição:

*“Na minha casa com a minha esposa, ela tem por obrigação de andar no caminho certo e fazer o certo. E se eu vou errado? Como ela vai? Ela diz: ‘Eu vou errar, porque uma dor se paga com outra.’
Prá eu não dá o meu direito a ela, prá ela não ter direito, eu ando na linha.”(DD)*

O andar na linha a que seu Dado se refere é simplesmente prover a casa de alimento. Para ele, cumprir com esse dever é dar-se ao direito de cobrar da mulher a sua fidelidade, mesmo que ele próprio não o seja. Esse modelo de homem teme ficar submetido a mulher e por ela ser desvirilizado. É uma espécie de mulher-Eva que pode lhe desonrar e submetê-lo. É um tipo de mulher que não se submete, ou se quando se submete é somente para se aproveitar do homem, usando para com ele as mesmas armas masculinas de não se comprometer. Exemplo desse tipo de mulher, foi a que se relacionou com seu Fernandes e que, segundo o seu próprio depoimento:

“A mulé acabou o que eu tinha, a mulé não queria viver, só queria modomia (...) foi tempo que papai faleceu, deixou uns negócio, eu vim, comprei uma vaca, paguei, comprei uma vaca de bezerro, peguei o bezerro, troquei noutro, e fui dando umas trocada, fui aprumando, eu sei que eu já tava com oito bicho (...) Acabou com tudo.”(FB)

Após ter acabado com tudo, ela o deixou. Ele hoje prefere viver sozinho, pois várias das suas relações funcionaram desta mesma forma. É um modelo feminino do qual os homens temem. Seu Dado chega a chamá-la de diabo:

“Um diabo de uma muié.”

Esse modelo feminino é o que é capaz de utilizar as armas masculinas na relação com os homens. Trata-se de um princípio feminino que deve ser descartado totalmente da vida

do homem, como deve ser descartado da subjetividade do militante, os valores e princípios femininos, pois são capazes de desvirilizá-lo, deixando-o fraco para a luta. Digamos que da forma como têm uma homofobia em relação aos outros homens, o feminino também produz um medo no militante, pois é capaz de retirar-lhe a força viril que o faz combatente. Outra coisa que os homens temem em relação às mulheres é a sua história sexual, pois através dela, elas podem também agirem segundo o modelo masculino de terem tido o máximo de experiências possíveis, conforme afirma seu Dado:

“O senhor teve cinco namoro com cinco moça. Aí as cinco moça, teve uma que teve intimidade com o senhor. Ela vai se casa com outro. Aí se encontra com o: ‘Opa fulano, tudo bem? Quantos fã tu tem?’ E naquelas brincadeira, do tempo passado, vai se recordando de um pro outro. Aí quando der fé que não, o bejú tá virado (...)aí vai começar a falar mau do inquilino aí no final do caso, se ajunta uma coisa com a outra, ela termina se pegando ao senhor, aí fica com ele e o senhor.”(DD)

É um risco que o modelo de masculinidade viril não pode se submeter, pois esse tipo de mulher que tem história sexual, pode por em risco a sua virilidade, comparando-o com outros e fazendo-lhe desvirilizado. Seu Dado, que foi um homem que teve muitas relações, nas quais, segundo ele próprio, “*elas não podiam bobear que ele soltava a macaca*”, vai passar a viver com o eterno receio de que suas novas parceiras possam estar lembrando ou mesmo encontrar com antigos companheiros. Daí seu comportamento paranóico e violento em relação a sexualidade delas.

• Se bater fofo, leva nome de fresco!

Uma outra situação que o militante demonstra o risco de que a masculinidade viril pode sofrer um processo de desvirilização é através do que os militantes vão chamar de *bater fofo*. Conforme o militante não pode correr da luta e fugir da briga a que é convocado, o modelo de masculinidade viril também tem que demonstrar que nunca sentiu dificuldade de transar com uma mulher, por conta de uma disfunção eretiva. Seu Dado mostra isso bem claramente na sua fala:

“Eu nunca tive isso. Meu negócio era isso, seu cu chegasse lá fora, arrumasse uma nega que me permitia, cultivando ela do jeito que eu quisesse, quando chegasse em casa, que a de casa precisasse, tava às ordens. Nunca chegou ao ponto de bater fofo. Não. Pisada segura.”(DD)

Esse militante faz questão de demonstrar que dá conta da mulher de casa e da mulher da rua. Com isso tem-se uma busca de passar uma imagem de masculinidade viril e rígida que não foge ao espaço sexual que as mulheres lhe possibilitem. Por traz desse discurso tem um medo de que em algum momento isso possa acontecer ou possa ser descoberto que aconteceu, na medida em que o lugar de masculinidade é assegurado por essa capacidade de não “bater fofo”. Faz parte de um cuidado *performativo* do qual tem que está sempre atento para não sair mau falado:

“Se o camarada não for, for um boca aberta, ele leva nome de fresco. (...) se o camarada fizer de moleza e somente pegar na mão assim, não der um abraço, não der um cheiro, não passar a mão nos peito dela, não passar a mão embaixo, ela não passa oito dia namorando com ele. Sai logo dizendo as vizinhas: ‘aquilo é muito mole, (...) aquela peste é muito mole.’”(DD)

Vemos nesta fala, um receio de ser colocado pela mulher no lugar daquele que não correspondeu às suas expectativas, tendo que render o suficiente e ter uma postura viril permanente. É o medo de ficar mau falado entre elas, com a divulgação de que é mole, e portanto pouco homem. Da mesma forma que o militante não pode fugir e *negar fogo* à luta a que é convocado, um homem jamais pode fugir da situação de transar com uma mulher, quando ela lhe dar a possibilidade para tal, sob pena de ficar mau falado por todos. Vemos assim que há uma identificação entre as duas situações de militante e de vida sexual masculina.

• Eu não preciso de injeção!

Dentre as várias situações de desvirilização temida pelos militantes do MST, temos também o medo que apresenta em relação a seu corpo ficar doente, ou ser visto com doente. É um sinal de fraqueza e de aproximação de um lugar feminino de fragilidade, que dificulta a que o militante vá ao posto de saúde, e lá seja cuidado por uma médica, mostrando sua fragilidade. A médica pode representar-lhe uma pessoa desvirilizada que vai lhe exercer um certo poder. Como afirma a própria militante que trabalho no posto:

“Quando tinha o médico, vinham mais homens se consultar e tinha menos mulheres. Agora, depois que o médico deixou de atender, que passou a vir a médica, vem homens, mas diminuiu e aumentou as mulheres.”(CM)

No posto de saúde, além de fugirem da médica, os homens também fogem de situações as quais tenham que se submeter as injeções, como vemos a seguir:

“...a esposa veio e a médica disse que tinha que fazer bezetacil e mandou que o marido viesse também. Ele veio, mas quando chegou aqui, e soube que era para tomar injeção, ele se recusou. A doutora disse que ele tinha que tomar, para um tratamento, que se ela fizer só, não adianta e explicou. E ele, quando foi preparar o teste, foi embora (...) era o medo de tomar injeção.”(CM)

É interessante anotar esses depoimentos, pois eles contribuem para pensar o que estamos falando sobre o processo de desvirilização que os homens tanto temem. Tanto em relação a médica, que possui um saber que está nas mãos de uma mulher, como na situação de tomar uma injeção, que representa uma situação de introdução de algo pontiagudo no corpo inviolável masculino, temos uma situação de possível desvirilização da masculinidade. Por este motivo, é que é tão difícil aos militantes puderem ceder espaço de suas vidas para se submeter ao cuidado com a sua saúde, no posto de saúde. Talvez seja por isso mesmo que pudemos perceber a baixíssima presença masculina nos momentos em que estive no posto. A frequência maior era de mulheres, meninos e idosos.

- Televisão só ensina a muié fazer safadeza

Uma outra situação na qual o militante vê correr risco a sua virilidade, é a situação que poderemos caracterizar como o avanço do mundo moderno. Eles falam acerca de um processo reconhecidamente transformador das relações de gênero e da forma em lidar com a sexualidade ao qual estão submetidos, por força da participação da mulher no mundo do trabalho e da influência da mídia na vida das pessoas. Esses fatos vêm dificultar a capacidade em exercer o modelo de masculina viril, dificultando até mesmo a militância política. Vários foram os entrevistados que falaram sobre isso. José Francisco fala da questão da participação da mulher no mundo do trabalho, interferindo nas relações que para ele seriam as corretas, em que a mulher toma conta de casa e o homem é o chefe:

“Antigamente, os negócio era, as mulé só vivia mais do roçado, agora hoje em dia, as mulé só vivi mais na rua, empregada, outros negócio, aí não quer levar a vida de uma dona de casa. Aí as vez descontrola certos negócio. (...) Hoje em dia, o cara vai botar lei, as vez a mulé é daquele tipo mesmo, aí, ‘você vai fazer isso aqui rapaz!’ ‘Eu não vou fazer não!’ Aí começa a confusão, vai aumentando e termina separando.”(Z.F.)

Para este militante a participação da mulher no mundo do trabalho é quem vem fazendo com que o homem não possa mais exercer o seu papel de lei e de chefe da casa, gerando conflitos. Para ele, as separações vão ocorrer por força da confusão gerada no confronto que a mulher vai fazer ao seu marido, quando esta começa a viver uma certa autonomia dada pela sua participação no mundo do trabalho.

Por sua vez, seu Dado e Seu Geraldo falaram acerca da influência da televisão nas transformações das relações de gênero e sexuais. Assim falou seu Geraldo:

“sou contra a televisão nesse sentido, que antigamente tinha a censura, a censura de 18 anos (...) você vê essas novela de muié ter um marido, puxar prá outro, deixa um por outro, ele deixa por outra mulé em tempo, fica aprendendo, isso é um ensino, uma aula.”(S.G.)

E seu Dado confirma:

“Porque eles ensina todo tipo de safadeza, só é assistir uma novela, (...) Aí começa umas mocinha novinha, treze ano, doze ano, aí vem, fica olhando assim, começa olhando e fica desejando, quando der fê que não o bejú, o desmantelo tá feito, aí termina no final das contas, no lugar de ter cem moça, só tem uma, de cem só ficou uma. É como a história que eu disse de cem muié, é de ficar duas ou três original. Agora porque? A televisão ensina a muié botar gaia, ensina muié transar, ensina tudo, e o caba não pode dizer que é mentira, ensina mesmo.”(DD)

Seu Geraldo vai apontar a televisão como a causadora das traições nas relações e portanto, como causadora da desvirilização dos homens. É na televisão, segundo suas palavras que se tem todo o ensinamento de como devem fazer. Ele sente falta da censura, que vai afirmar como a grande controladora do que poderia ser visto ou não na televisão.

Já a fala de seu Dado vai discursar claramente sobre as “safadezas” que a televisão está ensinando, possibilitando a que as moças, logo cedo na vida venham a aprender coisas da sexualidade. Por isso mesmo, cada vez mais vai se ter menos moça “original”, pois a televisão ensina a trair, a transar etc.

Todos esses homens são exemplos de militantes que se adaptaram ao modelo de militante do MST, e que buscam se prender a ele, pois o mesmo está fundamentado no modelo que é definido socialmente como uma masculinidade viril.

Diante de todas as crises internas e externas do modelo de masculinidade dominante, que é questionado a todo instante pelos impedimentos sociais ou subjetivos de serem cumpridos, esses militantes se agarram ao modelo de militante do MST, já que é um território seguro para todo o processo de insegurança e crise que vive a masculinidade na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos finalizar este trabalho fazendo algumas considerações acerca do que verificamos durante a sua elaboração. Inicialmente é importante anotar que a luta política do MST e toda a discursividade em torno do seu surgimento, apresenta uma forma de realização que é definida socialmente como masculina, pelas suas características de uso da força e da virilidade física e psicológica para enfrentar o adversário. A subjetividade do militante está situada dentro daquilo que se define como uma postura agressiva, e o próprio movimento valoriza e evidencia estas qualidades para o modelo de militante ideal.

A própria forma organizacional com a qual está estruturado o movimento nos permite pensar esse caráter racional e hierarquizante que está presente na forma de pensar a masculinidade na nossa sociedade. Ser masculino é ser viril, agressivo, racional, hierarquizado. Desse modo, inevitavelmente o movimento repete toda a discursividade moderna a cerca do que seja o masculino, se apropriando desses discursos socialmente circulantes para contar sua própria história.

Por isso mesmo, existe todo um esforço estratégico nos vários setores e instâncias que compõem o MST em fazer valer o modo de produção de subjetividade do seu militante, enquanto um sujeito que compõe na sua educação, sua formação, suas emoções e no seu corpo este modelo de militante.

Olhando para as subjetividades dos militantes no assentamento e no acampamento, pudemos perceber que os militantes assumem esse lugar masculino com grande satisfação, pois representa um discurso socialmente construído, determinante de um sujeito posicional que evita as possibilidades de transformação. Eles se encontram bastante adaptados a forma de subjetivar o modelo de militante, por se tratar de um modelo dentro de um modelo masculino, que na sua história de vida, já é bastante conhecido.

O lugar da masculinidade socialmente construída que apresenta elementos discursivos de virilidades no trabalho, na paternidade e na sexualidade, também vão estar presentes dentro do modelo de militante do Movimento dos Sem Terra, possibilitando que seja este lugar também um lugar de fácil subjetivação.

Dessa forma é que vamos ver mulheres e homens subjetivando o modelo de militante na divisão do trabalho, mas mantendo a diferença socialmente construída da diferenciação sexual que põe a mulher no lugar de ocupar as atividades mais tradicionais para ela, como as atividades domésticas, a criação de filhos, o cuidado com os animais pequenos e a “ajuda besta” na roça, quando tem uma folga.

Há um esforço de manter o homem militante no lugar de destaque da família, como o “cabeça”, que pensa e que dirige a todos, tomando conta das finanças e do destino que deve ser dado ao dinheiro, provendo a todos com sua força e seu trabalho, tanto no acampamento como no assentamento. A mulher militante é colocada no lugar do feminino do inferior ao homem, que deve ficar com as atividades que exigem menos força física.

Ainda em relação ao lugar que é estabelecido para o homem militante, como o que deve ocupar o lugar masculino e o cabeça da casa, também constatamos que ele vai buscar construir, tal qual o próprio movimento busca fazer com ele, um exercício da forma dominante de masculinidade, através da paternidade que dirige e orienta os destinos de todos na família. Sendo assim, ele interfere na vida dos filhos tanto orientando-lhes para o trabalho, como na vida afetiva.

No que se refere a sexualidade, pudemos constatar que o modelo vivido pela sexualidade do militante está dentro do padrão de virilidade que aponta para uma forma socialmente definidora da masculinidade. Ele se sente na obrigação de dar muitas “macacadas” e não pode apresentar em nenhum instante perda dessa qualidade virilidade, que pode acontecer de várias formas, desde a não corresponder a uma solicitação feminina, a bater fofo, a ser traído e não reagir, a permitir que seu corpo seja vulnerável, sob pena de ser tratado como “fresco”.

Aqueles que não correspondam ao modelo dominante de militância e que acabem respondendo de forma não esperada onde não predomine a virilidade, vão ter um tratamento discriminatório por parte tanto dos militantes, como por parte da própria estrutura do movimento, que leva imediatamente para a assembléia, sendo quase sempre encaminhado para a expulsão.

Por isso mesmo, podemos constatar a obrigatoriedade desse modelo de virilidade para a construção do militante, não permitindo que possam ser exercido formas socialmente definidas como femininas para a militância.

Nesse sentido, as próprias mulheres e crianças são obrigadas a subjetivar essa forma de exercer a militância, realizando atos de bravura, força e resistência nas desocupações,

nas caminhadas, nas manifestações, nas assembléias, mesmo que após a realização desta manifestação, acabem saindo deste lugar, que de direito é dos homens.

O lugar do militante viril pode ser também ocupado pelas mulheres, mas são mantidas o predomínio para os homens sobre este lugar, tanto é que lhe é cobrado muito mais a correspondência deste lugar do que das próprias mulheres. As próprias atividades dos homens na militância, acabam mantendo esse lugar.

Por tudo isso, é que pudemos constatar através de nossa pesquisa, que através da luta política do Movimento dos Sem Terra, em que toda a família é levada a uma busca da transformação social e política, não ocorre profundas transformações nas relações de gênero. Chegamos a conclusão de que isso se dá por alguns motivos que vamos apontar neste instante.

Inicialmente, o fato do modelo de militante ser um modelo dentro dos padrões socialmente estabelecidos para o masculino viril, ele acaba estimulando a manutenção da hierarquia dos gêneros, onde o masculino é superior, através da força e da agressividade e o feminino é inferior por ter as características socialmente definidas de fragilidade e submissão.

A forma de luta do movimento estimula, antes mesmo de fazer questionar, essa forma de agir masculino, mantendo todas como valores que devem ser cumpridos pelos homens.

Por outro lado, todo o ritual e simbolismo do movimento também está assentado nesses valores masculinos, mostrando que o próprio movimento representa uma forma de ser e de agir com virilidade e força, o que também não dá margem a que os militantes possam questionar suas posturas no seu cotidiano.

O movimento não promove nenhuma redefinição do modelo dominante de masculinidade e embora tenha criado um setor para trabalhar as questões de gênero pertinentes ao movimento e a busca pela coerência com o discurso de não exploração e igualdade, ele ainda representa uma iniciativa muito recente, que não trouxe nenhum avanço e que terá bastante dificuldade em fazê-lo, pois só terá efeito através de uma crítica profunda na própria estrutura do MST.

Entretanto, conseguimos perceber um discurso sobre as transformações das relações de gênero por parte dos militantes, muito mais por força externa ao próprio movimento, tais como a televisão que se faz presente em todos os lares e que traz novas formas de subjetividade que se infiltram na família, bem como através das situações em que a mulher tem que ter uma atividade de trabalho fora de casa, deixando o lugar da mulher doméstica e dona de casa. Esses dois fatores são na verdade os que são apresentados pelos

militantes como os maiores transformadores das relações de gênero e da própria forma de exercício da masculinidade, e com os quais os militantes apresentam profunda aversão, pois lhes dificultam o exercício da masculinidade que o movimento apresenta.

Por tudo isso, podemos afirmar que o MST não consegue promover significativas alterações nas relações de gênero e na forma de se perceber a masculinidade, pelo fato de que repete o modelo dominante, não se constituindo em um canal de seu questionamento.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVAY, Ricardo, **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**, São Paulo- Rio de Janeiro: Editora da Unicamp-Hucitec, 1992.
- ARON, Raymond, **As Etapas do Pensamento Sociológico**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ALMEIDA, Miguel Vale, **Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- AZEVEDO, Rubens de, **A Bandeira Nacional: Suas Cores, Seu Desenho, Sua História, Suas Estrelas, Seu Culto**. 3. ed. Fortaleza, CE: Tukano, 1988.
- BADINTER, Elisabeth, **XY: Sobre a Identidade Masculina**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- BARTHES, Roland, **O Óbvio e o Obtuso: Ensaios Críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean, **À Sombra das Maiorias Silenciosas**, 4.ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEAUVOIR, Simone de, **O Segundo Sexo. Volume 1**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre, **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**, 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

- _____. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **O que é o método Paulo Freire**, 14. ed, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- DAOLIO, Jocimar, **Da Cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FERNANDES, Bernardo Mançano, **MST: Formação e Territorialização**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FREIRE, Gilberto, **Casa Grande e Senzala**, 21. Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.
- FREUND, Julien, **Sociologia de Max Weber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GABEIRA, Fernando. **O Crepúsculo do Macho: Depoimento**. 23. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GAY, Peter, **O Cultivo do Ódio: A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud. Volume 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GIDDENS, Anthony, **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- _____. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

- GIRARDET, Raol, **Mitos e Mitologias Políticas**, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio, **Religiosidade e Fé na Luta pela Terra**, In STÉDILE, João Pedro Stédile (org.). **A Reforma Agrária e a Luta pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio (org.). **Uma Foice Longe da Terra: A Repressão aos Sem-Terra nas Ruas de Porto Alegre**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografia do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARVEY, David, **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- LARROSA, Jorge, **Tecnologias do Eu e Educação**, In SILVA, Tomaz Tadeu (org.), **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 1995.
- LAZZARETTI, Miguel Ângelo, **Processos de Ação Coletiva e Organização dos Trabalhadores Rurais: O caso do Assentamento Massangana III - Cruz do Espírito Santo/Pb**, Campina Grande: UFPB, 2000, Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural.
- LIMA, Joselita Ferreira, **Liderança e Afeto: A Afetividade e a Militância Política na Perspectiva das Lideranças do MST na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 2000 Monografia do Curso de Especialização em Educação.
- LINS, Daniel (org.) **A Dominação Masculina Revisada**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

- MAINGUENEAU, Dominique, **Os Termos-Chaves da Análise do Discurso**. São Paulo: Gradiva, 1995.
- MARX, Karl, **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro Primeiro**, volume I. 6. ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- MARX, Karl & FRIEDRICH Engels, **Manifesto do Partido Comunista**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEDEIROS, Leonilde Servolo de, Impactos Históricos do Uso e da Propriedade da Terra no Brasil, In STÉDILE, João Pedro (org.), **A Reforma Agrária e a Luta do MST**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MONTEIRO, Marko, **Tenham Piedade dos Homens! Masculinidades em Mudança**. Juiz de Fora: FEME, 2000.
- NOLASCO, Sócrates, **O Mito da Masculinidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ORLANDI, Eni P., **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 2. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- PAIVA, Antônio Cristian Saraiva, **Sujeito e Laço Social: A produção de Subjetividade na Arqueogenealogia de Michel Foucault**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PRIEB, Sérgio Alfredo Massen. **Coletivos na Luta e no Trabalho: O caso do Assentamento de Nova Ramada em Júlio de Castilhos**, Campina Grande: UFPB, 1994, Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural.
- RAGO, Luiza Margareth & MOREIRA, Eduardo F. P., **O que é Taylorismo**. 8.ed. São Paulo: editora brasiliense, 1994.
- ROUANET, Sérgio Paulo, **As Razões do Iluminismo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- SANTOS, Boaventura de Souza, **Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth, **A Classe Operária tem Dois Sexos: Trabalho, Dominação e Resistência**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- STÉDILE, João Pedro (org.), **A Reforma Agrária e a Luta do MST**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudo sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Paul, **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VILLELA, Wilza, Homem que é homem também pega Aids? In: ARILHA, Margareth, RIDENTI, Sandra G. Unbehaum & MEDRADO, Benedito (orgs.). **Homens e Masculinidades: Outras palavras**, São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.
- WEBER, Max, **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva, Volume I**, 3. ed., Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.

LISTA DOS DOCUMENTOS DO MST PESQUISADOS

- MST. **Documento Básico do MST - Documento para debate e revisão durante 1994/95**, São Paulo, julho, 1994.
- _____. **As Instâncias Nacionais e Estaduais**, novembro, 1993.
- _____. **Desafios Atuais do MST: Ocupar Novos Espaços na Sociedade**, Bahia, março, 1998.
- _____. **Como Implementar na Prática os Valores do MST - Sugestões recolhidas no 9. Encontro Nacional do MST**, São Paulo, março, 1998.
- _____. **Nossa Força Depende da Nossa Dedicção**, Caderno de Formação. N.13, São Paulo, julho, 1987.
- _____. **A Força que Anima os Militantes**, São Paulo, novembro, 1994.
- _____. **Princípios da Educação no MST**, Caderno de Educação N.08, São Paulo, janeiro, 1999.
- _____. **Nossos Valores**, Caderno do educando, São Paulo, junho, 2000.
- _____. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Como Organizar**, Caderno de Educação N. 03, São Paulo, abril, 1994.
- _____. **Plano Nacional do MST: 1989 a 1993**, Caderno de Formação N.17, São Paulo, junho, 1989.
- _____. **A Emancipação dos Assentamentos**, Caderno de Cooperação Agrícola N.06, São Paulo, março, 1998.
- _____. **Método de Trabalho Popular**, Caderno de Formação N.24, São Paulo, junho, 1997.
- _____. **Elementos Sobre a Teoria da Organização no Campo**, Caderno de Formação N.11, São Paulo, agosto, 1986.
- _____. **Como Organizar os Assentamentos Individuais**, São Paulo, julho, 1994.
- _____. **Cooperativas de Produção: Questões Práticas**, Caderno de Formação N.21, 3. ed., São Paulo, junho, 1997.
- _____. **Normas e Orientações do Jornal Sem Terra**, São Paulo, julho, 1988.
- _____. **Enfrentar os Desafios da Organização nos Assentamentos**, Caderno de Cooperação Agrícola N.07, São Paulo, novembro, 1998.
- _____. **A Vez dos Valores**, Caderno de Formação N.26, São Paulo, janeiro, 1998.

- ____. **Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental**, Caderno de Educação N.09, São Paulo, novembro, 1999.
- ____. **Che Guevara Vive**, Setor de Formação, São Paulo, s/d.
- ____. **Alfabetização**, Caderno de Educação N.02, 3. ed., São Paulo, julho, 1998.
- ____. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Didática da Linguagem**, Caderno de Educação. N.04, Porto Alegre, Setembro, 1994.
- ____. **MST: Rumo ao 3. Congresso**, São Paulo, fevereiro, 1995.
- ____. **Ocupar, Resistir, Produzir, Também na Educação**, Escola de Assentamento, novembro, 1992.
- ____. **Cartilha Preparatória ao Encontro Estadual do MST/Pb**, Alhandra, dezembro, 1996.
- ____. **Planejamento no Trabalho de Massas**, São Paulo, julho, 1985.
- ____. **Criança em Movimento: As Mobilizações Infantis do MST**, Porto Alegre, agosto, 1999.
- ____. **Lutar por Saúde é Lutar por Vida**, Caderno de Saúde, n. 01, 2. ed., São Paulo, junho, 2000
- ____. **Reflexão sobre a Violência no Campo**, São Paulo: Cepis, s/d.
- ____. **Sistema Cooperativista dos Assentados**, Caderno de Cooperação Agrícola N.05, 2.ed., São Paulo, junho, 1998.
- ____. **Calendário Histórico dos Trabalhadores**, 3. ed., São Paulo, janeiro, 1999.
- ____. **Normas Gerais do Movimento a Nível Estadual**, São Paulo, julho, 1988.
- ____. **Mulheres Sem Terra**, São Paulo, fevereiro, 2000.
- ____. **Campanha de Construção da Escola Nacional do MST**, Caderno de Formação N.29., São Paulo, maio, 1998.
- ____. **Semeando Educação no MST**, São Paulo, junho, 1998.
- ____. **Lutar por Saúde é Lutar pela Vida**, Caderno de Saúde N.01, Brasília, abril, 1999.
- ____. **Programa Terra e Saúde**, Caderno de Saúde N.02, Brasília, novembro, 1999.
- ____. **Entendendo a Realidade para Acertar a Prática**, São Paulo, julho, 1993.
- ____. **Pequenas Histórias para Entender Economia Política**, Caderno de Formação N.24, São Paulo, janeiro, 1996.
- ____. **A Evolução da Concepção Agrícola de Cooperação Agrícola do MST**, Caderno de Cooperação Agrícola N.08, São Paulo, agosto, 1999.
- ____. **Plantando Seremos Milhões**, São Paulo, julho, 1999.
- ____. **Escola Intinerante em Acampamentos do MST**, São Paulo, junho, 1998.

- ____. **Canudos na Paraíba**, João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 2000.
- ____. **Reforma Agrária Porque?** Brasília, 1986.
- ____. **Questão Agrária no Brasil**, São Paulo, Atual, 1997.
- ____. **Política de Finanças**, 1994.
- ____. **Mulher e Trabalho**, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, São Paulo, 1986.
- ____. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, Brasília, 1998.
- ____. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, de março a novembro, de 1999 a 2000.

OUTRAS FONTES

- A Semana: Política, economia e comportamento, maio de 2000, Ano I, n. 52.
- Caros Amigos, Ano IV, n. 39, junho 2000.
- Veja, Editora Abril, ed. 1648, Ano 33, n. 19, maio, 2000.
- Isto É, ed. 1591, março, 2000.

MILITANTES ENTREVISTADOS E CITADOS

NOME	PSEUDÔNIMO	DATA DA ENTREVISTA	SEXO
1. A.F	AUGUSTO	04/06/2000	M
2. AN.	ANACLETO	20/07/2000	M
3. AR	ARMANDO*	28/06/2000	M
4. BN	BERENÍCIO	20/07/2000	M
5. CM	CARMÉLIA	27/06/2000	F
6. D.C.	CARMEM	06/07/2000	F
7. DD	DODA	29/06/2000	M
8. DU	DEMÉTRIUS	12/07/2000	M
9. FB	FERNANDES	12/07/2000	M
10. JO	JUVENAL	06/07/2000	M
11. LA	LAURO	06/07/2000	F
12. MA	MARINHO*	20/06/2000	M
13. ME	MARCOS*	28/06/2000	M
14. MR	MARIA	27/06/2000	F
15. NN	NILDO*	28/06/2000	M
16. S.A.	SEU ALBERTO	05/06/2000	M
17. S.B.	SEBASTIÃO	20/07/2000	M
18. S.G	SEU GERALDO	30/06/2000	M
19. SL	SILVA*	12/07/2000	M
20. SS	SANTIAGO*	28/06/2000	M
21. Z.F.	JOSÉ FRANCISCO	04/07/2000	M

*Não foram entrevistados, mas estão presentes no trabalho, sendo citado por algum entrevistado, fazendo parte de uma observação de campo ou estando presente numa discussão em grupo.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Você participou desde o início do acampamento?
2. Foi com a família ou sozinho?
3. Como foi a experiência de militância no acampamento?
4. Como foi a experiência de militância no assentamento?
5. Qual a diferença entre homem e mulher nesses dois momentos de militância?
6. Qual o significado do trabalho na sua vida?
7. Como era a sua relação com o seu pai?
8. Qual a orientação do movimento nos dois momentos de militância?
9. Como se cuidava das doenças no acampamento e no assentamento?